



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E
ENSINO

**ENTRE *TERRA SONÂMBULA* E *SLEEPWALKING LAND*:
AS (IM)POSSIBILIDADES DA TRADUÇÃO LITERÁRIA**

Iá Niani Belo Maia

CAMPINA GRANDE
JULHO, 2015

Iá Niani Belo Maia

**ENTRE *TERRA SONÂMBULA* E *SLEEPWALKING LAND*:
AS (IM)POSSIBILIDADES DA TRADUÇÃO LITERÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande.
Orientadora: Dra. Sinara de Oliveira Branco (UFCG).

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Sinara de Oliveira Branco

Profª. Drª. Sinara de Oliveira Branco UFCG
(Orientadora)

Roberto Carlos Assis

Prof. Dr. Roberto Carlos Assis - UFPB
(Examinador Externo)

Josilene Pinheiro-Mariz

Profª. Dra. Josilene Pinheiro-Mariz - UFCG
(Examinadora Interna)

Prof. Dr. Marco Antônio Margarido Costa- UFCG
(Suplente-Examinador)

Campina Grande, Julho de 2015

Dedico este trabalho aos que acreditam na educação como uma prática universal e aos que veem na diversidade cultural a essência de tudo o que é humano.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora, Sinara de Oliveira Branco, cujas orientações e o cuidado marcaram esse período surpreendente, compartilhado com ela.

À banca examinadora, que gentilmente aceitou o convite para contribuir com seu olhar crítico ao meu trabalho, minha gratidão, professores Josilene Pinheiro-Mariz, Roberto Carlos de Assis e Marco Antônio Margarido Costa.

Aos professores da Pós-graduação em Linguagem e Ensino. Um agradecimento especial para Williany Miranda da Silva e para Washington Silva de Farias.

Fazem parte deste importante percurso, e de tantos outros, a minha querida família, que sempre me apoiou e me compreendeu nos momentos difíceis. Meus pais, Wânia e Alexandre, meu irmão, Fernando Maia, minha cunhada, Ilana Branco, minhas avós, Carly e Elza, meus primos e primas, meus tios e tias, além de toda família Porto, especialmente Angela, Catarina, Duína, Fernando, Almir, Hermann e Carina.

Agradeço imensamente o apoio especial de Carol, Dimitri, Marcos e família.

Amor, compreensão, paciência e apoio não descreverão a importância de ter tido Ludmila ao meu lado, minha companheira, ao longo dos dias e madrugadas de escrita, da organização do tempo de trabalho, das constantes viagens entre Paraíba e Pernambuco, e dos reencontros com a escrita.

Agradeço igualmente a todos os meus colegas de mestrado, especialmente, Bruno Rafael e Jhulianne Silva, que repartiram comigo as angústias e alegrias desse período tão importante.

Ao longo do tempo, também me ajudaram a trilhar os caminhos todos os amigos que carinhosamente me receberam em Campina Grande, Ricardo, João, Jonas, Manoel, Suellen, Guilherme, Isaac, Diniz, Cristiano, entre outros.

Um agradecimento afetuoso para aos meus eternos amigos, que de alguma forma contribuíram para o meu amadurecimento aqui na terra: Ana Clara Pinheiro, Adriana Pires, Ivana Oliveira, Clélia Pondja, Izabel Araújo, Joseilda Venâncio, Lorena Arouche, Laura Herrero, Vanessa Marinho, Ariann, Alan Nascimento, Carlinhos, Marcelli, Marcelino Henrique, entre outros.

Tradução aproxima. Tradução distancia. Tradução agencia. Tradução manipula. Tradução mente. Tradução ilude. Tradução revela. Tradução falseia. Tradução redime. Tradução agride. Tradução enaltece. Tradução denigre. Tradução degrada. Tradução aclama. Tradução conclama. Tradução perturba. Tradução conturba. Tradução acalenta. Tradução reduz. Tradução recorta. Tradução transforma. Tradução violenta. Tradução inventa. Tradução amplifica. Tradução modifica. Tradução modula. Tradução encena. Tradução regula. Tradução controla. Tradução concorda. Tradução lapida. Tradução dilapida. Tradução dilacera. Tradução discorda. Tradução mata. Tradução revive. Tradução cria. Tradução procria. Tradução transcria. Tradução é cria. Tradução é tudo. Tradução não é nada. Tradução é o que sobra. Tradução é o que falta. Tradução é obra...

Maurício Mendonça Cardoso

RESUMO

MAIA, Iá Niani Belo. **Entre *Terra Sonâmbula* e *Sleepwalking Land*: As (Im)possibilidades da Tradução Literária**. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, 2015).

O autor de uma obra literária tem sua escrita determinada pelas práticas sociais condizentes ao momento histórico e ao contexto sociocultural de uma época. De modo semelhante, as estratégias do tradutor são marcadas por condições históricas e ideológicas que, muitas vezes, ditam as regras para a finalização do produto. Posto que a escrita de Mia Couto se realiza enquanto modo de ruptura de uma lógica ocidental, evidenciada no caráter contraventor de suas narrativas, o objetivo do presente estudo é apresentar as estratégias utilizadas na tradução da obra *Terra Sonâmbula* para o inglês, *Sleepwalking Land*. Realizamos um estudo descritivo sobre o original e sua tradução, sob a ótica das teorias da tradução e dos estudos culturais, levantando-se questões que implicam língua, sociedade e cultura. Para desenvolver a análise, foram delimitadas categorias, de modo que os textos, original e tradução, fossem observados paralelamente. O *corpus* da pesquisa é constituído pela obra literária de Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, escrita originalmente em português, e sua respectiva tradução para o inglês, *Sleepwalking Land*, realizada por David Brookshaw em contexto global da língua inglesa. Em um primeiro momento, assinalando o caráter descritivo da primeira fase, procuramos observar de que forma o tradutor lidou com algumas especificidades linguísticas presentes em *Terra Sonâmbula*; em seguida, direcionamos a análise para a apreciação da importância cultural nos estudos da tradução, buscando compreender como os elementos locais da cultura moçambicana foram transpostos para o contexto da língua inglesa em *Sleepwalking Land*, a partir das estratégias de domesticação e estrangeirização, discutidas por Venuti (1995), e das tendências deformadoras na tradução literária, debatidas por Berman (2012). Os resultados da pesquisa demonstram que a estratégia de domesticação foi predominante em *Sleepwalking Land*, causando a mitigação das significâncias culturais presentes em *Terra Sonâmbula*. Quanto à estratégia de estrangeirização, as conclusões apontam para um processo de ressignificação cultural não menos coercitivo, uma vez que ele contribui para perpetuação de estereótipos e compromete a simetria da inter-relação cultural. Dessa forma, através da discussão sobre os aspectos culturais, concluímos que os conceitos de equivalência e fidelidade não se assentam ao processo de tradução literária e que a desconstrução dessas noções ilusórias deve ser compreendida tanto na teoria como na prática de tradução.

Palavras-chave: Tradução, Cultura, Estratégias de Tradução.

ABSTRACT

MAIA, Iá Niani Belo. **Entre *Terra Sonâmbula* e *Sleepwalking Land*: As (Im)possibilidades da Tradução Literária**. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, 2015).

The author of a literary work has influences from social practices consistent to the historical moment and the sociocultural context of an era. Similarly, the translator's strategies result from historical and ideological conditions that often lead to the conclusion of a translation. Since Mia Couto's writing process takes place while breaking with a Western logic configuration, as evidenced in his transgressing narratives, this study aims to present the strategies applied in the translation of *Terra Sonâmbula* into English, *Sleepwalking Land*. It also conducts to a descriptive study of the original work and its translation from the perspective of Translation Theory and the Cultural Studies, rising issues involving language, society and culture. In order to develop the analysis of both texts simultaneously, the categories were established through the organization of the original text and the translated text in parallel. In addition, the *corpora* of this research consist of the literary work of Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, originally written in Portuguese, and its translation into English, *Sleepwalking Land*, by David Brookshaw. Firstly, the present study aims to observe how the translator has dealt with some linguistic features present in *Terra Sonâmbula*, which has marked the descriptive features of the first phase. The analysis focuses on the perception of the cultural significance in Translation Studies, as a means to understand how local elements of Mozambican culture were implemented in the overall context of the English language, through the domestication and foreignization strategies, discussed by Venuti (1995) and the deforming tendencies discussed by Berman (2012). Findings show that the domestication strategy was prevalent in *Sleepwalking Land*, resulting on the mitigation of cultural significance in *Terra Sonâmbula*. Concerning foreignization, the findings point to a no less coercive process of cultural redefinition, since it contributes to perpetuation of stereotypes and undermines the symmetry of cultural interrelation. Thus, through the discussion of the cultural aspects, we conclude that the concepts of equivalence and fidelity not sit the literary translation process and the deconstruction of these illusory notions must be understood both in theory and practice of translation.

Keywords: Translation, Culture, Translation Strategies

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Domesticação.....	60
FIGURA 2 – Estrangeirização.....	61
FIGURA 3 – Congolote e Centopeia.....	77
QUADRO 1 - Frequência das Estratégias Tradutórias em <i>Sleepwalking Land</i>	67

SUMÁRIO

A TRADUÇÃO LITERÁRIA E SEUS CAMINHOS ENTRE CULTURAS E LÍNGUAS	11
1 DA CONSTITUIÇÃO DO MODELO DE TRADUÇÃO À INCORPORAÇÃO DOS ELEMENTOS CULTURAIS	18
1.1 Aspectos culturais e literários em Estudos de Tradução no Brasil.....	21
1.2 A cultura para a Tradução Literária.....	28
1.2.1 A importância da cultura alvo para a constituição de um objeto de análise de tradução	30
1.3 O entrelugar da tradução literária: implicações para o processo de formação de identidades culturais.....	34
2 CONSTRUINDO UM MODELO DE INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA ANALÍTICA E DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO	52
2.1 O corpus de pesquisa	52
2.2 Definição de <i>corpus</i> para esta pesquisa	55
2.2.1 A pesquisa descritiva.....	57
2.3 Categorias estabelecidas para organização do <i>corpus</i> de pesquisa	58
2.4 Procedimentos metodológicos para a coleta de dados e critérios de seleção.....	63
3 AS IMPLICAÇÕES DAS ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS	66
3.1 Seleção de amostragem conforme categoria	68
3.2 Análise Qualitativa	74
3.2.1 A coerção da heterogeneidade e o comprometimento da iconicidade da palavra na estratégia de domesticação	74
3.2.2. A exotização e os estereótipos culturais na estratégia de estrangeirização	86
CONCLUSÃO	96
APÊNDICE A	101
APÊNDICE B	109
REFERÊNCIAS.....	113

A TRADUÇÃO LITERÁRIA E SEUS CAMINHOS ENTRE CULTURAS E LÍNGUAS

O autor de uma obra literária geralmente tem sua escrita relacionada a práticas sociais, já que as palavras fazem emergir um retrato histórico de uma época e do seu contexto sociocultural. Os tradutores passam por situação similar: as estratégias¹ do tradutor são muitas vezes assinaladas por condições históricas e ideológicas.

Assim, se a língua representa o mundo simbolicamente, as mensagens trocadas entre os indivíduos possuem informações circunscritas no conjunto de ideais de cada sociedade, uma vez que os códigos linguísticos revelam as idiossincrasias de cada contexto cultural. Ciente da importância da cultura para a tradução, Katan (1999) vai afirmar que tal aspecto exige do tradutor uma atuação que transcenda a ineficiência dos dicionários humanos, dado que seu papel se anuncia muito mais como “facilitador” da compreensão mútua entre pessoas.

Nesse sentido, embora o senso comum compreenda o processo tradutório como um ato de transpor um texto de uma língua para outra, restrito ao artifício de decodificação de signos linguísticos ou de transmutações sinonímicas, o tradutor literário, sendo um elemento-chave na comunicação entre universos literários, vai perceber a tradução como uma atividade além da mecanização de trocas de regras estruturais, na qual se leva em conta, sobretudo, os aspectos semânticos, os pormenores do estilo, além de entender o ato tradutório como meio de interseção direta entre línguas e culturas (LEFEVERE, 2003).

De modo geral, o mercado exige do tradutor a necessidade de se manter ‘invisível’ em relação ao autor da obra original (VENUTI, 1998; 1995). Nesse sentido, conserva-se um tácito apelo para a permanência fiel do sentido e da estrutura da obra

¹ Ao utilizarmos o termo ‘estratégias’, delimitamos nosso campo semântico para a noção de estratégia tradutória debatida por Venuti (1995; 1998), nomeadamente, a estratégia de estrangeirização e a estratégia de domesticação. Também optamos aqui pela utilização do termo ‘escolha’, no entanto, a aplicação deste não se limita às escolhas subjetivas do tradutor, mas se enquadra na lógica das determinações das estratégias de Venuti.

fonte ao se traduzir. Na verdade, não se sabe ao certo até que ponto os tradutores estão cientes da falta de ponderação existente nesse tipo de cobrança, imposta pelo mercado de trabalho e pelo público leitor de obras traduzidas.

Em termos teóricos, atualmente, a partir da reconfiguração do pensamento moderno sobre a verdade estática e a razão absoluta², surge um forte interesse em relacionar os Estudos da Tradução aos Estudos Culturais. Começa-se a observar o diferente e a relacionar essa diferença de comportamento a processos históricos, temporais e culturais. Desse modo, a visão eurocêntrica, perpetuada pelo ideal moderno, começa a sucumbir e os Estudos da Tradução, agora revestidos por uma perspectiva contestadora, passam a se desinteressar por questões de fidelidade e pureza, abrindo espaço para compreensão das relações dinâmicas que constituem o processo tradutório (ARROJO, 1996).

Seguindo essa linha de pensamento, a presente pesquisa delinea-se pelo olhar cultural para examinar as possíveis interferências do tradutor ocidental sobre os aspectos culturais de uma sociedade não ocidental, tendo como *corpus* de estudo a obra *Sleepwalking Land*, tradução para o inglês da obra *Terra Sonâmbula*, do escritor moçambicano Mia Couto.

Para contextualizarmos e não excedermos na ampla discussão que o termo cultura pode suscitar, consideramos a pertinência de desenvolver nossa reflexão por um viés que engloba as relações culturais no interior da compreensão da hibridização

²Em artigo sobre os estudos da tradução na pós-modernidade, Arrojo (1996) inicialmente, faz uma apresentação negativa do pensamento moderno e do ideal iluminista. A autora atesta que, por ter sido propulsor da objetividade e da razão e por ter se baseado em valores totalitários de uma determinada classe, o pensamento moderno foi responsável por demarcar a negação da diferença. A autora faz uma crítica ao período histórico em que os valores ocidentais se sobrepõem a qualquer outra forma de pensamento, no sentido de observar como a pós-modernidade se apresenta na reconfiguração desse pensamento e como a sua desconstrução se realiza a partir de precursores teóricos de diferentes áreas do saber, como Marx, Nietzsche e Freud.

e dos entrecruzamentos culturais como processos inerentes a qualquer formação social.

Assim, a relação dos Estudos de Tradução com os Estudos Culturais é um fato proeminente em nossa pesquisa, e essa relação aqui se estende propositadamente para uma compreensão do fenômeno da globalização e da forçosa aproximação entre culturas. Ou seja, é uma reflexão que considera a interferência dos discursos coloniais no processo de tradução literária e que pensa esses discursos como parte inerente das relações entre os povos. Nesse sentido, a importância da cultura para a tradução se iguala à importância da globalização, compreendida aqui no interior das metáforas produzidas nas reflexões e imaginações que a refratam³ (IANNI, 2010).

Terra Sonâmbula é uma obra que se caracteriza por apresentar questões identitárias, que se manifestam metaforicamente na constituição dos personagens e do seu enredo, sendo, por essência, um desafio a qualquer tradutor, ora pela complexidade narrativa (com as criações linguísticas carregadas de significado) ora pelo enredamento cultural particular de Moçambique, onde os processos históricos se despontam.

O conteúdo autoafirmativo da obra é característica comum à literatura africana na época da descolonização⁴; essa busca pela literatura essencialmente africana, em Mia Couto, concretiza-se também na linguagem, posto que a construção textual de *Terra Sonâmbula* remete ao contexto cultural moçambicano. As expressões cristalizadas, intencionalmente desconstruídas, tornam o caráter inventivo de Mia

³“Essas metáforas dizem respeito às distintas possibilidades de prosseguimento de conquistas e dilemas da modernidade. Contemplam as controvérsias sobre modernidade e pós-modernidade, revelando como é principalmente a partir dos horizontes da modernidade que se pode imaginar as possibilidades e os impasses da pós-modernidade no novo mapa do mundo” (IANNI, 2010, p. 16).

⁴ Segundo Reis (2011, p. 80), esse processo se assemelha ao processo de negação e recusa do modelo europeu pelo qual passou a América moderna. Ao africano, coube se desenraizar para buscar as suas ‘verdadeiras’ raízes, e “é como desterrados ou (des)locados que os africanos vão reinventar sua identidade num discurso que traz as marcas do seu entrelugar cultural”.

Couto uma de suas principais marcas. Assim, o próprio autor afirma que suas criações só poderiam ser feitas por um moçambicano, “por alguém que está naquele mundo” (COUTO, 1998, p.1029).

É nesse ‘estar entre’ que se constitui *Terra Sonâmbula*, um romance que almeja o resgate e a reconstrução da nação moçambicana pós-independência e, ao mesmo tempo, transcende as questões políticas e sociais para trazer em seu contexto uma simbologia do espaço humano, dos conflitos existenciais. Assim, a condição de mediador cultural acaba obrigando o tradutor a refletir sobre o papel social da tradução no contexto da pós-modernidade (NIRANJANA, 1992).

Nesse sentido, frente às particularidades de *Terra Sonâmbula*, obra com características marcantes de uma cultura não ocidental, torna-se relevante pensar como David Brookshaw lida, em *Sleepwalking Land*, com as particularidades culturais e linguísticas presentes no texto original.

Desse modo, ao pensar em analisar *Sleepwalking Land*, a primeira intenção foi perceber como se consolidou a vinculação de elementos culturais aparentemente díspares, mas partindo do princípio que a tradução é capaz de abrir espaço para a apreensão do entrecruzamento cultural e para a discussão sobre as diferenças culturais.

Outro desafio para a nossa análise residiu na observação das (im)possibilidades tradutórias. Lages (2007, p.66) refere-se à tradução como uma forma de renúncia, trazendo a incompletude como “própria condição da linguagem e do traduzir”. Tal definição reconhece a tradução como um processo que envolve elementos diversos, o que abre espaço para uma constante atualização dos seus sentidos a cada nova análise de tradução. Uma vez materializada em desvios e alcances, *Sleepwalking Land* se configura como um rico exemplo para se refletir sobre o propósito da tradução literária, que, segundo Benjamin (2004), está em alcançar uma relação recíproca entre as línguas.

A organização da pesquisa procura condensar e inter-relacionar, de maneira objetiva, os três principais assuntos abordados: Tradução, Literatura e Cultura. Após a introdução, onde há a apresentação dos objetivos e das justificativas, a dissertação desenvolve-se em três capítulos: um teórico, um metodológico e um analítico, para, em seguida, apresentar a conclusão.

O capítulo teórico, que é constituído de tópicos e subtópicos, apresenta abordagem dos processos de ruptura do pensamento tradicional e da teoria da tradução, que passa a reconhecer a cultura alvo como ponto de partida para os seus estudos. Este capítulo também é um espaço para apresentar e discutir as estratégias de estrangeirização e domesticação, marcadas por Venuti (1995), entre outros conceitos que derivam da reflexão sobre essas estratégias, tais como, a invisibilidade do tradutor, a fluência e o discurso heterogêneo.

No segundo capítulo, de característica metodológica, procuramos descrever o *corpus* a partir de uma contextualização da obra original e de sua tradução para o inglês e também delimitar o modo pelo qual entendemos *corpus* nesta pesquisa. Além disso, utilizamos esse espaço para expor as categorias estabelecidas para a análise.

Para desenvolver a análise, delimitamos as categorias, de modo que os textos, original e tradução, fossem observados paralelamente. As categorias de análise enquadram os dados levantados em cada uma de suas especificações. Com base nas estratégias tradutórias estabelecidas por Venuti (1995) – a estratégia de estrangeirização e a estratégia de domesticação – e nas tendências deformadoras discutidas por Berman (2012) – o empobrecimento qualitativo, a homogeneização, o apagamento das superposições de línguas e a exotização ou destruição das redes de linguagens vernaculares –, criamos duas categorias de análise, para realizar, de forma objetiva, a descrição dos processos tradutórios e, por consequência, a análise de cada caso.

Sendo assim, delimitamos as categorias de análise de acordo com a verificação das estratégias tradutórias utilizadas por Brookshaw, quais sejam: a) Domesticação - por homogeneização, por empobrecimento qualitativo ou por apagamento das superposições de línguas b) Estrangeirização - por exotização ou sem deformação..

Procurando observar de que forma o tradutor lidou com algumas especificidades culturais e linguísticas presentes em *Terra Sonâmbula*, direcionamos a análise para a apreciação da importância cultural nos estudos da tradução, buscando compreender como os elementos locais da cultura moçambicana foram transpostos para o contexto global da língua inglesa em *Sleepwalking Land*, a partir das estratégias de domesticação e estrangeirização (VENUTI, 1995; 1998).

Trabalhando conceitos de tradução e cultura, procuramos descrever as estratégias utilizadas na tradução *Sleepwalking Land* dentro de suas intrincadas transferências culturais e linguísticas, surgindo, portanto, no interior da obra traduzida, componentes para análise que suscitam uma reflexão sobre as normas que regem o trabalho tradutório a partir da cultura que a recebe. .

Nesse sentido, as nossas perguntas de pesquisa consistem em entender como o tradutor lidou com as especificidades culturais de *Terra Sonâmbula*, no contexto global da língua inglesa, sendo uma obra estimada por sua originalidade linguística e cultural; e como as estratégias de estrangeirização ou domesticação em *Sleepwalking Land* estabeleceram a relação de elementos globais e locais da cultura moçambicana à cultura ocidental.

Coerente às perguntas norteadoras, temos como objetivo geral desta pesquisa a realização de um estudo descritivo sobre *Sleepwalking Land* sob a ótica das Teorias da Tradução e dos Estudos Culturais, levantando questões que implicam língua, sociedade e cultura. Os objetivos específicos, por sua vez, são os seguintes:

- a) Identificar 50 passagens da obra *Terra Sonâmbula* que apresentem termos culturais de Moçambique, observando a forma como o tradutor lidou com esses termos no contexto anglo-americano em *Sleepwalking Land*, organizando-os em categorias estabelecidas.
- b) Analisar os termos identificados nas categorias estabelecidas, considerando as estratégias de tradução de estrangeirização e domesticação associadas à sistemática da deformação.

A investigação dessas obras se faz necessária pela relevância cultural e sua importância em contextos diversos – local e global. No cenário internacional, a diversidade cultural é um tema que tem adquirido grande espaço, implicando a necessidade de aceitação e uma percepção mais ampla das diferentes culturas do nosso globo (AZIRPE *et al*, 2004). A visão política de aproximação cultural, impulsionada pelo desejo de igualdade através do respeito ao diferente, sugere uma nova postura do sujeito e, por consequência, do tradutor, cuja responsabilidade requer um posicionamento ainda menos inocente neste sentido.

Dessa forma, um estudo sobre tradução que considere os fatores culturais e que compreenda a tradução como uma forma de intervenção cultural reúne uma série de considerações que permitem uma reflexão sobre a situação global, onde a incorporação das relações culturais está cada vez mais presente.

Nossa pesquisa torna-se, assim, um espaço para discutir sobre as forças que controlam a relação do trabalho tradutório com as instituições que atuam ideologicamente no mercado editorial da cultura alvo, e para entender em que sentido é relevante, para esse mercado editorial, manter ou apagar as particularidades da cultura local encontradas no texto fonte.

1 DA CONSTITUIÇÃO DO MODELO DE TRADUÇÃO À INCORPORAÇÃO DOS ELEMENTOS CULTURAIS

A atividade tradutória é um processo intrínseco a toda e qualquer língua e se concretiza nas relações que as línguas estabelecem entre si e também com outros sistemas semióticos, de construção de significados. Logo, as proposições construídas sobre a prática tradutória datam desde antes dos escritos bíblicos e têm sido, até então, abordadas por profissionais de diversas áreas, como escritores, linguistas, filósofos, críticos literários, entre outros (GENTZLER, 2009).

O discurso sobre a tradução vem sendo construído e reconstruído com o passar dos anos e, considerando que as relações entre as nações do nosso globo estão se estreitando, tudo o que está relacionado à atividade tradutória vem demandando cada vez mais atenção (KATAN, 1999).

Durante vários séculos, as discussões sobre tradução aproximaram-se da normatividade, ao tentarem especificar regras que garantiriam a 'perfeição' da tradução em relação ao texto original, eis uma das razões pelas quais os Estudos de Tradução tradicionais preocupavam-se em estabelecer convenções capazes de guiar o tradutor para deixar o seu produto o mais próximo possível da originalidade do texto fonte.

Ao procurar contextualizar os primeiros estudos que trataram dos problemas essencialmente tradutórios, Bassnett (2002) fez um retrospecto que se inicia no período pré-renascentista, com os acanhados princípios estabelecidos por Etienne Dolet (1509-45), e se estende até as reflexões elaboradas no século XVIII, pelo escocês Alexander Fraser Tytler, cujos princípios se assentavam na necessidade de o tradutor reproduzir fielmente a obra em sua totalidade.

Para Tytler (1791)⁵ a tradução deveria “oferecer uma transcrição completa da obra original” e o tradutor deveria “ter um conhecimento perfeito da língua original”⁶ (TYTLER, 1791, p. 10, tradução nossa⁷, grifo nosso). Nos estudos de Tytler (op.cit), tornam-se evidentes as definições estabelecidas sobre tradução que permaneceram durante um longo período e que conferiram à tradução o papel de uma simples cópia do modelo anterior. Os regulamentos de Tytler (op.cit) deixam claro que a finalidade da teoria estava mais para ditar as regras para uma ‘boa’ ação do tradutor, que para elaborar um pensamento que considerasse a complexidade intrínseca do trabalho tradutório.

No século XX, o quadro epistemológico levantado para a sistematização da tradução nos Estados Unidos, a partir de 1960, considerou a linguística como meio ideal para que fossem oferecidas as ferramentas necessárias aos problemas de tradução (GENTZLER, 2009). As concepções que surgiram a partir de então, conhecidas atualmente como tradicionais e também chamadas de linguístico-cientificistas, são um modelo que, embora tenha direcionado as preocupações dos estudos para questões essencialmente tradutórias, não foi capaz de dar conta de elementos que extrapolam a estrutura da língua, como, por exemplo, a sua heterogeneidade.

A aproximação da convicção positivista, que definiu o modo de se fazer ciência e o modo de compreender a ‘realidade’ a partir de um sistema organizacional que não pressupunha possibilidades de falha, conferiu aos estudos tradicionais da Tradução

⁵ Ensaio escrito no final do século XVIII (1791). Utilizamos aqui a versão digital disponibilizada pela Universidade da Califórnia. Disponível em: <<https://archive.org/details/essayonprinciple00woodiala>> Acesso em: dezembro 2014.

⁶ *In order that a translator may be enabled to give a complete transcript of the ideas of the original work, it is indispensably necessary, that he should have a perfect knowledge of the language of the original, and a competent acquaintance with the subject of which it treats* (TYTLER, 2007, p. 10).

⁷ Todas as traduções realizadas na pesquisa são de nossa autoria, exceto as versões traduzidas que estão especificadas na referência bibliográfica. Doravante, para tornar o texto mais fluido, não utilizaremos a expressão “tradução nossa”).

um caráter estruturalista, voltado para a prescrição de regras linguísticas e para a busca de equivalentes.

Com vários outros representantes no século XX, os estudos de tradução tradicionais preocuparam-se em perceber os níveis de similaridade entre as línguas, em termos formais e semânticos, centrando-se tão somente nos possíveis níveis de equivalência entre o texto original e o texto traduzido.

Do modelo positivista, surge a tendência de se interpretar o mundo e os fatos a partir de percepções aparentemente inequívocas. Tais concepções consideram o fato linguístico como uma entidade genuinamente simbólica, dona de um sentido único, e tendem a restringir a língua a um sistema de regras internas, não dando espaço para a compreensão do seu caráter coletivo e social. Não obstante, o próprio Jakobson, em 1959, com a publicação do seu ensaio sobre os aspectos linguísticos da tradução, já sinalizava sobre a ineficiência da busca da equivalência entre os signos linguísticos de línguas distintas, apontando para a tradução intralingual (tradução de signos verbais de um mesmo sistema linguístico), como incapaz de reproduzir a equivalência completa entre os seus sinônimos.

Para Venuti (1998), as abordagens de orientação linguística geralmente projetam uma forma conservadora do modelo de tradução e limitam seu papel social e cultural. Se para Nida (1964)⁸ a fluência é a consagração da equivalência, para Venuti (1998), ela contribui para a domesticação da tradução e o apagamento da cultura estrangeira.

⁸ A posição de Nida diante da essência da palavra explica-se pelo seu empenho com a tradução de textos bíblicos. A crença na palavra e na pureza do sentido resultou do comprometimento em transmitir rigorosamente o 'verdadeiro' conteúdo das escrituras. Esse fato, particularmente, ilustra as razões pelas quais houve um esforço da teoria clássica do século XX para atribuir uma função quase milagrosa ao trabalho tradutório.

A vinculação dos estudos tradutórios a fatores estruturais prevaleceram durante muito tempo, porque a interpretação sobre autoria e tradução se sustentava na ideia de valor supremo da palavra (NIRANJANA, 1992). Corroborando o pensamento de Venuti (1998), Oustinoff (2011) afirma que não basta opor forma e sentido para compreender a tradução em toda sua complexidade e diversidade.

Entende-se, portanto, que as abordagens linguísticas que se aplicaram diretamente aos Estudos da Tradução, na década de 1960, contribuíram para uma visão incompleta sobre o assunto e colaboraram para o descuido dos aspectos sociais e culturais nesses estudos. Assim, a renovação dos interesses dos Estudos da Tradução é o resultado das limitações das abordagens linguístico-científicas, que não foram capazes de dar conta, por exemplo, do elemento cultural, refletido no interior das suas mudanças históricas e sociais (GENTZLER, 2009).

1.1 Aspectos culturais e literários em Estudos de Tradução no Brasil

Considerando-se a importância de compreender como os estudos de tradução literária estão sendo realizados no Brasil, apresentamos um levantamento de pesquisas realizadas na área, através do qual constatamos uma quantidade significativa de pesquisas que abordam o fator cultural.

Um dos pontos a ser destacado inicialmente é que as teses e dissertações escolhidas apresentam em comum o fato de os pesquisadores assumirem a obra traduzida como uma coprodução do texto fonte, ou seja, para eles, as traduções não são meras cópias de um suposto texto original, mas um texto legítimo que pode ser submetido à análise. Nesse sentido, foi possível observar a existência de elementos responsáveis por demarcar as características dos Estudos da Tradução dentro da perspectiva contemporânea.

A tese de Bassani (2009), por exemplo, ainda que não pretenda analisar as estratégias do processo tradutório, utiliza a tradução da obra de Rómulo Gallegos, *Doña Barbara* (1929) realizada pelo escritor brasileiro Jorge Amado, para compreender o “Outro”, dentro do paradigma dos estudos culturais. Seu trabalho se concentra primeiramente no percurso do escritor Jorge Amado e na sua tentativa de aproximar a cultura brasileira da cultura dos países latino-americanos, principalmente, dos países da América do Sul. A autora vale-se das teorias da tradução, argumentando que foi através da tradução que Jorge Amado conseguiu levar adiante a divulgação de obras latino-americanas no Brasil.

Como a pesquisa é sobre a tradução do escritor brasileiro, a autora discorre também sobre o contexto literário no Brasil e América hispânica para abordar questões relacionadas ao regionalismo - estética literária na qual se insere Jorge Amado. Quanto ao objetivo, o estudo de Bassani (2009) pretende compreender qual a relação da alteridade com a tradução, partindo da ideia de que a tradução – enquanto transformação de uma língua em outra – provoca a contemplação do ‘Outro’.

Para desenvolver sua análise, a autora separa dois momentos de tradução pelos quais passou *Doña Barbara* – classificando, através da definição de Roman Jakobson (2007), o primeiro, como “intralingual” (pelo próprio Gallegos) e o segundo, como “interlingual” – não obstante, para tecer considerações sobre a questão da alteridade, a autora escolhe o segundo momento de tradução, o interlingual.

De modo a dar consistência e relacionar os estudos da tradução aos estudos culturais, a autora toma por base dois teóricos do pós-colonialismo, quais sejam, Homi Bhabha (2005) e Stuart Hall (2003). Nesse espaço, a tese se desenvolve com base na ideia de que o tradutor atua como mediador cultural e que, assim sendo, toma decisões e interfere no texto do outro. Na medida em que apresenta essa interferência, a autora discorre sobre questões de identidade e alteridade, ponderando

a relação do “Eu” com o “Outro” dentro do paradigma das identidades fragmentadas do sujeito pós-moderno.

De forma similar, a dissertação de Gisele Marion Rosa (2010) dá conta de avaliar a obra traduzida para destacar essencialmente a relevância do contexto cultural no exercício da tradução literária. No entanto, diferentemente da primeira autora mencionada, Rosa (2010) escolhe uma obra proveniente de uma cultura “periférica” (brasileira) e sua tradução para a língua de uma cultura “hegemônica” (inglesa).

Uma das principais particularidades desta dissertação é que o *corpus* de análise é uma tradução para o inglês feita não por um nativo de língua inglesa, mas por uma brasileira em parceria com a própria autora da obra original. Por essa razão, Rosa (2010) parte da hipótese de que a tradução para o inglês privilegiará a manutenção de aspectos culturais da cultura brasileira.

A obra em análise, *Do outro mundo*, da autora Ana Maria Machado, é um livro infanto-juvenil que – como explica Rosa (2010) – traz uma série de referências à cultura brasileira, tanto históricas como de conscientização racial. Seu objetivo é primeiramente identificar as imagens que apresentam traços da identidade cultural brasileira, com enfoque na recepção estética, de modo a perceber como se realiza a parceria da tradutora (filha da escritora) com a própria escritora do livro original e os resultados dessa parceria.

A autora, portanto, apóia-se na estética da recepção (JAUSS, 1979) e na imagologia (SOUSA, 2004) – esta última definida como estudo de imagens que um país cria sobre o outro e sobre si mesmo, as quais estão representadas no discurso literário – atrelando essas duas teorias aos Estudos de Tradução.

Nas conclusões finais, percebe-se a confirmação da sua primeira hipótese quanto à manutenção das marcas culturais da língua fonte e a constatação do não apagamento das marcas da cultura de partida, fato que Rosa (2010) atribui à parceria

da tradutora com a escritora do livro. Finalmente, a discussão resultará na aceitação do tradutor como um leitor imbuído de subjetividades e pontos de vista próprios sobre aquilo que lê. A autora compreende a inconstância das interpretações e o caráter multifacetado do ato tradutório, cujas construções de significados são determinadas pelo conhecimento de mundo do leitor-tradutor, constatando que o sentido de uma obra literária está sempre subjugado a estes leitores.

Indo um pouco além das perspectivas de tradução e cultura, mas pelo viés das concepções contemporâneas, Davi Pessoa (2009), conferindo a sua pesquisa uma abordagem filosófica e literária, apresenta uma reflexão sobre o discurso ambíguo da personagem Riobaldo no romance de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, de 1952.. O objetivo da pesquisa é compreender se o tradutor da versão em italiano, Edoardo Bizzarri, consegue operar de forma semelhante a Guimarães Rosa no discurso da personagem.

É importante acrescentar que há um entrelaçamento das ideias desenvolvidas pelos dois últimos pesquisadores, Pessoa (op.cit.) e Rosa (op.cit.), o qual se realiza na acuidade que ambos atribuem à relação da construção do significado com as subjetividades e experiências do tradutor. Tal atribuição se evidencia na dissertação de Pessoa (2009), por exemplo, em um capítulo que trata exclusivamente de expor considerações sobre a vida de Edoard Bizarri e sobre o seu trabalho como tradutor e crítico literário.

O texto se estende em reflexões sobre o conflito entre a suposta propriedade de sentido que o autor tem sobre sua obra e a independência desse sentido concretizada nos leitores. Deste modo, nesse jogo de autor-tradutor ou autor-leitor, Pessoa (2009) repensa o processo de tradução através da demarcação de dois diferentes conceitos: primeiro, reflete o tradutor como um “*Scribens*” (BARTHES, 2004), ou seja, o tradutor sendo afetado por um desejo de se colocar no texto; segundo, traz a noção do tradutor como uma “função-autor” (FOUCAULT, 1992),

definição que sugere um jogo de subjetividades na tradução ao qual a construção de sentido estaria subordinada.

A metodologia de análise se desdobra em vários campos teóricos até chegar na concepção de tradução como experiência e reflexão, definida por Antoine Berman (2007), além deste último, os estudiosos da tradução que fundamentam a análise da referida pesquisa são Benjamin (2001) e Derrida (2002; 2003), teóricos que corroboram a noção de recriação no processo tradutório.

Dentre esses vários campos teóricos, Davi Pessoa traz também a teoria da enunciação de Èmile Benveniste (2005; 2006), para entender como a escritura e a “re-escritura” (tradução) lidam com as subjetividades próprias do uso da linguagem e como elas se apresentam no nível do discurso.

Pessoa conclui, portanto, que o tradutor – como um sujeito que vai além da transposição de uma língua para outra – consciente do caráter dependente de sua tradução e, ao mesmo tempo, atravessado por um desejo de se colocar no texto, encontra-se em três diferentes dimensões, bem demarcadas por Berman (2002; 2007): a ética, a poética e a pensante. E, nesse processo de re-escritura, o autor-tradutor se envolve numa experiência de recriação, que resultará, conseqüentemente, em uma reflexão sobre o sujeito e sua própria língua.

Márcia Moura da Silva (2012), em sua tese sobre as estratégias de tradução de termos indígenas na obra *Macunaíma*, distancia-se da abordagem filosófica sobre o papel do tradutor e se envereda para o lado prático do processo, analisando de forma comparativa as traduções hispano-americana, inglesa e italiana.

A autora da tese pretende verificar se a versão hispano-americana – cultura que foi submetida a uma experiência colonial– apresenta estratégias tradutórias diferentes das versões inglesa e italiana, tendo em vista que os termos indígenas são tratados na tese como culturalmente marcados.

Silva (2012) segue a abordagem das estratégias de tradução de modo a classificar as escolhas dos tradutores. Em seguida, identifica os termos indígenas como problemas de tradução, ao aceitar as marcas culturais existente nesses termos, entendendo que o uso do tupi-guarani representa um distanciamento da cultura dos colonizadores e a afirmação de um elemento cultural genuinamente brasileiro na obra do autor.

Nesse sentido, Silva (2012) traz à tona a abordagem tipológica de Peeter Torop (2002), que confere à tradução todos os processos que vão além do interlingual, para analisar os aspectos tradutórios que não se limitam ao nível linguístico-textual, como os “paratextos”, que são representados na tese pelas capas das obras, as notas, os prefácios e as notas de rodapé.

Somando-se às teorias de Torop (op.cit.), cujo foco se encontra na semiótica da cultura, os conceitos da teoria pós-colonialista são abordados para compreender como se configura a relação de poder, partindo-se da ideia de que a tradução tem um papel importante na perpetuação da desigualdade existente entre o colonizador e o colonizado.

Na conclusão de sua tese, a autora verifica que, em relação à tradução hispano-americana, o uso de termos que substituíram os termos originais por termos de outras etnias indígenas não tornou o texto mais acessível para os leitores de chegada. Do mesmo modo, a tentativa do tradutor de tornar Macunaíma um herói hispano-americano provocou um efeito tão exótico quanto o texto original tende a provocar na cultura de partida, o que permitirá ao leitor da tradução a percepção do hibridismo linguístico latino-americano.

Com relação às traduções inglesa e italiana, a autora percebe que cada uma delas desenvolve uma releitura a sua maneira e, a partir da análise dos paratextos das duas obras traduzidas, constata que a questão da identidade nacional foi entendida como fator de destaque na obra de Mário de Andrade. No entanto, nas traduções

propriamente ditas, a exemplo da tradução inglesa, o desaparecimento dos termos indígenas proporciona uma homogeneização inexistente e, conforme a análise de Silva, este fator acaba por contribuir para um olhar unilateral da cultura colonizadora, que não perceberá os elementos de resistência ao colonial. No que diz respeito à tradução italiana, com estratégias semelhantes à tradução inglesa, destaca-se o uso excessivo das notas explicativas de rodapé, o que acaba por dar à obra um ar mais acadêmico que literário.

As constatações mencionadas acima serão responsáveis por determinar as conclusões da autora no que concerne à compreensão do processo tradutório realizado em cada língua. Conforme as definições de Tymozcko (1995), Silva (2012) entende que as traduções inglesa e italiana – diferentemente da tradução hispano-americana – não permitem a troca e o entrelaçamento cultural sugerido na *transculturação*, pelo contrário, ambas figuram mais como *representações* ou como *transmissões* do que como uma troca participativa entre culturas.

Conforme o levantamento bibliográfico apresentado, constatamos que os estudos da tradução situados numa perspectiva contemporânea, embora apresentem qualidades diferentes, parecem ter uma finalidade comum, cuja característica principal se apoia no envolvimento de elementos que ultrapassam o âmbito da língua em cada análise de tradução. Nossa pesquisa aproxima-se dos estudos aqui apresentados, porque traz os componentes culturais para análise da tradução de uma obra literária e porque verifica elementos linguísticos que podem suscitar uma reflexão sobre as relações culturais que se manifestam na tradução de uma obra.

A análise de *Sleepwalking Land* traz implicações para os Estudos da Tradução, a partir da natureza teórica e da prática de tradução, considerando, de igual modo, os fatores que se manifestam no entorno desse processo. Contudo, o que torna esse estudo mais autêntico é a propriedade de trabalhar um universo diferente, no interior

de uma obra literária proveniente de uma cultura ainda menos evidente que a cultura brasileira: a cultura moçambicana.

Como foi exposto no tópico anterior, as concepções sobre tradução variam e, muitas vezes, operam conforme a lógica funcional que a tradução apresenta no contexto em que ela é produzida. Damos importância à contextualização dos Estudos da Tradução para que fosse possível refletir sobre a maneira como as concepções “tradicionais” se reconfiguraram conforme a mudança de enfoque dada aos estudos sobre a tradução.

A ideia de uma tradução fiel ao texto original limita sua análise a questões de forma ou de sentido, como é o caso da verificação dos níveis de ‘fidelidade’ ou de ‘equivalência’ marcados pelos teóricos tradicionais. No contexto dessa pesquisa, abordaremos os Estudos da Tradução que abrangem as diferenças culturais como componentes fundamentais de análise. Portanto, seguindo essa linha de pensamento, o aporte teórico do nosso estudo é direcionado para as noções que ultrapassam os conceitos de originalidade, fidelidade e equivalência, para dar conta dos aspectos extratextuais, sob orientação cultural e histórica.

1.2 A cultura para a Tradução Literária

Sem deixar escapar a importância das teorias estabelecidas pelos teóricos de caráter linguístico-cientificistas, os Estudos da Tradução, a partir das décadas de 1970-1980, passam a considerar, também, alguns fatores que extrapolam o universo estrutural da língua, para, desse modo, contestar a concepção de uma verdade absoluta. Neste sentido, os conceitos que passam a despertar os interesses dessas posteriores perspectivas acabam por voltar-se aos atuantes externos à língua e para as relações sociais.

A teoria literária, por exemplo, a partir da década de 1970, quando percebeu a relevância do trabalho tradutório na análise literária, considerou a necessidade de estabelecer um paradigma que se distanciasse das abordagens científicas de cunho linguístico, alegando que essa cientificidade excessiva não era apropriada para os estudos literários (GENTZLER, 2009).

Na realidade, os movimentos literários, aliados ou não aos movimentos linguísticos, sempre apresentaram contribuições importantes para a renovação das teorias de tradução. Podemos destacar o Formalismo Russo, ou mais especificamente, a “autocrítica” formalista, que, ao reconhecer a vinculação da forma aos efeitos culturais, históricos e sociais, deu espaço para os Estudos da Tradução contestarem a legitimidade da equivalência (BRANDÃO, 2009).

Even-Zohar (1978 *apud* GENTZLER, 2009) elabora a teoria do Polissistema, reconhecendo que a língua não só deve ser separada em suas qualidades dicotômicas, mas avaliada em toda sua extensão, desde a cultura, o sistema literário e a tradução literária. Consequentemente, a cultura e os fatores sociais passam a ocupar um espaço significativo nos Estudos de Tradução e o termo polissistema torna-se “global, abordando todos os sistemas literários, tanto maiores quanto menores, existentes em determinada cultura” (GENTZLER, 2009, p. 149).

Influenciado inicialmente pelas conjecturas apresentadas por Even-Zohar, Toury (1980 *apud* GENTZLER, 2009) oferece as normas para análise de tradução com a publicação do seu livro, *In Search of a theory of translation*, que, conforme Gentzler (2009) consiste em uma tentativa de desenvolver uma teoria da tradução mais abrangente, baseada em descobertas a partir do seu estudo de campo.

Seguindo uma abordagem de caráter descritivo, Toury (op.cit.) enfoca sua teoria na análise de normas e padrões que constituem o processo de tradução a partir de suas interferências na cultura alvo. A partir de então, leva-se em conta que as consequências geradas pela tradução, sejam elas em termos de desvios, perdas ou

ganhos, requerem uma investigação que vá além da forma ou do sentido, e, finalmente, abre-se espaço para se refletir sobre a relação que o texto traduzido tem com a cultura que o recebe.

Por conseguinte, os Estudos da Tradução anunciam a análise da tradução pela tradução, reconhecendo a existência do texto traduzido independente do texto original, e, de tal modo, voltando-se para o texto alvo e para a cultura alvo. Seguindo essa linha de pensamento e aliando-se a outras teorias da tradução que abordam a perspectiva cultural, nossa pesquisa se direciona para a observação das estratégias de tradução empregadas por David Brookshaw em *Sleepwalking Land*, ao considerar que a obra é um lugar frutífero para se discutir as questões que desafiam os limites da língua.

Compreendemos que estabelecer um objeto de estudo no campo da Tradução não é um procedimento neutro, uma vez que há diversos fatores decisivos na seleção dos constituintes deste objeto (TOURY, 1997). Desse modo, as teorias que apresentaremos nos próximos tópicos serão encadeadas para responder às questões e ao objetivo dessa pesquisa, considerando, sempre, que a discussão sobre Tradução não pode ser absoluta.

1.2.1 A importância da cultura alvo para a constituição de um objeto de análise de tradução

Acima, mencionamos a importância das teorias de Toury (1997) com relação às novas perspectivas emergentes nos Estudos da Tradução. É a partir do seu livro, *Descriptive Translation Studies and Beyond*, que se introduz o paradigma descritivo nos Estudos da Tradução, sob o argumento de que é preciso assinalar alguns princípios para a construção do objeto de estudo com base nesse paradigma.

Alguns aspectos da tradução e dos Estudos da Tradução sinalizados por Toury (op.cit.) demarcam pontos importantes que devem conduzir essa escolha. O autor entende que, na atividade tradutória, as posições e funções das traduções são

determinadas pela cultura alvo, sendo os formatos e as estratégias aplicadas nesse processo fundados em condições necessariamente inter-relacionadas. Assumindo esse fato como ponto de partida, o autor aponta para as interdependências assinaladas nas relações que se estabelecem entre a função, o produto e o processo de tradução.

Nesse sentido, a abordagem que reconhece a cultura alvo como ponto inicial para as pesquisas em tradução é definida como “sistema orientado para cultura alvo”⁹ (TOURY, 1997, p. 23). Essa orientação deixa de lado o texto fonte e sua autenticidade, antes entendidas como único foco de interesse nas pesquisas, para dar espaço a questões da atividade da tradução e do produto traduzido que podem causar mudanças efetivas na cultura alvo. Ao se apropriar dessa orientação (*target-oriented* - *ibid.*, p. 28), o pesquisador pode assumir as traduções como fatos culturais, dedicando-se a demonstrar como as culturas valem-se das traduções para preencher as lacunas que de alguma forma se manifestam.

A partir dessa percepção, torna-se imprescindível dar conta dos desvios de alguns “padrões estabelecidos” (*sanctioned patterns*), porque eles mostram como as traduções se adéquam às necessidades da cultura alvo e como os fatos particulares dessa cultura podem resultar em desvios “aceitáveis”, “justificáveis” e até “preferíveis”.

Esses desvios são parte das estratégias de tradução e resultam da escolha do tradutor. Sabemos que há diversas razões específicas que guiam essas escolhas. Esse ponto, particularmente, revela a importância do fator cultural nos Estudos da Tradução e, de maneira mais específica, da cultura alvo. No entanto, concordando com a observação de Toury (*op.cit.*), entendemos que o *status* cultural de uma tradução não significa garantir elemento suficiente para lançar mão de um estudo nessa área, sendo necessária uma contextualização apropriada (*proper*

⁹*Target-oriented Framework*. Cf. Toury (1997, p. 23).

contextualization) e conjecturada em vários níveis, de modo que fique claro qual identidade cultural está sendo proposta para a investigação.

Conforme os objetivos apresentados, uma das nossas metas é entender os tipos de regras que governam as estratégias do tradutor de *Sleepwalking Land*, para descobrir como se organizam e em que sentido elas determinaram as escolhas de David Brookshaw no contexto anglo-americano.

Partindo do princípio que as normas da cultura de chegada determinam a adequabilidade e se configuram como pré-requisito para uma tradução com significâncias culturais, compreendemos as multiplicidades e as variedades inerentes à própria noção de normas, sabendo que qualquer norma adquire sua forma e seu valor através do tempo e que é regulada pelo sistema ao qual está integrada (TOURY, 1997).

O que nos interessa não é a definição explícita das normas de tradução – posto que são múltiplas e instáveis – mas, precisamente, compreender como elas governaram o comportamento do tradutor e como esse comportamento é refletido no produto traduzido. Nesse sentido, a necessidade de contextualização é entendida como única forma viável para um estudo de tradução, e, dados os diversos problemas que podem emergir da tradução, é primordial certa atenção ao perigo do isolamento dos fenômenos tradutórios (TOURY, 1997).

Segundo Toury, os paradigmas que definem a tradução a partir dos seus aspectos inerentes e essencialistas são restritivos, pois não se pode fixar as fronteiras de um objeto que tem por característica a própria variabilidade:

Assim, qualquer definição prévia, especialmente as pautadas em termos essencialistas, supostamente as que especificam aquilo que é 'inerente' à tradução, estariam envolvidas numa pretensão insustentável de se fixar, de uma vez por todas, as fronteiras de um objeto que – culturalmente falando – é caracterizado por sua **variabilidade**: *diferenças* entre culturas, *variação*

dentro da cultura e *mudança* ao longo do tempo” (TOURY, 1997, p. 31, grifo do autor)¹⁰.

Desse modo, a proposta da “tradução assumida” (*assumed translation*) parece finalmente definir a tradução, não completamente nem em termos essencialistas, mas a partir do que se espera que ela seja em condições específicas, de modo a levar em consideração a sua **variabilidade**. Assim, o que produziria a tradução, e os itens possíveis de serem investigados nessa tradução, seriam os fatos que se manifestam dentro das culturas que as recebem.

Para sustentar a noção de tradução assumida e diferenciá-la de qualquer outra definição do termo tradução, Toury (1997, p. 33) elabora e inter-relaciona três postulados, que marcam suas características e sustentam o seu ponto de vista, quais sejam: (1) o Postulado do Texto Fonte; (2) o Postulado da Transferência; e (3) o Postulado da Relação¹¹.

O postulado do texto fonte se ampara na constatação óbvia de que qualquer tradução é derivada de um texto fonte. Por sua vez, o postulado da transferência aponta para certas características que ambos os textos compartilham e que trazem à tona duas diferentes formas de conhecimento: o do produto e dos processos translinguísticos e transculturais. Quanto ao terceiro postulado, tratam-se das incontáveis relações que emergem do vínculo do texto traduzido ao seu texto original, posto que a natureza dessas relações não é estática, mas passível de um estudo mais concreto.

¹⁰ Thus, any a priori definition, especially if couched in essentialistic terms, allegedly specifying what is 'inherently' translational, would involve an untenable pretense of fixing once and for all the boundaries of an object which - culturally speaking - is characterized by its very **variability**: difference across cultures, variation within a culture and change over time (TOURY, 1997, 31).

¹¹ (1) *The Source-Text Postulate*; (2) *The Transfer Postulate*; (3) *The Relationship Postulate*. (TOURY, 1997 p. 33)

A natureza e o papel das normas refletem-se na atividade tradutória em toda sua complexidade, no interior do contexto sociocultural, e dizem respeito ao modo como elas se impõem ao conduzir o comportamento do tradutor. Contextualizar a atividade tradutória em uma dimensão sociocultural revela que, no interior dessa dimensão, a tradução apresenta restrições de vários tipos, que se estendem desde as diferenças sistemáticas entre as línguas até as limitações cognitivas do tradutor.

Entendemos que a análise descritiva, embora considere as condições culturais do ato tradutório, compreende que a tradução interlingual exerce seus efeitos exclusivamente na cultura alvo, no entanto, analisar as consequências desses efeitos apenas na cultura alvo pode não abranger a inter-relação e as influências mútuas do processo tradutório. Assim, interessa-nos compreender a relevância das normas que se impõem ao processo tradutório na cultura alvo, mas utilizando uma obra literária que, através de um minucioso trabalho com a língua fonte, tem por mérito a perspicácia de denunciar a autoridade das civilizações hegemônicas e sua relação com as sociedades não hegemônicas.

1.3 O entrelugar da tradução literária: implicações para o processo de formação de identidades culturais

No prefácio do livro *Translation/History/Culture*, Lefevere (2003) discute o conceito que se aplica ao trabalho tradutório. Bassnett e Lefevere reconhecem que os novos Estudos da Tradução, tendo agora conquistado o *status* de disciplina, devem compreendê-lo como um processo de reescrita (*rewriting*):

A tradução é, naturalmente, uma reescrita de um texto original. Todas as reescritas, qualquer que seja sua intenção, refletem uma certa ideologia e uma poética, e assim, manipulam a função da literatura, de alguma forma, em uma determinada sociedade. Reescrever é manipular a serviço do poder, e, em seu aspecto positivo, isso pode ajudar na evolução de uma literatura e de uma sociedade. A reescrita pode introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos dispositivos, e a história da tradução se transforma também na história da inovação literária, do poder de uma cultura sobre a outra. Mas

reescrever pode, assim, reprimir a inovação, distorcer e conter, e na era do crescimento da manipulação de todos os tipos, o estudo de processos de manipulação da literatura exemplificado pela tradução pode nos ajudar, no sentido de uma maior consciência do mundo em que vivemos. (LEFEVERE, 2003, p. XI).¹²

A reescrita (*rewriting*), portanto, implica um comprometimento de questionar as formas de manipulação que estão a serviço do poder e que são também responsáveis por perpetuar a hegemonia cultural. Essa definição compreende que, no ato de tradução, os processos culturais são insuperáveis e podem resultar em diferentes formas de controle que operam em vários sentidos.

Como será discutido mais adiante, Venuti (1995; 1998) propõe uma estratégia de tradução que pode desafiar os cânones literários da língua alvo, através de uma prática que recusa o domínio e se estabelece como forma de integrar as culturas tidas como marginais. Para o autor, essa postura é o que vai permitir à tradução denominada estrangeirizadora (*foreignizing translation*) sinalizar as diferenças e reavaliar os cânones domésticos.

As teorias de Venuti (1995; 1998) são apresentadas na presente pesquisa como ponto de partida para discussão sobre as estratégias tradutórias utilizadas em *Sleepwalking Land*. Ora, se o autor entende que o cânone da fluência na sociedade anglo-americana perpetua sua primazia cultural através dos textos traduzidos e que existe na cultura anglo-americana a ideia de tradução como falsa cópia do modelo original, tido como absoluto, a nossa análise reflete sobre a forma como esses conceitos se apresentam na obra de Mia Couto e como as estratégias utilizadas por

¹² *Translation is, of course, a rewriting of an original text. All rewritings, whatever their intention, reflect a certain ideology and a poetics and as such manipulate literature to function in a given society in a given way. Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power, and in its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society. Rewritings can introduce new concepts, new genres, new devices, and the history of translation is the history also of literary innovation, of the shaping power of one culture upon another. But rewriting can also repress innovation, distort and contain, and in an age of ever increasing manipulation of all kinds, the study of the manipulative processes of literature as exemplified by translation can help us towards a greater awareness of the world in which we live* (LEFEVERE, 2003, p. XI).

Brookshaw se realizam, numa perspectiva voltada também para hegemonia dos países considerados imperialistas.

Assim como Venuti, Nirranjana (1992) pensa a tradução em sua relação com a problemática das relações de poder. A autora considera que, no contexto pós-colonial, a problemática da tradução se apresenta como um espaço para se discutir sobre poder, representação e historicidade, sendo palco de debates sobre as relações sociais que se estabelecem no cenário atual. Procurando desenredar o discurso sobre a tradução que, durante séculos, permaneceu vinculado a uma concepção “empírico-idealista”¹³, a autora aponta para a importância da complexidade histórica decorrente da expansão colonial europeia, ao tentar compreender de que forma os Estudos da Tradução atuais abrem espaço para a inclusão do discurso da colonização.

Partindo do princípio de que não é possível entender a produção do conhecimento científico quando da simples afirmação de uma função linear ou cronológica da história, Nirranjana (1992) propõe examinar a produção dos estudos sobre tradução a partir das construções ideológicas que preceituaram as interpretações sobre essa área. A autora postula que a prática e o conhecimento da tradução na sociedade ocidental foi atravessada pelos efeitos da colonização, e que foi através da disseminação desse conhecimento que o domínio colonial exerceu sua força em vários níveis.

Por meio de uma contextualização histórica e discursiva, os representantes desses novos Estudos da Tradução, como Nirranjana (1992), Lefevere (2003), Venuti (1995; 1998) e Berman (2012), revelam a força e o poder da tradução, apresentando a relação desigual que se estabeleceu entre as línguas durante séculos.

¹³ Nirranjana (1992) observa que a construção do pensamento ocidental sobre as questões de autoria e de sentido teve base no empirismo britânico e no idealismo alemão, cujas premissas agregam-se para sustentar a ideia de humanismo, linha filosófica que atribui ao indivíduo a “essência da palavra” e a ‘fonte do pensamento’.

Por desenvolver um estudo que envolve perspectivas mais abrangentes, incluindo, em sua problemática, as discussões acerca do pós-colonialismo, a obra de Niranjana (1992) também nos fornece elementos essenciais para a avaliação dos fenômenos tradutórios, que nos interessa para estabelecer a relação intercultural em nossa análise.

Além de tudo, a crítica da autora ao período histórico em que os valores ocidentais se sobrepunham a qualquer outra forma de pensamento contribui para reforçar a importância de se avaliar a formação da identidade e os aspectos culturais na tradução. A tradução, nesse sentido, adquire a condição de *locus*, onde os diferentes níveis de prestígio das línguas e as suas formas de representação são concretizados (NIRANJANA, 1992).

Por essa via, embora entendamos que o conceito de pós-colonialismo esteja, na maior parte dos casos, relacionado à teoria da literatura, sabemos que ele nos oferece uma visão mais expressiva sobre as relações culturais. É possível, por exemplo, encontrar uma afinidade entre a concepção do elemento cultural nos estudos pós-coloniais e o dinamismo cultural (*dynamic culture*) apresentado por Katan (1999, p. 27) em sua discussão sobre a problemática da cultura para os tradutores no contexto atual:

Conforme essa teoria, a 'noção' de cultura não é um evento independente, que pode ser apreendido através da consulta de livros, mapas cognitivos ou qualquer sistema estático. A cultura aqui é vista como um processo dinâmico, que é constantemente negociado por aqueles que estão envolvidos nesse processo¹⁴.

Em oposição a diferentes perspectivas que transcorrem o conceito de 'cultura', dentre as quais, podemos citar a behaviorista (etnocêntrica)¹⁵, funcionalista e

¹⁴ *According to this theory, meaning in culture is not an independent fact to be found by consulting books, cognitive maps or any other static system. Culture here is viewed as a dynamic process, constantly being negotiated by those involved* (KATAN, 1999, p. 27)

¹⁵ Para Katan (1999), a abordagem behaviorista é etnocêntrica porque se limita a compreender a cultura sem relativizar as relações culturais. Para exemplificar, Katan (1999) cita uma obra

cognitiva, a noção de uma cultura dinâmica pressupõe processos dialéticos entre realidades diversas de modelos de mundo, distanciando-se dos arquétipos de cultura que as outras abordagens apregoam¹⁶:

Sobre a cultura, Katan expõe vários conceitos que tentaram definir a complexidade do termo. Dentre eles, o autor traz à tona a concepção de Edward Tylor (1987 *apud* KATAN, 1999, p. 16), que define cultura a partir de um todo complexo no qual se inclui o conhecimento, a crença, a arte, os costumes etc., entendendo que a cultura vai resultar em outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem.

Assim, para compreender melhor o conceito de cultura relevante para a pesquisa, trazemos aquele que Katan (1999, p. 26) vai chamar de adquirido, que não se pode confundir com a cultura ensinada, do bem-educado ou do refinado, mas sim como a cultura arraigada, não individual e coletiva. A cultura adquirida – do latim *cultus*-cultivar e *colere*-colher é apresentada metaforicamente por Katan (1999) como resultado das relações, em que cada aspecto da cultura está interligado a um sistema, formando assim um contexto cultural.

Partindo desse ponto, é possível fazer uma relação entre o dinamismo cultural marcado por Katan (1999) e o fenômeno que Hall chama de processo ‘pós-colonial’. Hall entende que esse processo é um acontecimento global, cujos efeitos incidem tanto na sociedade colonizadora das metrópoles imperiais quanto nas sociedades colonizadas:

[...] O termo pós-colonial não se restringe a descrever uma determinada sociedade ou época. Ele relê a ‘colonização’ como parte de um processo global, essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma

publicada em 1962, por Peter Bromhead, *Life in Modern Britain*, onde, segundo o autor, vê-se claramente a descrição do comportamento britânico a partir de um ponto de vista restritivo.

¹⁶ As abordagens behaviorista, funcionalista e cognitiva apegam-se à concepção que entendem a cultura como um elemento estático. Quanto ao dinamismo cultural, podemos dizer que sua definição corrobora o fenômeno da transculturação, definido por Ortiz (1940), uma vez que reconhece as diferenças culturais em estado de contínuo movimento, onde não se presume estabilidade nem rigidez cultural.

reescrita descentrada, diaspórica ou 'global' das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação. Seu valor teórico, portanto, recai precisamente sobre sua recusa de uma perspectiva do 'aqui' e 'lá', de um 'então' e 'agora' de um 'em casa' e 'no estrangeiro'. 'Global' nesse sentido não significa universal, nem tampouco é algo específico a alguma nação ou sociedade (HALL, 2003, p.109).

A ideia de Hall (2003) apoiada em uma concepção de identidade fragmentada, cujos propósitos transcendem aquilo que rege a força local, permite uma reflexão sobre o espaço da tradução neste contexto pós-colonial. Existe, segundo Hall, um "entre-lugar", muito além do que a tradição permite enxergar.

Após a virada cultural, os Estudos de Tradução aliaram-se aos estudos da pós-modernidade, e, desse modo, demandaram um olhar contestador para as análises de tradução, oferecendo novas formas de pensar não apenas a prática tradutória, mas as relações culturais instituídas historicamente e a importância dessas relações para a tradução.

Logo, esses Estudos foram redefinidos pela desconstrução das noções clássicas sobre o sujeito, sobre o signo linguístico e sobre as relações ideológicas que se estabelecem entre eles.

Venuti (1995; 1998) é um dos teóricos que pesquisam mais a fundo as questões ideológicas envolvidas na atividade tradutória, observando, em sua teoria, as assimetrias, as iniquidades e as relações de poder que existem em todos os atos de tradução. Assim, situando a problemática da tradução em termos culturais, o autor propõe uma estratégia capaz de diminuir a primazia cultural, onde as culturas hegemônicas se sobrepõem às culturas de menor visibilidade no processo tradutório, assumindo que a tradução deve permitir o acesso a estruturas de línguas estrangeiras e suas principais ideias.

Nesse sentido, há em sua obra uma reflexão sobre a supremacia canônica da fluência na tradução para o inglês – procedente das exigências da cultura aristocrática inglesa do século XVII – que apesar de ter sido desafiada a partir do surgimento do

modernismo, no século XX, mantém-se firme até os dias atuais. Para o autor, a urgência de uma fluência transparente (ilusória) resulta no que nomeia de “domesticação” da tradução, em que a obrigação da clareza do sentido ocasiona a dissipação de termos que causam certo estranhamento ao público alvo. Esse apagamento tende a reforçar o etnocentrismo e perpetuar a ideia de narcisismo cultural.

Em contrapartida, vem à tona uma estratégia tradutória que, segundo o autor, abriria espaço para um discurso heterogêneo: a estratégia “estrangeirizadora”. Essa estratégia de tradução tende a prevenir que os valores da cultura de chegada se sobreponham aos valores da cultura de partida, tornando o texto mais aberto às diversas possibilidades de interpretação.

Tendo a sociedade anglo-americana como ponto de partida para a compreensão das divergências culturais inerentes ao processo tradutório, Venuti (op.cit) observa que, nesse contexto, há uma disposição expressiva de selecionar uma estratégia tradutória cuja premissa se fixa na fluência em detrimento de outras questões que podem se manifestar no ato de tradução.

Ressalta-se, assim, a existência de uma subserviência cultural que se mantém na lógica dos mercados editoriais das sociedades dominantes, como é o caso dos Estados Unidos e do Reino Unido:

As editoras britânicas e norte-americanas têm frequentemente angariado lucros, com bastante êxito, através da imposição de valores culturais anglo-americanos nas grandes tiragens estrangeiras, isso tende a produzir, no Reino Unido e nos Estados Unidos, culturas extremamente monolíngues e avessas ao que vem de fora, acostumadas a traduções fluentes que inscrevem, invisivelmente, os textos estrangeiros dentro dos valores culturais da língua inglesa e que fornecem aos leitores uma experiência narcísica de reconhecimento da sua própria cultura no interior da cultura do outro (VENUTI, 1995, p. 15)¹⁷.

¹⁷*British and American publishing, in turn, has reaped the financial benefits of successfully imposing Anglo-American cultural values on a vast foreign readership, while producing cultures in the United Kingdom and the United States that are aggressively monolingual,*

Desse modo, a conservação do sentido, vista como a “ilusão da transparência” pelo autor, é resultante da necessidade do efeito da fluência no discurso. Parece então permanecer no contexto anglo-americano certa ambiguidade; como se a tradução fosse capaz de imitar o original e, contraditoriamente, ter de ser relegada à mera cópia do modelo original, tido como absoluto.

Observando a autoridade da fluência em vários níveis, Venuti (1995) reinterpreta a questão da autoria através da contestação da autenticidade e da originalidade de estilo de um determinado autor. Para ele, há redes de significantes próprias de cada língua, por conseguinte, a tradução se encontra nas relações que se estabelecem entre essas redes e nas interpretações dos tradutores. Isso quer dizer que tanto original quanto tradução consistem em formas derivativas de texto e que nem autor nem tradutor devem ser considerados fontes da palavra que escrevem.

A sua crítica ressalta o poder da tradução de provocar o esforço das autoridades para manter reputações. Tal indagação se vincula a uma série de questões sobre o trabalho tradutório, inclusive àquelas que põem em causa a noção de autoria e a subordinação.

As considerações de Venuti (1995) parecem não corroborar as recomendações para o tradutor que constam em uma obra publicada por entidades¹⁸ responsáveis pela tradução literária no Reino Unido, onde a invisibilidade do tradutor, na realidade, se sustenta pela ideia de que existe uma univocidade textual, um sentido infringível, que deve ser reproduzido pelo tradutor:

unreceptive to the foreign, accustomed to fluent translations that invisibly inscribe foreign texts with English-language values and provide readers with the narcissistic experience of recognizing their own culture in a cultural other (VENUTI, 1995, p. 15)

¹⁸ Arts Council England, Illinois Arts Council, The British Center for Literary Translation, The Society of Authors, British Council. Cf. Paul (2009).

A tradução deve ter as mesmas virtudes da obra original, e deve provocar os mesmos efeitos em seus leitores. Ela deve refletir as diferenças culturais, e, ao mesmo tempo, estabelecer relações que a tornem acessível, ao alcançar exato equilíbrio entre o que é literal e o que é o sugestivo e entre a estória e sua melodia. Ela deve ser lida na nova língua com o mesmo entusiasmo e compreensão que seria lida na outra língua (PAUL, 2009, p. 1)¹⁹.

Essa afirmação se apoia, ainda que de maneira contraditória, na lógica do mercado editorial. Ao mesmo tempo em que impulsiona a invisibilidade do tradutor – concretizada na necessidade primorosa da fluência (onde se quer as mesmas virtudes e os mesmos efeitos) – esse mercado declara preocupação com as diferenças culturais, como podemos observar na citação acima. A verdade é que as editoras vislumbram o sucesso do produto, e como o reconhecimento das diversidades culturais vem gradualmente crescendo, cresce também o interesse do público anglo-americano pelo “não usual” e pelo “obscuro” (PAUL, 2009, p. 3).

No plano ideológico, a interculturalidade do trabalho tradutório abarcaria outra forma de autoria, em que a ‘multitude’ do universo tradutório significaria estar a serviço das culturas, tanto estrangeiras quanto domésticas (VENUTI, 1998). No entanto, notavelmente, o interesse do mercado editorial não é estabelecer uma relação simétrica entre culturas, mas assegurar a venda e garantir a boa recepção do produto traduzido na cultura alvo. Isso quer dizer que, de modo geral, a aplicação da estratégia domesticadora e da estratégia estrangeirizadora está, quase sem restrições, condicionada ao vínculo estabelecido entre o tradutor e a editora no âmbito das exigências desse mercado.

Ademais, Venuti (1998) afirma que parte das desvantagens da tradução decorre da sua capacidade de revelar e contestar os valores culturais dominantes. A

¹⁹ *A translation should have the same virtues as the original, and inspire the same response in its readers. It must reflect cultural differences, while drawing parallels that make it accessible, and it must achieve a fine balance between the literal and the suggestive, the story and its melody. It should be read by readers in its new language with the same enthusiasm and understanding as it was in the old* (PAUL, 2009, p. 1)

tradução, segundo o autor, provoca o esforço das autoridades para manter reputações, o que resulta no controle dos possíveis ‘danos’ que a tradução pode causar. Com o exemplo da revista da UNESCO, *Courier*, que, em 1990, publicou um artigo sobre a história do povo mexicano em duas versões, inglês e espanhol, o autor observa alguns desvios de tradução e chama atenção para a inclinação ideológica da versão inglesa e para utilização de termos inapropriados que acabaram por menosprezar a cultura mexicana para a conservação da supremacia europeia.

Sobre a vinculação da tradução a assuntos que dizem respeito a relações de poder, Lefevere (2003, p. 4) também observa a tendência ocidental de mascarar aspectos das culturas estrangeiras em tradução. O autor cita um comentário de uma carta enviada por Edward Fitzgerald sobre a tradução de *Rubaiyat*, obra do escritor persa, Omar Khayyam. Fitzgerald diz ser “divertido tomar a liberdade de acrescentar um pouco de arte à Poesia persa”. A explicação de Lefevere sobre o comentário de Fitzgerald revela o descaso do escritor inglês aos elementos culturais do texto fonte:

‘Um pouco de arte’ representa uma dose irrestrita de poética Ocidental (o conceito permitido de como deve ser um poema) e um Universo Ocidental de Discurso (o termo pernas de veado não parece suficientemente poético, por isso é retirado da tradução de *Rubaiyat*) [...] (LEFEVERE, 2003, p. 4)²⁰

Ambos os autores ressaltam que tal tendência decorre da despreocupação do tradutor com a representação da cultura do “outro”, de forma a exercer, com liberdade, a refinação da língua alvo, para que ela se torne perceptível e fluente para os leitores. Um dos pontos em comum das posições de Venuti e Lefevere é a verificação de que existem critérios de imposição da cultura alvo, e que parte desses critérios tem relação com o papel representativo da obra traduzida na cultura alvo.

Em suma, ainda que não seja papel de uma obra literária traduzida influenciar o comportamento de uma cultura, ela quer, de alguma forma, inserir-se no cânone

²⁰ *The “little Art” represents a liberal dose of Western poetics (the accepted concept of what a poem should be) and Western Universe of Discourse (legs of lamb, not felt to be sufficiently poetic, are left out of the translation of the Rubaiyat) [...] (LEFEVERE, 2003, p. 4)*

literário daquela cultura, e, desse modo, tornar-se adaptável a sua língua. Para Lefevere, o conceito de “patronagem²¹” explica por que uma obra traduzida tende a se adaptar à lógica linguística da cultura que a recebe. Tal conceito se aplica à constatação de que há uma intenção mercadológica por trás de qualquer tradução literária, e ela se justifica pelo imperativo da audiência, uma vez que o trabalho tradutório deve manter o nível de aceitabilidade definido pelo “patrão” (pelas editoras), que não alcançará a audiência desejada se o tradutor romper com os padrões linguísticos exigidos na cultura alvo.

Cientes de tal circunstância, abordamos a analítica da tradução proposta por Berman (2012), porque, assim como Venuti (1995; 1998), este autor reflete sobre as duas formas convencionais de tradução empregadas por grande parte de tradutores e editores: a etnocêntrica e a hipertextual, cuja rejeição de estrangeirismos e a premência de adaptar o texto original para a cultura do país de chegada se apresentam como ponto comum para ambas. Há nesses dois autores uma visível oposição às formas tradicionais que veem o ato de traduzir como uma devolução exata do sentido.

Quando Berman (2012) situa historicamente a origem da tradução etnocêntrica – desde a época da Roma Antiga, com a tradução dos textos gregos para o latim, onde tudo era latinizado – percebe a existência de um sincretismo cultural²². No entanto, aponta para São Jerônimo, já na romanidade cristã, a origem da concepção de tradução que privilegia o sentido em detrimento da palavra: a ideia de verdade plena e da essência da expressão que se eternizou nas visões idealistas da legitimidade do sentido.

²¹ Cf. Lefevere (2003) “*Patronage*”.

²² Embora a palavra sincretismo encerre em si o sentido de fusão e mistura, Berman (2012) entende que o sincretismo romano se concretizou numa relação culturalmente desigual, a exemplo da Grécia. Para o autor, o sincretismo tradutório procura apenas uma adaptação à estrutura linguística.

A analítica da tradução de Berman (2012) propõe uma renovação ideológica e teórica que dê conta do “jogo de forças” que enlaça o tradutor e que podem desviar a tradução do seu objetivo, sendo imprescindível a redefinição de posições teóricas e ideológicas, que implicaria em uma “destruição” e em uma análise prévia sobre o que exatamente deve ser “destruído”. Por sua vez, Venuti (1995) também propõe uma redefinição do modo como se teoriza a tradução, colocando em causa a transparência do sentido e observando na prática como a tradução pode resultar numa forma de intervenção cultural através de processos igualmente ideológicos.

A analítica seria justamente identificar as tendências deformadoras que, para Berman (2012), “destroem” a letra do original e têm o objetivo de favorecer a manutenção do “sentido” e da “bela forma”. Assim, sendo a captação do sentido a essência da tradução etnocêntrica²³, ou seja, a afirmação da primazia de uma língua, tal sentido se encerra numa língua mais absoluta, mais ideal e mais racional que outra.

Para fundamentar a percepção das posições culturalmente definidas em *Terra Sonâmbula* e *Sleepwalking Land*, voltamos para a compreensão de Venuti (1995) sobre a produção de efeitos sociais no ato de traduzir, dentre os quais se destaca a formação de identidades culturais. Ao elaborar reflexões sobre a transparência do sentido e sobre a invisibilidade do tradutor, o autor está ciente da interferência do tradutor e da impossibilidade de se reproduzir um texto sem que sejam feitas novas significações na cultura alvo. Questiona, portanto, se a própria visibilidade do tradutor não seria mais oportuna.

Para Berman (2012), a tradução levanta questões éticas que devem ser organizadas, e essas principais questões éticas se direcionam a contextos particulares em que o poder da tradução se manifesta na formação de identidades.. Deste modo,

²³ Ao colocarmos o pensamento de Venuti (1995; 1998) em diálogo com o pensamento de Berman (2012), podemos concluir que a tradução etnocêntrica é para Berman (op.cit.) o mesmo que a tradução domesticadora é para Venuti (op.cit.)

questionar a tradução significa situar a parte que ocupa a captação do sentido, colocando-a como secundária, para observar algo de mais fundamental à tradução, em seu espaço e o seu valor.

Berman (2012, p. 87) chama a atenção para uma “outra essência do traduzir”, em que as tendências deformadoras apresentar-se-iam como vias para definir o espaço do jogo próprio da tradução. As treze tendências deformadoras analisadas em sua obra seriam então as causadoras da “destruição” da letra dos originais:

[...] a racionalização, a clarificação, o alongamento, o enobrecimento e a vulgarização, o empobrecimento qualitativo, **o empobrecimento quantitativo, a homogeneização**, a destruição dos ritmos, a destruição das redes significantes subjacentes, a destruição dos sistematismos textuais, **a destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares**, a destruição das locuções e idiotismos, **o apagamento das superposições de línguas** (BERMAN, 2012, p. 68, grifo nosso).

Das treze tendências apresentadas, destacamos as quatro tendências que interessam a esta pesquisa, juntamente com a definição que Berman (2012, p. 63-87) atribui para cada uma delas: a) “empobrecimento qualitativo” - ocorre quando há substituição dos termos simbólicos ou icônicos, presentes na obra original, por termos que não possuem a mesma carga significativa na obra fonte; b) “homogeneização” - dá-se quando a tradução tende a unificar e apagar o caráter heterogêneo próprio das obras em prosa; c) “apagamento das superposições de línguas” – dá-se quando a tradução apaga a existência de termos de línguas distintas que coexistem em obras de prosa; d) “destruição (ou a exotização) das redes de linguagens vernaculares” - consiste em destruir os vernaculares²⁴ ou conservá-los na tradução, através de uma exotização tipográfica do texto²⁵.

²⁴ Berman (2012) abrange a pluralidade de elementos vernaculares, ou seja, toda e qualquer variedade utilizada por uma comunidade linguística (país).

²⁵ Detemos-nos ao processo de exotização, associando-o à estratégia de estrangeirização. Não abordamos os casos de destruição de termos vernaculares, porque tal processo se

O autor entende que algumas receitas para se opor às forças deformadoras da tradução só levariam a uma nova metodologia não menos normativa que as anteriores. Dessa forma, propõe uma definição do espaço concreto da tradução. É nesse espaço que ele discute sobre o ético, o poético e o pensante, uma vez que a ética se expande em todos os fins da tradução (BERMAN, 2012). Sendo a ética uma realidade tangível no ato de traduzir, ela só pode estar ligada à letra. O ato de traduzir deve intervir na obra original de modo a revelar o que está oculto. Essa revelação seria a manifestação e “o coração materno da língua” torna-se o espaço de língua aberto e acolhedor. Nesse espaço, há o entrelaçamento das línguas, que ultrapassa o que elas têm de filologicamente ou linguisticamente semelhante.

A ideia de Berman (2012) confirma as novas perspectivas que se manifestam nos Estudos da Tradução e os seus novos desígnios. Além disso, seu ponto de partida sobre a analítica da tradução parece corroborar os princípios de diversidade cultural marcados por Glissant (2001), que avalia os aspectos da tradução literária dentro do imaginário das línguas, sugerindo a “soberania” de todas as línguas quando da passagem de uma língua para outra:

Doravante, o que a tradução sugere em seu princípio mesmo, através da própria passagem que ela realizaria de uma língua para a outra, é a soberania de todas as línguas do mundo. E, por essa razão, a tradução é o indício e a evidência de que temos que conceber em nosso imaginário essa totalidade das línguas. Da mesma forma que o escritor realiza essa totalidade, [...] o tradutor manifesta essa totalidade através da passagem de uma língua para uma outra, sendo confrontado com a unicidade de cada uma dessas línguas. (GLISSANT, 2001, p.55).

Compreendendo a tradução como um processo de “crioulização” ou de “mestiçagem cultural”, que tem como aspiração a “totalidade-mundo”, Glissant (op. cit) não se refere a uma essência universal da palavra e do sentido, mas à busca

assemelha ao processo de apagamento das superposições de línguas, cuja relação nesta pesquisa está estabelecida com a estratégia de domesticação.

constante do tradutor por aquilo que há em comum entre as línguas e se insere na própria relação cultural que define o espaço da tradução.

Pensar que a letra e o sentido estão ligados é assumir a impossibilidade da tradução ou a sua natural característica de traidora. Berman observa que a tradução é justamente a desconstrução da verdade absoluta ainda que queira ser verdade. Refutar essa verdade é, ao mesmo tempo, assumi-la, e nesse jogo de contradições, ela ocupa o duplo viés da ‘aceitação’ ou da ‘negação’ da letra e do sentido.

As questões de tradução de uma prosa literária que merecem uma atenção do tradutor são elementos da sua constituição e de sua “informidade”. A prosa literária geralmente apresenta uma pluralidade linguística que se encerra na construção narrativa e nos diálogos dos personagens:

A ploriferação babélica das línguas na prosa coloca questões de tradução específicas. Se um dos principais problemas da tradução poética é respeitar a polissemia do poema (por exemplo, nos sonetos de Shakespeare), o principal problema da tradução da prosa é respeitar a polilogia informe do romance e do ensaio (BERMAN, 2012, p. 66).

Terra Sonâmbula reflete em sua constituição essa “polilogia informe”. É intenção de Mia Couto transferir criativamente os elementos significativos da cultura moçambicana para cultura europeia, para adaptar o contexto multilíngue e multicultural moçambicano ao sistema da língua portuguesa. Se essa transferência de Mia Couto se configura como um processo de tradução das línguas autóctones de Moçambique para o português europeu, Brookshaw, ao traduzir para o inglês, confronta-se com esses elementos linguísticos da cultura fonte e sua transferência para cultura alvo.

Como foi exposto anteriormente, Venuti (1995) sugere que romper a barreira das diferenças culturais no processo tradutório “pode ser uma forma de resistência ao etnocentrismo, ao racismo, ao narcisismo cultural e imperialista, visando interesses de

relações geopolíticas democráticas”²⁶ (VENUTI, 1995, p. 20). A estrangeirização da tradução agruparia valores culturais normalmente colocados à margem pela cultura anglo-americana e permitiria a manifestação de elementos da cultura de partida.

Dessa forma, a tradução de *Terra Sonâmbula* – em que, como visto, o tradutor encontra barreiras na condição de transferir os elementos culturais e sociais do contexto da cultura de partida – requer uma reflexão sobre os fatores que determinaram a sua realização, abrindo espaço para uma análise que envolva os conceitos relacionados à recepção da obra na cultura alvo.

Para ilustrar, na tradução em análise, um exemplo de uma estratégia de domesticação, temos os trechos a seguir:

Minha família também não queria que eu pisasse na loja. Esse gajo é um monhé. Diziam como se eu não tivesse reparado.	Nor did my family want me to step inside the shop. “The fellow’s an Indian,” they would say as if I hadn’t noticed.
--	--

O termo *Monhé* – utilizado na variação moçambicana do português para se referir a pessoas descendentes de árabes, indianos, paquistaneses etc. – foi apagado em suas possíveis significações e substituído por um termo que se acomoda de forma fluente e transparente para os leitores da cultura alvo. Isso significa exatamente o oposto do que Venuti professa como prática estrangeirizante, porque não pressupõe a ruptura dos códigos culturais da língua alvo, mas se adapta a esse código, apagando agressivamente o que é estrangeiro.

O exemplo mencionado, da tradução do termo *monhé* para *indian* se enquadraria na definição de tradução etnocêntrica e domesticadora (BERMAN, 2012; VENUTI, 1995). Sob essa ótica, ao passo que constatamos uma adaptação à lógica da cultura alvo, confirmamos uma postura não ética em que as marcas da cultura

²⁶ *Foreignizing translation in English can be a form of resistance against ethnocentrism and racism, cultural narcissism and imperialism, in the interests of democratic geopolitical relations* (VENUTI, 2004, p. 20)

estrangeira se esvaecem na tradução. Para Berman, essa seria a maior prova da permanência da fluência canônica e da tentativa de preservação da pureza do sentido.

Conforme o exemplo, concluímos que Brookshaw traduziu a obra sem deixar marcas para o leitor que ali existia uma tradução, passando a impressão de que o autor teria escrito da mesma forma como se tivesse escrito em inglês, no entanto, existem outras situações na tradução da obra que nos leva a constatações menos óbvias e demandam uma análise mais profunda das escolhas do tradutor, como é o caso do exemplo a seguir:

<p>- <i>Só o nganga lhe pode ajudar. Talvez ele sabe um lugar sossegadinho.</i></p> <p>Sim eu deveria consultar o adivinho. Só ele podia saber do tal recantinho. Coisa de eu guardar meus sonhos (p. 31)</p>	<p>“Only the nganga can help you. Maybe he knows somewhere quite.”</p> <p>Yes, of course, I should consult the medicine man. Only he could know of some little corner, somewhere I could nurture my dreams.</p>
--	--

Ao contrário da situação anterior, aqui a palavra da obra fonte, “nganga”, foi mantida no contexto da língua alvo. Há uma explicação no próprio contexto do excerto sobre o seu significado, fato que favorece a manutenção do termo estrangeiro sem a necessidade de uma nota explicativa do tradutor.

No entanto, a marcação em itálico é utilizada para dar ênfase à estrangeirização do termo. Podemos constatar que a estratégia de estrangeirização aqui sofre uma modificação: não se observa a intenção do tradutor em resistir ao etnocentrismo com a estrangeirização do termo. A estrangeirização nesse contexto mostra inicialmente a falta de opção de um termo específico na cultura-alvo. No entanto, a exotização está explícita, visto que o procedimento tipográfico (itálico) acaba por isolar aquilo que não era isolado no texto fonte (BERMAN, 2012).

Diante do exposto, resta agora apresentar os procedimentos metodológicos para a coleta e análise dos dados e, em seguida, debater sobre os exemplos

selecionados, de modo a compreender como as culturas de partida e de chegada se entrelaçam, à luz das teorias aqui apresentadas.

2 CONSTRUINDO UM MODELO DE INVESTIGAÇÃO A PARTIR DA ANALÍTICA E DAS ESTRATÉGIAS DE TRADUÇÃO

O objetivo deste capítulo é descrever: i) o corpus de pesquisa, tipologia e os critérios para seleção do mesmo; ii) a descrição das categorias estabelecidas para a seleção da amostragem; e iii) os procedimentos metodológicos para a avaliação qualitativa. Como foi exposto no capítulo anterior, a pesquisa tem por base os estudos de tradução que tratam da reformulação (ou reconstrução) de um texto no processo tradutório – interligando uma diversidade de normas que fazem parte de convenções sociais e refletem procedimentos particulares de cada cultura (TOURY, 1997).

2.1 O corpus de pesquisa

Terra Sonâmbula foi publicada no Brasil, em 2009, pela Editora Companhia das Letras. Essa publicação, conforme nota explicativa²⁷, optou por manter a grafia do português de Moçambique, não se diferenciando em termos de escrita e estrutura da sua primeira edição, publicada em Lisboa, pela Editora Caminho, em 1992. Escrita originalmente em português moçambicano por Mia Couto, congrega aspectos essencialmente ligados à existência humana, rondando o fantástico e o maravilhoso, na medida em que circunda uma cultura de imaginação, de tradições, de fábulas e sonhos (RIOS, 2007).

Assim como em outras narrativas do autor, há em *Terra Sonâmbula* um jogo de significados e recriações da língua portuguesa, portadores de sentidos implícitos a serem desvendados pelos leitores. Em sua literatura, Mia Couto transcende não apenas por trabalhar com miudeza as questões humanas, mas por construir uma nova linguagem e um universo particular (RIOS, 2007). Ao mesmo tempo, trata de questões

²⁷ A nota encontra-se na contracapa da referida obra. Cf. Couto (2007).

universais, em que a temática principal, segundo o autor, “é sobre a guerra e sobre os conflitos que possivelmente estão por trás desta guerra” (COUTO, 1998, p.1034). A escrita de Mia Couto, em *Terra Sonâmbula*, se realiza enquanto modo de desconstrução de uma lógica ocidental que se evidencia no caráter contraventor de suas narrativas (NOGUEIRA, 2010).

As criações, o distanciamento de parâmetros linguísticos cristalizados e afixados em certas estruturas, as desconstruções de frases e provérbios são ‘brincadeiras’ com o leitor/tradutor que, ao se deparar com essas particularidades, carece imediatamente de desvendar o mistério existente nas entrelinhas, nos entrelugares e na linguagem do romance:

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir (COUTO, 2007, p. 9).

Nas primeiras linhas do capítulo inicial, a representação da terra morta pela guerra e a inevitável conformidade dos seus habitantes tiram o véu do desconhecido e encoraja o leitor a descobrir os mistérios daquele mundo tão pouco belo frente à atrocidade de quem assim o tornara.

Terra Sonâmbula traz a guerra e seus efeitos, o confronto entre os povos em Moçambique, as consequências e os resultados de conflitos efervescentes naquela sociedade. Assim, Mia Couto reúne, em sua narrativa, uma série de assuntos vinculados à cultura local de seu país que, durante um considerável período, foi destruído e tiranizado culturalmente pelo peso de civilizações hegemônicas (RIOS, 2007).

Segundo Mendonça (2013, 71), nos meios acadêmicos moçambicanos, *Terra Sonâmbula* foi alvo de muitas críticas negativas, e as razões para tal são as mesmas pelas quais a obra foi muito bem aceita no estrangeiro, cujas opiniões se baseiam principalmente em traduções. Conforme a autora, fora de Moçambique, a obra ganha

destaque por três principais razões: porque a realidade textual se assemelha à realidade extratextual; por se apropriar da realidade cultural moçambicana; e por valorizar o exotismo linguístico; enquanto as críticas dos moçambicanos sobre a obra incidem justamente na negação de todas essas percepções, pois o interesse do estrangeiro parece recair na insistência de concepções estereotipadas e generalizadas sobre a África, tais como o quadro da guerra (realidade extratextual) e as informações antropológicas (culturais).

A versão de *Terra Sonâmbula* traduzida para o inglês, *Sleepwalking Land*, foi publicada em 2006, pela editora britânica, *Serpent's Tails*, catorze anos depois da primeira edição de *Terra Sonâmbula* (1992). O livro traduzido recebeu boas críticas de meios de comunicação reconhecidos no contexto britânico, sendo considerado um dos melhores livros africanos publicados no século XX pela revista *The Good Book Guide*²⁸.

Recentemente, Mia Couto foi laureado com o Neustad, prêmio internacional de literatura, conhecido como o “Nobel Americano”. Esse prêmio é concedido pela universidade estadunidense, Universidade de Oklahoma, que considerou *Sleepwalking Land* como a obra mais representativa para a conquista do prêmio.

David Brookshaw é natural de Londres e possui doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de Londres. Atualmente, é professor de Estudos Brasileiros, Estudos Portugueses e Literatura Africana em Português, no Departamento de Estudos Hispânicos, Portugueses e Latino-Americanos, da Universidade de Bristol, na Inglaterra.

²⁸Cf. COUTO (2006). “*Deftly translated from the Portuguese by David Brookshaw, Sleepwalking Land was praised as one of the best African books of the twentieth century: it is clear indictment of war and sure gasp of a pivotal period of history offer the reader a riveting portrait of a land struggling towards a new future*”

As traduções de Mia Couto feitas por David Brookshaw datam de 1990, com *Voices anoitecidas/Voices Made Night* e *Cada homem é uma raça/Every man is a race* (1994), pela editora Heinemann. A partir de 2001, a publicação passa a ser da editora Serpent's Tail, com *A varanda do Frangipani/ Under the Frangipani*, em 2001, e a última publicação até o momento, em março de 2013, de *O afinador de Silêncios/A tuner of silences*.

Terra Sonâmbula tem continuamente conquistado seu espaço no contexto global. A obra já foi traduzida para as mais diversas línguas e, no contexto brasileiro, existe uma variedade de pesquisas universitárias que mostram o crescimento do nosso interesse sobre a obra e sobre a literatura africana de língua portuguesa em geral. Recentemente, a Universidade de Campinas (UNICAMP) anunciou uma lista de leituras obrigatórias para os estudantes que irão prestar vestibular em 2016. *Terra Sonâmbula* está incluída entre várias obras de escritores da língua portuguesa, clássicas e contemporâneas. De modo geral, a inclusão de *Terra Sonâmbula* é importante, porque abre espaço para a contemplação das obras de língua portuguesa de países africanos no Brasil²⁹.

2.2 Definição de *corpus* para esta pesquisa

A Linguística de Corpus ocupa-se da exploração de um conjunto de dados linguísticos coletados a partir de um determinado critério. (BERBER SARDINHA, 2005). Para a nossa pesquisa, é pertinente fundamentar a definição de *corpus* nessa área da linguística, porque essa área conceitua o *corpus* como “um conjunto de textos” que “consiste numa forma de representar empiricamente o uso que se faz de uma língua em seu sentido geral ou específico” (VIANA, 2010, p. 27).

²⁹ Disponível em: http://www.comvest.unicamp.br/noticias/lista_livros2016.html. Acesso em: outubro 2014.

Esse conjunto de textos coletados conforme aspectos pontuais da língua estão aqui representados pela seleção criteriosa da amostragem, passagens da obra escrita em português que apresentam especificidades culturais (moçambicanismos) e suas respectivas traduções para o inglês, a partir de uma organização paralela do *corpus* (OLOHAN, 2004).

A seleção dos dados foi feita manualmente – conforme os critérios que serão apresentados no tópico que trata da descrição da amostragem – e dispostas em tabelas no *Microsoft Word*. Os textos foram observados sem que houvesse espaço para estabelecer qualquer relação hierárquica entre a obra traduzida e a obra original (HEIDMANN, 2010).

Conforme Baker (1993 *apud* SILVA, 2012), *corpora* paralelos bilíngues, caso específico da presente pesquisa, consistem na organização paralela de textos em língua A (original) e sua respectiva tradução em língua B. O tipo de *corpus* que contém traduções em várias línguas do mesmo texto fonte é chamado de *corpus* paralelo multilíngue. A presente pesquisa apresenta um *corpus* de organização paralela bilíngue (Língua Portuguesa = LA e Língua Inglesa = LB)

O uso do *corpus* paralelo implica, segundo Olohan (2004), alguns mecanismos pelos quais a parte destacada para análise do texto alvo deve ser identificada como sendo a tradução da parte destacada do texto fonte. Dessa forma, optamos pela utilização do negrito para dar destaque a ambos os segmentos, fonte e alvo, uma vez que nem autor nem tradutor utilizam esse mecanismo em seus textos. Partimos do princípio de que a utilização do negrito tornará possível a avaliação dos termos selecionados para análise conferindo-lhe uma visão mais objetiva.

Baker (1993 *apud* SILVA, 2012) afirma que o *corpus* paralelo é uma ferramenta de análise que possibilita a observação das normas e dificuldades tradutórias em contextos socioculturais diversos. Longe de ser uma análise apenas quantitativa, onde a organização paralela do *corpus* é capaz de revelar a frequência do uso de léxicos

escolhidos pelo tradutor (UZAR, 2002), esta pesquisa opta pelo delineamento paralelo de *corpus* para, além de quantificar, analisar qualitativamente como as normas da cultura alvo se refletem culturalmente no produto traduzido.

2.2.1 A pesquisa descritiva

Sobre o caráter da pesquisa descritiva, Prodanov e Freitas (2013) assinalam que o registro e a descrição dos fatos sem interferência do pesquisador são procedimentos primordiais para a sua realização. Segundo os autores, as pesquisas descritivas podem se aproximar das exploratórias, a partir do momento que proporcionam uma nova visão do problema.

Os estudos descritivos de tradução possuem procedimentos metodológicos particulares, os quais consistem na observação do comportamento da tradução na cultura alvo. Esses estudos objetivam compreender como a escolha da estrutura e da organização sistemática se manifesta na tradução, considerando-se as possibilidades de sentido que ela pode suscitar (TOURY, 1995).

Para melhor especificar os procedimentos concernentes aos Estudos de Tradução, apresentamos os princípios metodológicos demarcados por William e Chesterman (2002). De acordo com esses autores, há duas diferentes formas de pesquisa desenvolvidas em grande parte das investigações acadêmicas: a conceitual e a empírica. A pesquisa conceitual procura definir e esclarecer conceitos ao estabelecer distinções, enquanto a pesquisa empírica busca novos dados e informações resultantes da observação de uma experiência prática, buscando “evidências que confirmem ou neguem hipóteses, ou até que gerem outras novas”³⁰ (WILLIAM; CHESTERMAN, 2002, p. 58).

³⁰“It seeks evidence which supports or disconfirms hypotheses, or generate new ones”(WILLIAM & CHESTERMAN, 2002, p. 58)

Os Estudos de Tradução devem ser capazes de estabelecer uma relação entre essas duas formas de pesquisa. É nesse sentido que os dois vieses, aparentemente opostos, complementam-se para responder aos objetivos aqui apresentados. William e Chesterman (2002) apontam para ambas perspectivas como necessárias para os Estudos de Tradução e para qualquer outro campo do conhecimento, ao afirmarem que não se pode observar qualquer fenômeno sem que se tenha um conceito preliminar ou uma teoria que determine alguns valores sobre aquilo que está sendo observado. Quanto à constituição do nosso campo de interesse, *a priori*, já existiam alguns conceitos-chaves responsáveis por nortear a busca de elementos que pudessem responder aos questionamentos iniciais. Um dos fatores decisivos para a seleção de tais fenômenos é que partimos de uma perspectiva teórica de tradução que prioriza o fator cultural, como foi exposto no Capítulo 1.

A primeira etapa da pesquisa se caracteriza, portanto, pela descrição dos fatos empíricos, a partir do levantamento de alguns fenômenos particulares da língua original e sua tradução. Ao selecionar os 50 trechos da obra original e da obra traduzida para interpretação das questões culturais, através da observação e da descrição das escolhas do tradutor, foram estabelecidas categorias que organizam essas escolhas, fundamentadas em elementos linguísticos e culturais. A partir das categorias, foram aplicados os conceitos e teorias que deram base à pesquisa.

2.3 Categorias estabelecidas para organização do *corpus* de pesquisa

A análise de tradução que prioriza a observação da prática, a partir do contato direto com o objeto a ser estudado, gera uma reflexão que se sistematiza pelo envolvimento de uma série de questões (BERMAN, 2012). A premissa básica da reflexão aqui realizada está na avaliação de itens lexicais presentes em uma obra literária que, na cultura da língua fonte apresentam valor simbólico, pelo seu teor

expressivo e por sua significância cultural, enquanto a tradução para a língua alvo é conduzida pela determinação de normas e interesses específicos, que se materializam nas recriações das significâncias desses itens para a cultura alvo.

As práticas do mercado – configuradas no interior de um determinado contexto econômico, político e social – subordinam a força expressiva da produção artística (CANCLINI, 2000), e a tradução literária, atividade condicionada por tal produção, acaba por se subordinar às normas e convenções sociais da cultura receptora, as quais regem as escolhas estéticas do tradutor e influenciam suas decisões (GENTZLER, 2009).

Conduzida pela determinação das estratégias de tradução abordadas por Venuti (1995) aliadas a processos de deformação elaborados por Berman (2012), a observação das decisões do tradutor, nesta pesquisa, recai na importância de se pensar sobre as formas de representação cultural resultantes do processo tradutório e sobre a situação de invisibilidade do tradutor na cultura anglo-americana, abrangendo as suas implicações para os Estudos de Tradução. Por essa razão, a perspectiva adotada compreende a tradução como uma reescrita do texto fonte, porque abrange a problemática da ideologia e das relações de poder, estritamente vinculadas ao processo de tradução literária (LEFEVERE, 2003).

Para estabelecer a classificação particular que categoriza os dados levantados em suas especificações, focamos em dois tipos de estratégias com base nas determinações estabelecidas por Venuti (1995): a estratégia de estrangeirização e a estratégia de domesticação.

Para Venuti (op.cit), essas estratégias têm seu papel muito bem definido no processo de tradução no contexto anglo-americano. Em suma, enquanto a estratégia de domesticação privilegia a fluência da língua no contexto alvo, a estratégia de estrangeirização contraria os interesses imperialistas, resistindo ao etnocentrismo. Contudo, o recorte proposto na pesquisa nem sempre corresponde às condutas

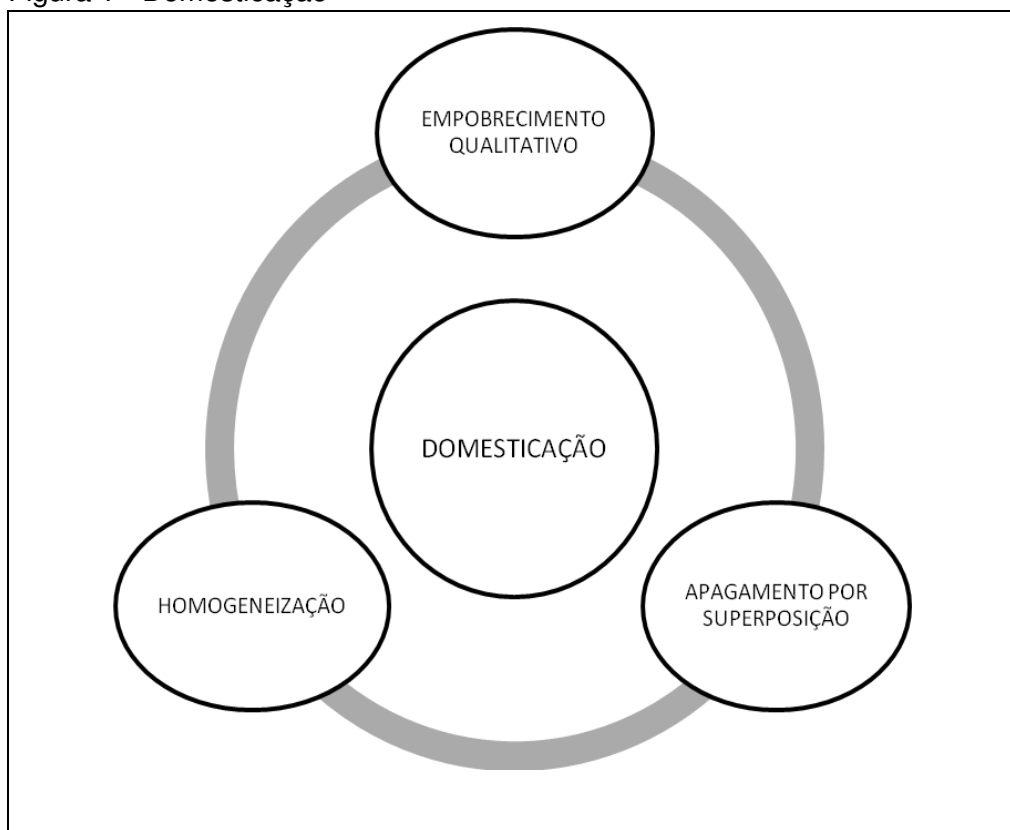
estratégicas definidas pelo autor, uma vez que a análise prévia dos dados suscitou diferentes formas de interpretação do uso dessas estratégias.

Desse modo, para auxiliar a análise interpretativa e para torná-la mais eficiente, optamos por aliar as tendências deformadoras, assinaladas por Berman (2012), às estratégias de estrangeirização e domesticação de Venuti (1995). Das treze tendências nomeadas por Berman (op.cit), selecionamos as quatro que se manifestaram com maior frequência e que merecem maior atenção nesta pesquisa:

- a) homogeneização;
- b) empobrecimento qualitativo;
- c) apagamento da superposição de línguas;
- d) destruição ou exotização das redes das linguagens vernaculares.

A partir da junção das estratégias de Venuti (op.cit) e as tendências deformadoras de Berman (op.cit) foi possível enquadrar os processos tradutórios em duas diferentes categorias, representadas nas figuras abaixo:

Figura 1 - Domesticação

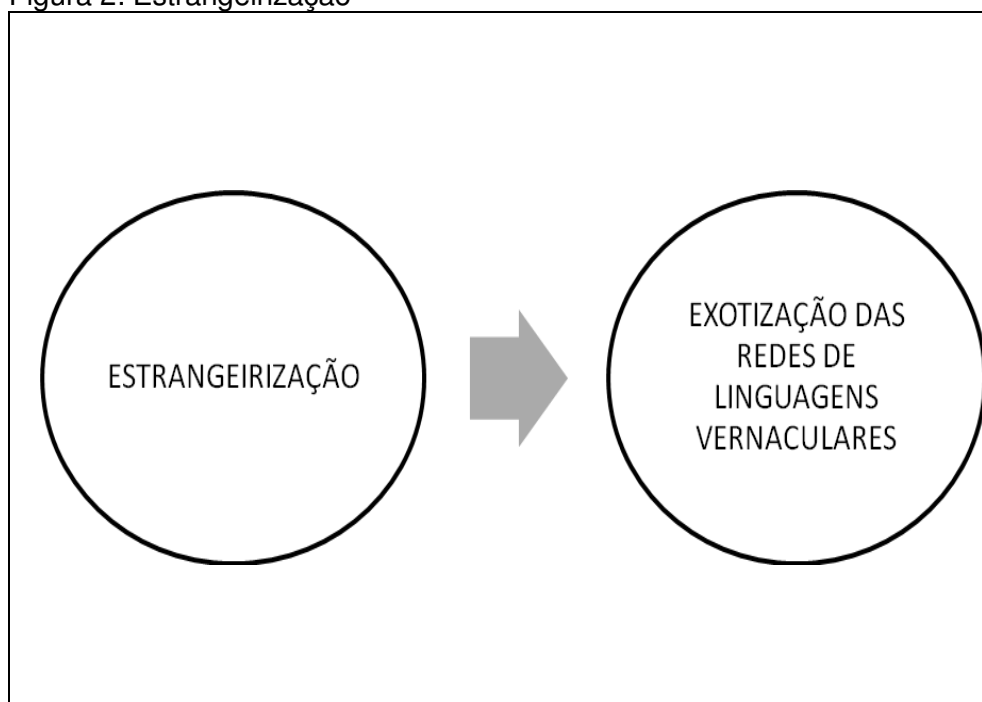


Fonte: Autora

A observação dos processos deformadores em *Sleepwalking Land* permitiu que a análise promovesse uma discussão sobre as estratégias de domesticação e de estrangeirização de maneira consistente. Como ilustramos na figura acima, a estratégia de domesticação foi observada sob três diferentes condições: a partir dos processos de deformação por empobrecimento qualitativo, por homogeneização e pela superposição de línguas vernaculares.

De maneira similar, foi fundamental que as discussões sobre as estratégias de estrangeirização fossem observadas a partir de sua vinculação ao processo deformador de exotização das redes de linguagens vernaculares:

Figura 2: Estrangeirização



Fonte: Autora

A lógica fundamental da estratégia estrangeirizadora implica a conservação do termo estrangeiro sem a permuta das línguas. A necessidade de separar os processos se justifica pela ocorrência de ambos os processos em *Sleepwalking Land* e pela distinção analítica que emerge das escolhas tradutórias.

De acordo com o que foi explanado através das figuras acima, apresentamos os exemplos que ilustram as categorias a partir do *corpus*:

a) **Domesticação**: Analisa excertos traduzidos que não dão espaço para a expressividade do caráter heterogêneo e que revelam a perda da riqueza icônica da palavra da língua fonte quando da sua tradução:

Ex. 1

<p>Aos poucos, eu sentia a nossa família quebrar-se como um pote lançado no chão. Ali onde eu sempre tinha encontrado meu refúgio, já não restava nada. Nós estávamos mais pobres que nunca. Junhito tinha os joelhos escapando das pernas, cansado só de respirar. Já nem podíamos machambar. (p.17)</p>	<p>Gradually, I sensed that our family was breaking apart like a pot hurled to the ground. There where I had always found my refuge, there was nothing left. We were poorer than we had ever been. Juney's knees were popping out of his legs and even breathing tired him. We could no longer tend our crops. (p. 9)</p>
--	--

Ex.2

<p>Minha família também não queria que eu pisasse na loja. <i>Esse gajo é um monhé</i>. Diziam como se eu não tivesse reparado. E acrescentavam: - <i>Um monhé não conhece amigo preto</i>. (p. 24)</p>	<p>Nor did my family want me to step inside the shop. "The fellow's an Indian," they would say as if I hadn't noticed. And then they would add: "An Indian doesn't have black friends". (p.17)</p>
---	--

c) **Estrangeirização**: Categoria que analisa os excertos que contêm termos estrangeirizados, exotizados a partir do uso de um recurso tipográfico.

Ex. 3

<p>O xipoco rodou a pá sobre a cabeça, se algazarrando em berraria: - <i>Entra na cova!</i> Como eu não comparecesse ao chamamento, ele me segurou pelos braços e me puxou. Usava as violências? Não. Essa é a estranheira: ele me manejava com delicadeza, vice-versátil, quase me fosse cinturar para uma dança. (p. 42)</p>	<p>The xipoco wave the spade around above his dead , and bellowed noisily: "Get into the hole!" As I didn't respond to his summons, he took me by the arms and pulled me forward. Did he resort to violence? No. That's thestrangething: he handled me delicately, multi-resourcefully, almost put an arm round my waist as if sweeping me on to the dance</p>
---	---

Mediante a delimitação dessas categorias, será possível compreender a maneira como os elementos locais da cultura moçambicana ressurgem no contexto global da língua inglesa a partir de *Sleepwalking Land*, fornecendo-nos a base para uma reflexão mais profunda sobre o processo tradutório e suas complexas transferências culturais. A construção imagética de Moçambique no interior do espaço linguístico insinuador da resistência colonial, realizada por Mia Couto como seu *locus* enunciativo³¹, torna-se o pano de fundo para essa reflexão.

2.4 Procedimentos metodológicos para a coleta de dados e critérios de seleção

Como apresentado na Introdução, esta pesquisa tem como objetivo desenvolver um estudo descritivo sobre *Sleepwalking Land*, tradução feita por David Brookshaw, da obra de Mia Couto, *Terra Sonâmbula*, sob a ótica das Teorias de Tradução e dos Estudos Culturais, abordando língua, sociedade e cultura.

Na obra original utilizada para análise (edição da Companhia das Letras, publicada em 2007), existe um glossário com 47 vocábulos de origem moçambicana e seu respectivo 'significado' em português. Os critérios adotados pela editora para a seleção das palavras do Glossário não são conhecidos, uma vez que não foram contempladas todas as palavras de origem autóctone presentes em *Terra Sonâmbula*. Não obstante, a maior parte das palavras apresentadas nesse Glossário tem origem autóctone, e são comumente utilizadas no cotidiano do povo moçambicano³²

³¹ Para o escritor nigeriano, Wole Soyinka, a verdadeira representação da Literatura Africana consiste na forma expressiva de um *locus* enunciativo que não reforce estereótipos e se distancie do caráter exótico do africano para dar espaço a uma africanidade legítima. Cf. Reis (2011).

³² A maioria da população (71,4%) vive nas zonas rurais e usa as línguas bantu na comunicação cotidiana. O português é falado especialmente por pessoas escolarizadas ou por

(TIMBANE, 2012). Para a análise, selecionamos 50 passagens em que os moçambicanismos surgem de forma expressiva, das quais 19 foram separadas para amostragem e serão contextualizadas no processo de análise da tradução.

Em termos de representatividade do *corpus*, partimos das considerações de Bowker e Pearson³³ (2002 *apud* VIANA, 2010), que não veem o tamanho do *corpus* como fator determinante para análise nem para representatividade,

Infelizmente não há regras consistentes e seguras que possam ser seguidas para determinar o tamanho ideal de um *corpus*. Em vez disso, deve-se tomar essa decisão baseado em fatores como as necessidades de seu projeto, a disponibilidade de dados e a quantidade de tempo que se dispõe. É muito importante, no entanto, que não se suponha que maior é sempre melhor. Pode-se descobrir que se consegue obter mais informações úteis de um *corpus* que é pequeno, mas bem planejado, do que de um que é maior, mas não é personalizado para atender às suas necessidades³⁴ (BOWKER; PEARSON, 2002 *apud* VIANA, 2010, p. 29),

Compreendemos, assim, que a decisão do pesquisador e sua esquematização para atender às necessidades da pesquisa são mais relevantes. Na primeira triagem, foram selecionados os excertos a partir da verificação dos termos em português concomitantemente à verificação da sua respectiva tradução para o inglês. Percebemos, através de investigação do texto fonte, os termos que se destacavam como de natureza moçambicana, sendo sua maior parte proveniente das mais de vinte línguas do grupo da família bantu.

Colocamos em evidência os 'moçambicanismos', ou seja, os termos que provinham da essência moçambicana, em que a herança cultural se confessa com

aquelas que vivem nas capitais das províncias, em sua maioria. O português tem estatuto político mais privilegiado porque o artigo 9º e 10º, da Constituição da República de Moçambique (de 2004) determina o português como oficial" (TIMABANE, 2012, p. 290)

³³ Cf. BOWKER, L; PEARSON, J. Working with specialized language: a practical guide to using corpora. London: Routledge, 2002.

³⁴ "Unfortunately, there are no hard and fast rules that can be followed to determine the ideal size of a corpus. Instead, you will have to make this decision based on factors such as the needs of your project, the availability of data and the amount of time that you have. It is very important, however, not to assume that a bigger is always better. You may find that you can get more useful information from a corpus that is small but well designed than from one that is larger but is not customized to meet your needs" (BOWKER; PEARSON, 2002 *apud* VIANA, 2010, p. 29).

mais nitidez, incluindo-se, portanto, a expressão da natureza, da terra, da tradição e da busca da identidade, aqui, metaforicamente representada por todos esses elementos. Organizamos, portanto, paralelamente as suas respectivas traduções.

3 AS IMPLICAÇÕES DAS ESTRATÉGIAS TRADUTÓRIAS NA FORMAÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS

Este capítulo propõe-se a descrever estratégias tradutórias de *Sleepwalking Land*, situando os exemplos selecionados em cada uma de suas categorias. Em seguida, abriremos espaço para uma discussão sobre as implicações culturais e sociais que emergem do trabalho tradutório através da análise qualitativa dos excertos escolhidos. Os conceitos de tradução que envolvem a construção da imagem do “outro” e as relações de poder que se realizam nas estruturas sociais também são trazidos à tona para debater sobre a influência da tradução nos processos de formação de identidades culturais.

A análise do *corpus* foi dividida em duas etapas, conforme os objetivos da pesquisa. A primeira etapa consiste em apresentar os excertos selecionados, incluindo-os nas categorias que foram estabelecidas e apresentadas nos procedimentos metodológicos; a segunda incide na reflexão dos processos tradutórios, avaliando a versão em inglês dos termos moçambicanos em seus respectivos contextos e discorrendo sobre a relação que se estabelece entre a cultura moçambicana e contexto anglo-americano.

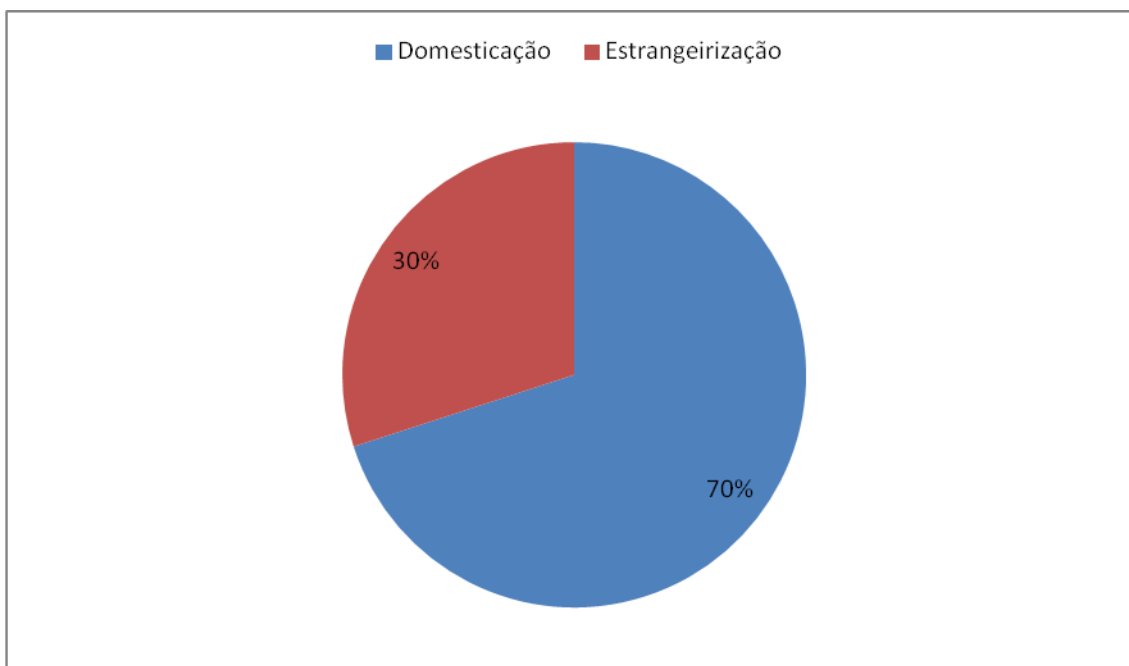
Seguindo com a verificação de 50 excertos selecionados para a análise, segue abaixo uma explanação detalhada dos dados quantitativos conforme as categorias apresentadas no Capítulo 2:

Categoria 1: Domesticação - 35 Termos

Categoria 2: Estrangeirização - 15 Termos

Apresentamos a seguir um gráfico que ilustra a frequência de todos os termos selecionados para a pesquisa em suas respectivas categorias e seus correspondentes processos:

Quadro 1 - Frequência das Estratégias Tradutórias em *Sleepwalking Land*



Fonte: Autora

No gráfico acima, observamos a predominância da estratégia de domesticação (70% dos termos selecionados), no entanto, não podemos desconsiderar a forte presença da estratégia de estrangeirização (30%). O próximo tópico se encarregará de verificar as suas implicações no interior das teorias discutidas nesta pesquisa.

Os dados práticos da análise quantitativa apresentam os resultados estatísticos e as ocorrências dos termos traduzidos. Acreditamos que a quantificação particularmente torna mais objetiva a observação da frequência das diferentes estratégias utilizadas por David Brookshaw em *Sleepwalking Land*.

Para prosseguir com a análise, compreendemos que as teorias apresentadas no Capítulo 1 se configuram como reflexões norteadoras. Sobre as teorias debatidas na pesquisa, observamos, primordialmente, uma ruptura com a crença na palavra e na

pureza do sentido, cujo resultado se concretizará na obrigação e no comprometimento do trabalho tradutório em transmitir rigorosamente o ‘verdadeiro’ conteúdo das escrituras. Esse fato, particularmente, ilustra as razões pelas quais houve um esforço da teoria clássica do século XX para atribuir uma função quase milagrosa ao trabalho tradutório.

É por esse viés que observamos a relevância dos Estudos Descritivos de Tradução (DTS) (TOURY, 1995) nesta pesquisa, uma vez que a premissa desses Estudos recai justamente na alteração da perspectiva clássica sobre o processo tradutório, que deixa de ser prescritiva, restrita à censura do produto traduzido - da mera verificação do que é ‘bom’ ou ‘ruim’ – e passa a respeitar o contexto para o qual o texto traduzido é direcionado, tornando, assim, indispensável uma reconstituição do pensamento sobre o processo de tradução e, conseqüentemente, da sua teoria.

Levando em consideração que o conceito de tradução depende do papel funcional que ela exerce em determinado contexto histórico e social e, ao mesmo tempo, orientando-se pela mesma lógica da DST, as teorias de Venuti (1995; 1998), Berman (2012), que focam veementemente no etnocentrismo ocidental arraigado ao processo de tradução das culturas ocidentais, também se apresentam como ideias centrais para a observação das estratégias tradutórias de David Brookshaw.

Sigamos, portanto, com a primeira etapa:

3.1 Seleção de amostragem conforme categoria

a) **Domesticação** - Categoria que observa a estratégia de domesticação através de exemplos de tradução que mitigam a heterogeneidade cultural e linguística. Verificamos também uma preferência pela transparência do sentido e pela fluência do inglês padrão na tradução. Selecionamos para essa categoria os seguintes excertos:

Excerto 1

<p>Reina um negro silvestre, cego. Muidinga olha o escuro e estremece. É um desses negros que nem os corvos comem. Parece todas as sombras desceram à terra. O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita enroscado como um congolote. O machimbombo se rende à quietude, tudo é silêncio taciturno. (p. 13)</p>	<p>A sylvan darkness rules, blind. Muidinga looks at the gloom and shivers. It's a darkness so deep that not even the ravens would eat it. It's as if all the shadows had descended to earth at once. Fear parades its horns in the child's breast as he lies down, curled up tied like a centipede. (p. 5)</p>
--	--

Excerto 2

<p>Às vezes, enquanto seguia pelo escura, carregando a refeição do defunto, ouvia as hienas gargalhando. No desfrizar do medo me veio a suspeita: e se fossem as quizumbas a aproveitar das panelas? Ou se ele, o falecido, usasse a forma de bicho para se empançar? (p.21)</p>	<p>Sometimes, while I was walking through the darkness carrying the dead man's meal, I would hear the hyenas cackling. As my fears unfolded, I was suddenly struck by a doubt: supposing it was the hyenas availing themselves of the pots? Or supposing the deceased were using an animal form to fill his belly? (p. 14)</p>
---	---

Excerto 3

<p>Aos poucos, eu sentia a nossa família quebrar-se como um pote lançado no chão. Ali onde eu sempre tinha encontrado meu refúgio, já não restava nada. Nós estávamos mais pobres que nunca. Junhito tinha os joelhos escapando das pernas, cansado só de respirar. Já nem podíamos machambar. (p.17)</p>	<p>Gradually, I sensed that our family was breaking apart like a pot hurled to the ground. There where I had always found my refuge, there was nothing left. We were poorer than we had ever been. Juney's knees were popping out of his legs and even breathing tired him. We could no longer tend our crops. (p. 9)</p>
--	--

Excerto 4

<p>Essa viagem, porém, teria que seguir o respeito do seu conselho: eu deveria ir pelo mar, caminhar no último lábio da terra, onde a água faz sede e a areia não guarda nenhuma pegada. Eu que levasse o amuleto dos vaijeiros e o guardasse em velha casca do fruto ncuácuá. (p. 31)</p>	<p>But this journey would have to respect his counsel: I should go by sea, travel along the farthest lip of land, where water causes thirst and the sand leaves no footprint. I should carry with me the charm appropriate for travelers, and keep it in the shell of a monkey orange fruit. (p.25)</p>
---	--

Excerto 12

<p>Súbitos ruídos o interrompem, mais diante. Parecem vozear de gente, nas traseiras de</p>	<p>They are interrupted by sudden noises up ahead. It sounds like voices coming from</p>
---	--

um pequenito monte. Sobem, com cuidado. Era um homem que, do outro lado da encosta, abria um imenso buraco, facholando com afinco. (p.85)	behind a little hillock. Taking great care, they climb up it. There's a man on the other side of the slope, carefully digging a huge hole. (p.85)
--	--

Excerto 15

Espreitei o corpo na distância. Realmente, o homem estava escurecido, dessa cor estagnada dos machongos . E a corda, parada em sua mão, o que seria? O mesmo miúdo me contou: o homem estava a fazer uma corda para se enforcar. Dia e noite enrolava o sisal sem nunca terminar a obra. (p.121)	I peered at the body in the distance. The man was indeed dark, of the clayish soil . And the rope lying still in his hand, what could that be? The same young lad told me: the man was making a rope to hang himself. Day and night, he would roll the sisal without ever completing the task. (p. 124)
---	--

Excerto 19

Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade. Por isso ele não insiste. Roda à volta do machimbombo . O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. (p. 10)	Muidinga remains unconvinced. He looks at the plain; everything seems to have faded. In that land so devoid of life, to be right is something you no longer care about. For that reason, he does not press his point. He walks round the bus . The vehicle had swerved off the road. Coming to rest half across the highway. (p.2)
---	---

Excerto 20

<p>- Mas na estrada não é mais perigoso, Tuahir? Não é melhor esconder no mato?</p> <p>- Nada. Aqui podemos ver os passantes. Está-me compreender?</p> <p>- Você sempre sabe, Tuahir.</p> <p>- Não vale a pena queixar. Culpa é sua: não é você que quer procurar seus pais?</p> <p>Quero. Mas na estrada quem passa são os bandos.</p> <p>- Os bandos se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta falecemos junto com o machimbombo. (p. 10-11)</p>	<p>"But isn't it more dangerous on the road, Tuahir? Isn't it better to hide in the rush?"</p> <p>"Not at all. Here we can watch the passers-by. Don't you see?"</p> <p>"You always know wverything, Tuahir."</p> <p>"It's no use complaining. You're to blame: isn't it you who wants to find your parents?"</p> <p>"That's right. But the bandits are the only ones to pass by along the road."</p> <p>"If the bandits come, we'll act like we're dead. Pretend we died along with the bus." (p. 3)</p>
--	---

Excerto 21

Daquele modo, nenhum cipaio lhe	That way, no policeman would squeeze his
--	---

apertaria os engasgantes. Ele nunca destilava sura. Vida boa, aconselhava ele, é chupar manga sem descascar o fruto (p. 15).	gullet: he wasn't distilling sura. His advice for a good life was to suck the mango without having to peel the fruit. (p.7)
--	---

Excerto 22

Minha família também não queria que eu pisasse na loja. <i>Esse gajo é um monhé.</i> Diziam como se eu não tivesse reparado. E acrescentavam: - <i>Um monhé não conhece amigo preto.</i> (p.24)	Nor did my family want me to step inside the shop. "The fellow's an Indian ," they would say as if I hadn't noticed. And then they would add: "An Indian doesn't have black friends". (p.17)
--	---

Os excertos selecionados para essa categoria trazem elementos importantes para uma discussão sobre a complexidade do trabalho tradutório. Através desses exemplos, a transparência da língua se faz ilusória quando da percepção das relações associativas em que todo enunciado está inserido. Procuramos também perceber os resultados da domesticação quando há certo desvio da representatividade e da força simbólica da palavra a partir da tradução.

Assim, os exemplos desta categoria foram igualmente selecionados conforme a representatividade icônica do termo destacado para a análise na obra da língua fonte, partindo do princípio de que essa representatividade está refletida em sua construção imagética, pois segundo Berman: "É icônico o termo que, em relação ao seu referente, 'cria imagem', produz uma consciência de semelhança" (BERMAN, 2012, p. 75).

Nesse sentido, focando no processo de homogeneização cultural no contexto anglo-americano e descaracterização da simbologia cultural, a nossa análise tecerá algumas considerações sobre o que pode insurgir da homogeneização, do empobrecimento qualitativo e do apagamento da superposição de línguas na estratégia de domesticação, inclusive a sua capacidade de apagar a particularidade da cultura local.

b) **Estrangeirização** - Esta categoria consiste em observar os exemplos estrangeirizados que sofrem modificação tipográfica.³⁵

Excerto 36

<p>Sou chamado deKindzu. É o nome que se dá aspalmeritas mindinhas, essas que se curvam junto às praias. Quem não lhes conhece, arrependidas de terem crescido saudosas do rente chão? Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem a sua única preferência: beber sura, o vinho das palmeiras. (p. 15)</p>	<p>My name is Kindzu. It's the same name givento theskinny little palmsthat bend and sway along the beach. Who doesn't know them, trees that seem to regret having grown and to miss the ground. My father choose me such a name as a tribute to his one and only predilection: drinking sura,palm wine. (p. 7)</p>
---	--

Excerto 37

<p>- <i>Esse quem era?</i> -<i>Esse é um naparama.</i> Naparama? Nunca eu tinha ouvido falar em gente dessa. Surendra me explicou vagamente. Eram guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores da guerra.(p. 26)</p>	<p>"Who was that?" "It was a naparama." Naparama?I had never heard of such people. Surendra gave me a vague explanation. They were traditional warriors, blessed by the witch-doctors who fought against the warmongers. (p. 20)</p>
--	--

Excerto 38

<p>- <i>Só o nganga lhe pode ajudar. Talvez ele sabe um lugar sossegadinho.</i> Sim eu deveria consultar o adivinho. Só ele podia saber do tal recantinho. Coisa de eu guardar meus sonhos. (p. 31)</p>	<p>"Only the nganga can help you. Maybe he knows somewhere quite." Yes, of course, I should consult the medicine man. Only he could know of some little corner, somewhere I could nurture my dreams. (p.25)</p>
--	--

Excerto 39

<p>Quando olhei à minha atrás vi que os remos deixavam um rasto no mar, duas</p>	<p>When I looked behind me, I saw that the oars were leaving a trail of holes in the sea. These</p>
--	---

³⁵ É importante mencionar que existem dois excertos estrangeirizados que permanecem na obra alvo sem qualquer alteração tipográfica. Como se tratam de dois casos específicos, serão abordados após a análise desta categoria.

linhas de buracos. Essas pegadas na água eram as marcas do chissila , esse mau-olhado que me castigava. (p. 40)	footprints in the water were the sign of the chissila , the curse that was punishing me. (p. 35)
--	---

Excerto 40

Suas formas não figuravam um desenho de descrever semelhando um maufeitor vindo dos infernos. Sempre eu só ouvia falar deles, os psipocos , fantasmas que se contentam com os nossos sofrimentos. Ali estava um deles, inteiro de sombra e fumo. (p. 41)	His outlines were not those that are possible to describe, for he was like some malefactor straight from hell. I had only ever heard such figures talked about, the xipocos , ghosts that take joy from our suffering. And here was one of them, in all the fullness of his shadow and smokiness. (p. 36-37)
---	---

Excerto 41

O xipoco rodou a pá sobre a cabeça, se algazarrando em berraria: - <i>Entra na cova!</i> Como eu não comparecesse ao chamamento, ele me segurou pelos braços e me puxou. Usava as violências? Não. Essa é a estranheira: ele me manejava com delicadeza, vice-versátil, quase me fosse cinturar para uma dança. (p. 42)	The xipoco wave the spade around above his dead , and bellowed noisily: “Get into the hole!” As I didn’t respond to his summons, he took me by the arms and pulled me forward. Did he resort to violence? No. That’s thestrangething: he handled me delicately, multi-resourcefully, almost put an arm round my waist as if sweeping me on to the dance floor. (p. 37)
--	---

Excerto 42

De repente, caiu dentro do meu concho um tchóti , um desses anões que descem dos céus. (p. 59)	Suddenly, a tchoti , one those dwarfs who drop from the heavens, fell into my craft. (p.56)
---	--

Há aqui um indício da presença estrangeira e da manutenção das marcas culturais moçambicanas na tradução para o inglês. Através destes casos específicos, observaremos, na análise, até que ponto a expressividade linguística da cultura moçambicana se realiza no contexto da cultura alvo, refletindo sobre as possíveis razões da conservação dessas expressões, uma vez que a estratégia de estrangeirização não é a estratégia predominante.

Apesar de existirem apenas dois exemplos de estrangeirização sem deformação, faremos menção no final da análise para confrontá-lo com os exemplos de estrangeirização por exotização, uma vez que consideramos a deformação tipográfica um fator relevante para a análise.

3.2 Análise Qualitativa

Apresentamos acima a descrição do processo tradutório e os resultados numéricos ilustrados através do gráfico, o qual expôs a frequência das estratégias tradutórias dos excertos selecionados para esta pesquisa.

O objetivo deste tópico é a interpretação dos dados selecionados e a elaboração de uma discussão sobre as escolhas tradutórias de David Brookshaw em *Sleepwalking Land*, no sentido de responder aos objetivos propostos. Assim, os próximos subtópicos abrangem as categorias selecionadas e seus respectivos exemplos, de modo a discorrer de maneira reflexiva sobre cada um dos termos destacados em seus contextos específicos.

3.2.1 A coerção da heterogeneidade e o comprometimento da iconicidade da palavra na estratégia de domesticação

No processo de tradução, a língua é heterogênea porque é pensada no interior de suas mudanças históricas, sociais e culturais (VENUTI, 1998). É nesse sentido que a discussão aqui desenvolvida situa a 'homogeneização' em contraposição à heterogeneidade da língua, uma vez que a heterogeneidade sugere o caráter social da língua, onde o discurso se realiza nas relações entre o sujeito e o seu coletivo.

As escolhas tradutórias que se enquadram na estratégia de domesticação desembocam no que é fortemente debatido por Venuti (1998) quanto às possíveis

consequências na formação de identidades culturais, levando-nos a refletir sobre as formas de dominação ocidental no mundo não europeu.

Desse modo, no contexto anglo-americano, a estratégia de domesticação no processo de tradução se configura como um reflexo da expansão colonialista inglesa, cujo papel imperial foi exercido na medida em que não consentiu a manifestação da heterogeneidade linguística por parte de suas colônias (NIRANJANA, 1992). Entendemos que a fluência na cultura receptora, que aqui se estende à força hegemônica da língua inglesa – ou seja, à força da cultura anglo-americana –, decorre da supremacia da língua inglesa e sua expansão pelo mundo, fato que está intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento econômico lançado pelos ingleses e perpetuado pelos Estados Unidos.

Partindo do princípio que a língua do colonizador conteve a língua do colonizado sob o pretexto de unificação cultural, em que as marcas culturais particulares eram eliminadas em prol da universalização do padrão ocidental, percebemos, através dos exemplos que serão aqui discutidos, uma tendência também universalizante no processo de tradução, que globaliza, e, por vezes, generaliza elementos do local, do particular.

Esmiuçando as diversas possibilidades de compreensão da palavra traduzida, supomos que, ao aplicar a estratégia de domesticação, o tradutor homogeneiza o discurso, com soluções que não superam as diferenças culturais e que não contribuem para resolver as disparidades entre as significâncias culturais. Além disso, partimos da hipótese que essa estratégia inibe o lugar do tradutor e reitera a concepção do senso comum de que a tradução é a cópia fiel de sua obra fonte.

Desse modo, não encaramos as estratégias de Brookshaw como escolhas subjetivas, mas como resultados de toda uma conjuntura ideológica que sistematiza e regula essas escolhas, a começar pela seleção da obra a ser traduzida, processo que parte inicialmente da cultura alvo (TOURY, 1997).

É nesse sentido que reconhecemos a importância da afirmação de Lefevere (2003, p.14): “as traduções não são feitas num vácuo”³⁶, uma vez que ela se apoia na ideia de que o tradutor encontra-se em uma estrutura mercadológica rígida, cujo principal valor não é a sua competência teórica e prática, mas a sua capacidade de se submeter às exigências do mercado editorial. Assim, a investigação das estratégias domesticadoras em *Sleepwalking Land* além de nos permitir fazer uma leitura sobre seus efeitos na formação de identidades culturais, implicará uma discussão sobre a marginalização do tradutor.

Sigamos com os exemplos:

Excerto 1

<p>Reina um negro silvestre, cego. Muidinga olha o escuro e estremece. É um desses negros que nem os corvos comem. Parece todas as sombras desceram à terra. O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita enroscado como um congolote. (p. 13)</p>	<p>A sylvan darkness rules, blind. Muidinga looks at the gloom and shivers. It's a darkness so deep that not even the ravens would eat it. It's as if all the shadows had descended to earth at once. Fear parades its horns in the child's breast as he lies down, curled up tied like a centipede. (p. 5)</p>
--	--

De origem *changana*, **congolote** (*khongoloti*)³⁷ alude tanto literariamente quanto linguisticamente à diversidade cultural do contexto de Moçambique. Com relação à tradução, a estratégia aplicada gera dois questionamentos: primeiramente, com respeito ao apagamento cultural do termo – afinal, na obra fonte, trata-se da presença deliberada de um termo essencialmente moçambicano no interior de uma língua europeia; em segundo lugar, pela inversão do sentido gerada pela estratégia.

A falta de um referente específico na cultura anglo-americana possivelmente direcionou o tradutor a uma associação equivocada. Observando o termo destacado

³⁶ “*Translations are not made in a vacuum*” (LEFEVERE, 2003, p. 14)

³⁷ Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/congolote>. Acesso em: dez 2014.

<p>Às vezes, enquanto seguia pelo escuro, carregando a refeição do defunto, ouvia as hienas gargalhando. No desfrizar do medo me veio a suspeita: e se fossem as quizumbas a aproveitar das panelas? Ou se ele, o falecido, usasse a forma de bicho para se empançar? (p.21)</p>	<p>Sometimes, while I was walking through the darkness carrying the dead man's meal, I would hear the hyenas cackling. As my fears unfolded, I was suddenly struck by a doubt: supposing it was the hyenas availing themselves of the pots? Or supposing the deceased were using an animal form to fill his belly? (p. 14)</p>
---	---

A palavra **quizumba** se origina no *Macua*, língua autóctone falada em Moçambique e também na Tanzânia (KRÖGER, 2005). Notamos aqui que a identidade moçambicana e a diversidade linguística, manifestadas intencionalmente na obra fonte, perdem-se na uniformização dos termos.

A alternância do uso de termos provenientes de línguas, ou dialetos, diferentes é o que Berman (2012) chama de superposição de línguas, caso muito comum em obras de prosa, e seu apagamento se configura como outro processo de deformação no ato de tradução.

Segundo Nogueira (2010), a opção de Mia Couto por alternar entre o referente do português europeu e o referente autóctone é um recurso criativo que leva a certa valorização da identidade moçambicana e do seu universo pluricultural, não obstante percebemos que a estratégia de domesticação, inevitavelmente, apaga essa superposição de línguas e, conseqüentemente, toda a sua significância ideológica.

Considerar esse apagamento como um refreamento da heterogeneidade nos leva a refletir se a manutenção dos termos autóctones em *Sleepwalking Land* irromperia a rigidez das estruturas da língua alvo e se isso daria espaço para a reconfiguração da língua inglesa, no sentido de ultrapassar os padrões da língua para dar lugar à diversidade cultural.

Com base em ambos os exemplos de tradução apresentados até agora, **centipede** e **hyenas**, compreendemos que a tradução levanta questões éticas que podem e devem ser organizadas (VENUTI, 1998; BERMAN, 2012). Essas questões

nos direcionam a contextos em que o poder da tradução se manifesta na formação de identidades.

Para desenvolver essa reflexão, apresentamos outro exemplo em que a domesticação homogeneiza a expressão sem dar conta da especificidade cultural:

Excerto 15

Espreitei o corpo na distância. Realmente, o homem estava escurecido, dessa cor estagnada dos machongos . E a corda, parada em sua mão, o que seria? O mesmo miúdo me contou: o homem estava a fazer uma corda para se enforcar. Dia e noite enrolava o sisal sem nunca terminar a obra. (p.121)	I peered at the body in the distance. The man was indeed dark, of the clayish soil . And the rope lying still in his hand, what could that be? The same young lad told me: the man was making a rope to hang himself. Day and night, he would roll the sisal without ever completing the task. (p. 124)
---	--

Do *Ronga*, *maxungu*³⁹ significa literalmente pó de carvão vegetal, seu uso faz referência às terras férteis e argilosas em Moçambique. No contexto da obra fonte, a palavra em destaque constrói a imagem do solo de cor escurecida, quase negra, a partir de uma significação metafórica do corpo morto e sua cor. Já o texto traduzido desvia o sentido da metáfora e suscita outra interpretação: em, “the man was indeed dark of the **clayish soil**”, a representação simbólica da natureza e da terra e sua relação com o corpo morto se esvaecem.

Como foi discutido no capítulo 1, entendemos que o sentido não é transparente; a tradução a partir de outros princípios que não os tradicionais é a própria desconstrução da noção de equivalência. Assim, longe de nos limitarmos a observar as perdas de sentido resultantes do processo de tradução, servimo-nos do desvio metafórico do excerto 15 para desenvolver uma reflexão sobre as assimetrias culturais existentes nesse processo.

³⁹ Disponível em:< <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/machongo>>. Acesso em: março 2015.

Atribuindo à tradução o mesmo valor da obra fonte, a partir do reconhecimento da relação mútua entre original e tradução, é possível perceber uma tendência ao apagamento das identidades culturais. Esse apagamento está relacionado a interesses específicos, que não aspiram uma relação equivalente entre culturas, sobretudo, por parte das culturas não hegemônicas.

Atualmente, a Europa e os Estados Unidos estão despertando interesse para o diferente, isto porque a globalização fez expandir a consciência do público leitor para prestigiar as “anomalias culturais⁴⁰”. No entanto, no que diz respeito às obras africanas, o olhar estrangeiro ainda é seduzido pela constância das generalizações e dos estereótipos (MENDONÇA, 2011). Assim, para os editores anglo-americanos, parece não interessar estrangeirizar termos que não sustentam esses estereótipos, como veremos mais adiante com a análise dos excertos que apresentam a estratégia de estrangeirização.

Seguindo com os exemplos, apresentamos os excertos domesticados que aludem às práticas do trabalho rural:

Excerto 3

Aos poucos, eu sentia a nossa família quebrar-se como um pote lançado no chão. Ali onde eu sempre tinha encontrado meu refúgio, já não restava nada. Nós estávamos mais pobres que nunca. Junhito tinha os joelhos escapando das pernas, cansado só de respirar. Já nem podíamos machambar . (p.17)	Gradually, I sensed that our family was breaking apart like a pot hurled to the ground. There where I had always found my refuge, there was nothing left. We were poorer than we had ever been. Juney's knees were popping out of his legs and even breathing tired him. We could no longer tend our crops . (p. 9)
--	--

Excerto 12

⁴⁰ *Increased globalisation and widespread immigration have made readers more aware of cultural anomalies and more open to fresh ideas, different insights, and alternative observations é utilizado para fazer referência (PAUL, 2009, p. 3).*

<p>Súbitos ruídos o interrompem, mais diante. Parecem vozear de gente, nas traseiras de um pequenito monte. Sobem, com cuidado. Era um homem que, do outro lado da encosta, abria um imenso buraco, facholando com afinco. (p.85)</p>	<p>They are interrupted by sudden noises up ahead. It sounds like voices coming from behind a little hillock. Taking great care, they climb up it. There's a man on the other side of the slope, carefully digging a huge hole. (p.85)</p>
--	---

No **Excerto 3**, surge o termo **Machambar**. Esse é um termo do português de Moçambique que tem sua origem em vocábulo de língua autóctone, o *suáli*, geralmente usado para fazer referência ao cultivo da terra (GONÇALVES, 2001). É notável que, quanto à apreensão semântica do léxico, houve, na tradução para o inglês, **tend our crops**, uma aproximação do seu sentido proposicional na língua fonte, mas no que diz respeito ao sentido expressivo⁴¹, observamos que houve um distanciamento da demonstração de uma realidade específica de Moçambique na versão realizada para a cultura anglo-americana.

Do mesmo modo, no **Excerto 12**, que traz o vocábulo **facholando**⁴², com origem na língua *nhúngue*, o tradutor optou por um verbo de uso comum na língua inglesa, **digging**, sem se preocupar com a integração dos vocábulos de língua *bantu* na cultura alvo.

Sendo as línguas uma conjuntura específica, onde as formas dominantes mantêm o domínio sobre as menores variáveis, como afirma Venuti (1998), os textos literários podem ser inovadores quando colocam a língua principal (*standard*) em uma constante variação. Se essa inovação da língua padrão torna-se obscura na língua alvo, significa que a heterogeneidade da obra é comprometida.

O produto traduzido resulta de normas em que o caráter coletivo e social da língua parece estar longe de alcançar a devida importância. Ao refletirmos sobre a

⁴¹A diferença entre sentido proposicional e sentido expressivo é discutida por Baker (2006) em sua obra *In Other Words*. Segundo a autora, o sentido proposicional se caracteriza por representar um objeto, real ou imaginário, que pode ser julgado como falso ou verdadeiro. Sobre o sentido expressivo, a autora afirma que ele se realiza na expressão pessoal do locutor (*speaker*), não existindo bases para julgá-lo, ou seja, o sentido expressivo é abstrato.

⁴²*Phakula* – Disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/facholar>

domesticação nesta pesquisa, entendemos que o fato de estar a serviço das culturas - criando uma ponte imaginária entre a cultura doméstica e a cultura estrangeira - implica anular a imposição de regras, que vão desde a austeridade mercadológica até as concepções tradicionais de tradução, onde o apreço pela fluência é o principal objetivo.

As ocorrências apresentadas nos excertos por ora analisados revelam que, no contexto anglo-americano, a coerção da heterogeneidade é consequência também da falta de reconhecimento do trabalho tradutório, impulsionada, talvez, pela primazia da fluência, aliada à “ilusão” da transparência do sentido. Há um consenso por parte das editoras de que, quanto mais fluente for o texto, mais invisível torna-se o tradutor e, dessa forma, mais fica claro para o leitor que o efeito da obra traduzida é semelhante ao efeito produzido na obra ‘original’ (VENUTI, 1995). No que diz respeito, particularmente, ao contexto anglo-americano, essa necessidade de produzir o mesmo efeito é latente.

O excerto a seguir encontra-se no primeiro capítulo do romance. No contexto narrativo, esse é o momento em que o autor/narrador coloca em cena os primeiros personagens, Muidinga e Tuahir, e com eles, o próprio **machimbombo/bus**, que desponta relevante representatividade imagética:

Excerto 19

<p>Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade. Por isso ele não insiste. Roda à volta do machimbombo. O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. (p. 10)</p>	<p>Muidinga remains unconvinced. He looks at the plain; everything seems to have faded. In that land so devoid of life, to be right is something you no longer care about. For that reason, he does not press his point. He walks round the bus. The vehicle had swerved off the road. Coming to rest half across the highway. (p.2)</p>
---	---

Presente em todo o romance, o veículo em destaque ganha valor simbólico porque sugere em si a devastação da terra moçambicana em plena guerra civil de

Moçambique. É nesse sentido que o empobrecimento qualitativo se anuncia na tradução, ou seja, a autenticidade icônica que o sentido lexical possui na língua fonte perde esse valor quando é traduzido para **bus**.

No próprio contexto da obra fonte, há um momento que o autor/narrador utiliza outras expressões do português europeu para fazer referência ao mesmo objeto, como ‘autocarro’ e ‘veículo’. A coexistência desses termos e seu apagamento a partir da estratégia de domesticação reforçam a ideia das assimetrias culturais discutidas anteriormente.

Verificamos no **Excerto 20** que a ‘deformação’ icônica é resultado da falta de um item lexical em inglês que dê conta do valor cultural do termo.

Excerto 20

<p>- Mas na estrada não é mais perigoso, Tuahir? Não é melhor esconder no mato? - Nada. Aqui podemos ver os passantes. Está-me compreender? - Você sempre sabe, Tuahir. - Não vale a pena queixar. Culpa é sua: não é você que quer procurar seus pais?</p> <p>Quero. Mas na estrada quem passa são os bandos. - Os bandos se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta falecemos junto com o machimbombo. (p. 10-11)</p>	<p>“But isn’t it more dangerous on the road, Tuahir? Isn’t it better to hide in the rush?” “Not at all. Here we can watch the passers-by. Don’t you see?” “You always know wverything, Tuahir.” “It’s no use complaining. You’re to blame: isn’t it you who wants to find your parents?” “That’s right. But the bandits are the only ones to pass by along the road.” “If the bandits come, we’ll act like we’re dead. Pretend we died along with the bus.” (p. 3)</p>
--	--

A expressão **bandos** também se encontra no glossário da obra fonte, com uma explicação sucinta que diz “designação popular de bandidos armados” (COUTO, 2009, p.205). **Bandos** carrega em si uma historicidade que jamais poderá ser recuperada por qualquer expressão da língua inglesa, ou seja, o tradutor não encontrará opção para uma representação culturalmente adequada se não for pela estrangeirização do termo. A escolha tradutória em destaque, **bandits**, faz desaparecer por completo a densidade própria da língua fonte. Segundo Berman (2012), esse fenômeno ocorre com qualquer tradução de termos que manifestam essa corporeidade icônica.

Do mesmo modo, o **Excerto 21** mostra uma ocorrência em que se perde o valor histórico do termo quando da tradução para o inglês:

Excerto 21

Daquele modo, nenhum cipaio lhe apertaria os engasgantes. Ele nunca destilava sura. Vida boa, aconselhava ele, é chupar manga sem descascar o fruto (p. 15).	That way, no policeman would squeeze his gullet: he wasn't distilling sura. His advice for a good life was to suck the mango without having to peel the fruit. (p. 7)
---	--

Cada país tem sua representação histórica específica e isso é refletido nos processos de formação cultural. Quando uma obra literária se propõe a manifestar esses valores através de artefatos culturais em sua materialidade discursiva, linguística e histórica, essa particularidade cultural não poderá emergir quando da estratégia de domesticação na tradução (VENUTI, 1995).

Cipaio é um termo de origem indiana, *sepoys*, que no século XVIII instituiu-se no falar moçambicano em circunstâncias em que sua infantaria procurava por formas de recrutamento militar (RODRIGUES, 2006). A definição no glossário da obra fonte explica que o termo se refere ao policial negro dos tempos coloniais. O termo **policeman** é fruto de uma estratégia tradutória domesticadora, que resulta no empobrecimento qualitativo porque impõe falar da língua alvo sem manifestar qualquer memória que ressoe discursivamente na construção de seu referente.

Temos, portanto, um exemplo da manifestação estrangeira no **Excerto 22**

Excerto 22

Minha família também não queria que eu pisasse na loja. <i>Esse gajo é um monhé</i> . Diziam como se eu não tivesse reparado. E acrescentavam: - <i>Um monhé não conhece amigo preto.</i> (p.24)	Nor did my family want me to step inside the shop. "The fellow's an Indian ," they would say as if I hadn't noticed. And then they would add: "An Indian doesn't have black friends". (p.17)
---	---

A representação do **monhé** é situada na constituição e na formação identitária do povo moçambicano, sendo, de fato, uma palavra utilizada para se referir aos indianos, ou pessoas de origem indiana, que habitavam e continuam habitando as terras africanas desde o séc. XIX, mas o termo possui alto valor depreciativo, sendo este um fator extremamente significativo para compreensão do contexto narrativo (ZAMPARONI, 1998). .

A consulta ao verbete **Indian** no *Cambridge Advanced Learner's Dictionary* (2005) nos levou a duas possíveis referências em inglês: a primeira consiste na adjetivação gentílica de pessoas que provêm da Índia, ou que designa algo relativo ao lugar; a segunda remete a uma forma, não mais utilizada, de se referir pejorativamente aos nativos americanos.

A primeira definição compreende parte do valor semântico, uma vez que a ideia central não é completamente ignorada, afinal, um **monhé** pode ser um **Indian**. Contudo, apoiando-nos no pensamento de Toury (1995) sobre a necessidade de modificação de alguns itens na tradução para cultura alvo (seja por generalização ou por omissão), observamos que a opção de Brookshaw, embora aceitável⁴³, se acomoda na ideia de um modelo pré-estabelecido, o que, para Toury (1995), faz elevar o *status* marginal da tradução.

Em contrapartida, a tradução estrangeirizadora proposta por Venuti seria uma forma de desafio aos cânones literários da língua alvo, por se configurar como uma prática que recusa o domínio e se estabelece como forma de integrar as culturas tidas como marginais. Para o autor, essa postura permitiria sinalizar as diferenças e reavaliar os cânones domésticos. O ato de traduzir deve intervir na obra original de

⁴³ A ideia de aceitável para Toury (op.cit) se sustenta no argumento de que a tradução no ocidente tem a tendência de normatizar os termos, trazendo soluções que o leitor ocidental possa compreender.

modo a revelar o que está oculto, e essa revelação seria a manifestação (BERMAN, 2012).

Quando Berman (2012) discute a situação do ético, do poético e do pensante em sua analítica da tradução, a ética se expande em todos os fins da tradução. Para o autor, olhar o estrangeiro enquanto estrangeiro em seu próprio espaço de língua dá lugar para as relações e para a manifestação da ética. O comportamento ético aos olhos do autor consiste no acolhimento do Outro como acolhimento de si mesmo, ou seja, trata-se de produzir relações dialógicas entre culturas distintas para, a partir disso, encontrar a totalidade.

Essa relação dialógica consiste na preservação da forma estrangeira, uma vez que, na tradução, acolher o estrangeiro em sua “corporeidade carnal” só é possível através das letras (Id., 2012, p. 98).

No próximo tópico, a partir da seleção de alguns exemplos, abriremos uma discussão sobre os preceitos que consideram a estrangeirização como solução para o etnocentrismo. Focamos a nossa discussão partindo do pressuposto de que as disparidades culturais não serão atenuadas quando da estrangeirização, uma vez que a propagação de estereótipos pode também se manifestar na forma estrangeira.

3.2.2. A exotização e os estereótipos culturais na estratégia de estrangeirização

O plurilinguismo é característico da prosa, e é comum que os autores de obras literárias usem elementos vernaculares variados para dar autoridade a essa multiplicidade das línguas. A prosa condensa todo um espaço “polilinguístico” e intensifica em uma só língua a sua totalidade (Berman, 2012, 65).

A forte presença de vocábulos culturalmente significativos na obra fonte, sejam de origem autóctone ou de outras origens, evidencia a proposta de Mia Couto em afirmar a identidade moçambicana a partir de um diálogo cultural que não abandona a autenticidade do repertório linguístico moçambicano.

Na tradução para o inglês, há, de certo modo, uma tendência que faz suprimir essa significância cultural através da estratégia de domesticação. Contudo, 30% dos termos selecionados aqui foram estrangeirizados, e esse fato particularmente suscita uma reflexão sobre o que motivou a manutenção de alguns termos em detrimento de outros.

Compreendemos que existem dois motivos evidentes para a conservação do termo em sua forma original: primeiro, porque o próprio contexto narrativo esclarece o sentido da palavra, fornecendo ao leitor uma orientação explicativa, ainda que superficial; o segundo motivo reside no fato de que a cultura anglo-americana parece querer perpetuar o imaginário ocidental sobre o povo africano, que se desdobra na ideia de um exotismo exacerbado.

Sobre essa última afirmação, vale discorrer acerca das relações de poder inerentes ao uso das línguas em um dado momento histórico. A literatura de minoria (*minor literature*) possui sempre uma forma linguística dominante que controla as menores variáveis, mas essas últimas são capazes de destoar as regras que regem a forma dominante (VENUTI, 1998, p.10).

Venuti (1995) compreende que sendo a língua inglesa uma forma dominante, qualquer tradução para o contexto anglo-americano poderia atravessar os estereótipos étnicos e resistir ao etnocentrismo, mas isso implicaria a abertura de espaço para o caráter inovador da própria língua inglesa, rompendo com alguns padrões.

A resistência de Venuti (op.cit) diante do inglês (*standard*) e sua defesa quanto ao rompimento de certos padrões são o reflexo da reconstrução do pensamento sobre a tradução, quando se contesta a pureza do sentido e se atenta à possibilidade da representação da diferença sem dar privilégio ao que se entende como essencialmente ocidental. A importância desse pensamento reside em contestar os valores culturais dentro da problemática da representação.

Observamos que a estratégia de estrangeirização em *Sleepwalking Land* é acompanhada por um processo de exotização tipográfica, o que significa estrangeirizar o termo, separando-o da forma padrão dominante que está sendo utilizada, através de um recurso gráfico. Essa exotização, segundo Berman (2012, 82), “pode caminhar para uma vulgarização”.

O **Excerto 36** destaca a tradução de uma bebida típica de Moçambique, proveniente das palmeiras que deram nome a uns dos personagens do livro:

Excerto 36

Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá aspalmeritas mindinhas, essas que se curvam junto às praias. Quem não lhes conhece, arrependidas de terem crescido saudosas do rente chão? Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem a sua única preferência: beber sura , o vinho das palmeiras. (p. 15)	My name is Kindzu. It's the same name given to these kinny little palms that bend and sway along the beach. Who doesn't know them, trees that seem to regret having grown and to miss the ground. My father choose me such a name as a tribute to his one and only predilection: drinking sura , palm wine. (p. 7)
--	---

A manutenção do termo **sura** em sua forma original, na obra traduzida, remete-nos a uma interpretação imediata de que David Brookshaw utilizou a estratégia de estrangeirização indicada por Venuti (1995), e que houve certa valorização do elemento estrangeiro. Contudo, ao observarmos com atenção as passagens em ambas as línguas, percebemos uma modificação da palavra no procedimento tipográfico utilizado na tradução para o inglês.

Diferentemente do apagamento da superposição de línguas, como acontece com a estratégia de domesticação, observamos, na estratégia de estrangeirização, um processo de exotização demarcado pelo isolamento desse termo. Constatamos que, apesar de haver uma estrangeirização pela manutenção do item lexical da língua fonte, há uma descaracterização do elemento linguístico/cultural quando incorporado no texto traduzido através de uma distinção tipográfica.

Assim, o que aparentemente se apresenta como uma estratégia de resistência ao etnocentrismo domesticador, porque sugere certa saliência da expressão cultural ‘do estrangeiro’, parece se realizar mais como um agravante do narcisismo cultural imposto pelo modelo anglo-americano de tradução, uma vez que o autor/narrador opta por agregar o termo ao português moçambicano, e a tradução, por desagregá-lo do padrão inglês.

Por esse ponto de vista, a estratégia estrangeirizadora, antagônica ao etnocentrismo, como idealizada por Venuti (1995), parece aqui uma ilusão, uma opção que, na prática, transforma-se em algo quase inatingível.

Em seguida, temos:

Excerto 37

<p>- <i>Esse quem era?</i></p> <p>-<i>Esse é um naparama.</i></p> <p>Naparama? Nunca eu tinha ouvido falar em gente dessa. Surendra me explicou vagamente. Eram guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores da guerra. (p. 26)</p>	<p>“Who was that?”</p> <p>“It was a naparama.”</p> <p>Naparama? I had never heard of such people. Surendra gave me a vague explanation. They were traditional warriors, blessed by the witch-doctors who fought against the warmongers. (p. 20)</p>
---	---

Excerto 38

<p>- <i>Só o nganga lhe pode ajudar. Talvez ele sabe um lugar sossegadinho.</i></p> <p>Sim eu deveria consultar o adivinho. Só ele podia saber do tal recantinho. Coisa de eu guardar meus sonhos. (p. 31)</p>	<p>“Only the nganga can help you. Maybe he knows somewhere quite.”</p> <p>Yes, of course, I should consult the medicine man. Only he could know of some little corner, somewhere I could nurture my dreams.</p>
---	--

Sobre os **Excertos 37** e **38**, é particularmente importante fazer uma relação com a idealização do imaginário ocidental acerca da cultura africana em geral. Segundo Rios (2007), há um romantismo que nunca se acaba, e a imagem do africano, na cultura ocidental, é sustentada com base nesse romantismo.

As palavras dos exemplos são duas menções a elementos do fantástico na cultura moçambicana: **naparama**⁴⁴, que, na definição popular, é um guerreiro sagrado inatingível por ser abençoado por um feiticeiro, e **nganga**, que faz referência a um curandeiro espiritual capaz de manipular ervas.

No contexto da globalização, a formação das identidades culturais funciona sob a forma de representação. A literatura pós-colonial, na qual se insere a obra em análise, tem por característica escritores que possuem consciência política e se determinam a trazer ao público a herança do seu povo, do seu país (SANTOS, 2012). No entanto, o processo de tradução transforma essas representações, e os valores da cultura doméstica acabam se sobrepondo aos valores da cultura estrangeira.

A partir dessa conjuntura, entendemos que a conservação do termo **nganga** decorre da intenção de enfatizar a estranheza e não de retirá-la. Tal ênfase reconhece o valor simbólico do termo e pode conduzir o leitor anglo-americano para uma conscientização da cultural alheia.

Nos fragmentos abaixo, há referências a entidades sobrenaturais que habitam o imaginário moçambicanos:

Excerto 39

Quando olhei à minha atrás vi que os remos deixavam um rasto no mar, duas linhas de buracos. Essas pegadas na água eram as marcas do chissila , esse mau-olhado que me castigava. (p. 40)	When I looked behind me, I saw that the oars were leaving a trail of holes in the sea. These footprints in the water were the sign of the chissila , the curse that was punishing me. (p. 35)
--	--

Excerto 40

Suas formas não figuravam um desenho de descrever semelhando um maufeitor vindo	His outlines were not those that are possible to describe, for he was like some malefactor
---	--

⁴⁴ “O movimento dos Naparama era uma organização militar rigorosa e com um sigilo de seita. Como tal, só se podia ser membro depois dos ritos iniciáticos aparentemente controlados pelo próprio Manuel António. A iniciação envolvia uma vacina ‘**Barama**’ com dois níveis: infusão bebível e aplicação em incisões corporais” (LEMIA, 2001, p.52, grifo do autor).

dos infernos. Sempre eu só ouvia falar deles, os psipocos , fantasmas que se contentam com os nossos sofrimentos. Ali estava um deles, inteiro de sombra e fumo. (p. 41)	straight from hell. I had only ever heard such figures talked about, the xipocos , ghosts that take joy from our suffering. And here was one of them, in all the fullness of his shadow and smokiness. (p. 36-37)
---	--

Excerto 41

O xipoco rodou a pá sobre a cabeça, se algazarrando em berraria: - <i>Entra na cova!</i> Como eu não comparecesse ao chamamento, ele me segurou pelos braços e me puxou. Usava as violências? Não. Essa é a estranha: ele me manejava com delicadeza, vice-versátil, quase me fosse cinturar para uma dança. (p. 42)	The xipoco wave the spade around above his dead , and bellowed noisily: “Get into the hole!” As I didn’t respond to his summons, he took me by the arms and pulled me forward. Did he resort to violence? No. That’s thestrangething: he handled me delicately, multi-resourcefully, almost put an arm round my waist as if sweeping me on to the dance floor. (p. 37)
---	---

Na tradução desses termos, observamos o processo de exotização, em que, mais uma vez, os termos estrangeirizados possuem a marca tipográfica que os destaca na língua padrão utilizada.

É pertinente, portanto, que continuemos o debate sobre as normas que determinam a forma como a tradução deve se adaptar, ou se adequar, à cultura alvo. Retomando a afirmação de Lefevere (2003) sobre o fato de uma tradução jamais ser produzida no vácuo, entendemos que existem fatores extralinguísticos e extraliterários a reger esse processo, os quais se concretizam principalmente sob a força das pressões ideológicas.

Os imperativos econômicos advindos das instituições exercem sua influência a partir da regulamentação dos processos tradutórios e da própria publicação do produto traduzido. Lefevere (1992) denomina esse processo de patronagem, atribuindo aos editores, publicitários, partidos políticos, e a várias outras instituições, a relação entre literatura, cultura e sociedade.

Voltando aos termos selecionados para análise, entendemos que a conservação de **chissila** e **xipoco** (ou psipocos), tal como aparecem na obra fonte, parece ser um resultado dessa regulamentação institucional, que segue a lógica de um mercado cada vez mais interessado na diversidade cultural e em meios alternativos de compreender o mundo (PAUL, 2009). É nesse sentido que a exotização torna-se necessária à tradução, porque garante a distração do leitor para um componente estrangeiro sem deslegitimar o inglês padrão.

Ambos os termos, assim como outros conservados em sua forma original em *Sleepwalking Land*, são intencionalmente escolhidos para dar ênfase aos elementos da cultura moçambicana, no entanto, implícita nessa escolha, parece estar a relação já estabelecida entre Moçambique – representante da África – e o olhar ocidental sobre o continente africano. Ou seja, perpetua-se o conceito que preexiste, e não se abre espaço para as relações interculturais na tradução.

Compreendemos, assim, que estrangeirizar um termo pode não resultar no combate ao etnocentrismo, mas na sua perpetuação, como revela o **Excerto 42**:

Excerto 42

De repente, caiu dentro do meu concho um tchóti , um desses anões que descem dos céus. (p. 59)	Suddenly, a tchoti , one those dwarfs who drop from the heavens, fell into my craft. (p.56)
---	--

A explicação para a conservação dos termos recai no que Édouard Glissant atesta como uma tendência para a “estereotipização”. Segundo o autor, “se abandonarmos um pouco o campo linguístico, saberemos que o exotismo pode ser completamente negativo, ou completamente enaltecendor” (GLISSANT, 2005, p.135), podendo provocar uma tendência à estereotipização daquilo que está à “margem” ou fora do centro.

Os vocábulos de ambos os excertos figuram em torno da imagem mística e sobrenatural da cultura africana. Aliás, sete dos onze exemplos estrangeirizados remetem a elementos ritualísticos ou crenças da cultura de Moçambique, e os outros quatro fazem menção a componentes da culinária, da natureza e da vestimenta.

Compreendemos, assim, que, embora se enfatize a cultura fonte a partir da estrangeirização, buscam-se, na língua alvo, os meios e as ferramentas para que os elementos estrangeirizados se acomodem ao contexto de chegada. Desse modo, a confluência cultural pela qual se constitui Moçambique, conjecturada no hibridismo linguístico de *Terra Sonâmbula*, é encoberta em *Sleepwalking Land* para dar lugar a representatividades que não acompanham o todo complexo da língua e da cultura moçambicana.

Para a pesquisa, importa refletir sobre o processo de estrangeirização sem deformação tipográfica, porque corroboramos a afirmação de Berman (2012) de que a italização sublinha a excentricidade da palavra, separando-a do padrão. Isso significa que a não deformação poderia ser um indício de representação não etnocêntrica na tradução. No entanto, dentre os exemplos que foram analisados, há apenas três casos em que estrangeirização não vem acompanhada da exotização tipográfica:

Excerto 49

O miúdo entorta o nariz decidido a desobedecer. Não queria que o animal escapasse. Procura nas redondezas um ramo à altura de receber um nó. Então se admira: aquela árvore, um djambalauero estava ali no dia anterior? Não, não estava. Como podia ter-lhe escapado a presença de tão distinta árvore? (p. 36)	The young boy wrinkles his nose, determined to disobey. He doesn't want the animal to escape. He looks around for a branch capable of receiving a knotted rope. Then, he gets a big surprise: the jambalau tree , was it there yesterday? No it wasn't. How could the presence of such a distinctive tree have escaped him? (p. 30)
---	--

Este primeiro caso, o do **jambalau tree**, refere-se a uma planta muito comum em Moçambique e na África do Sul, que, às vezes, é confundida com o jamelão

(LOPES, 2002). O termo vem da língua autóctone, *echuabo*, falada pelo grupo étnico dos *Chuabos*, originários de Quelimane, Moçambique⁴⁵.

Na ocorrência acima, **Djambalau**/ **jambalau tree**, a tradução modifica o termo com a finalidade de adaptá-lo à língua alvo, mas sem apagar a expressividade da marca estrangeira e sem exotizá-lo.

Conforme pesquisa realizada no *Cambridge Advanced Learner's Dictionary*, e em dois dicionários eletrônicos da língua inglesa, *The Free Dictionary*⁴⁶ e *Merriam-Webster Dictionary*⁴⁷, a palavra **jambalau** não existe na língua inglesa. Além dos dicionários consultados, pesquisamos por essa ocorrência no *British National Corpus*⁴⁸, onde também não foi encontrado qualquer uso da expressão.

Isso nos fez concluir que a intenção foi estrangeirizar e, possivelmente, conferir ao termo o mesmo valor que ele possui na língua fonte. No entanto, a frequência restrita desse processo não nos permite uma interpretação mais precisa sobre a escolha de tal estratégia.

No **Excerto 50**, surgem os outros dois casos de estrangeirização sem deformação:

Excerto 50

<p>-Mas eu... o que tenho?</p> <p>- Esta doença se chama mantakassa. Você comeu mandioca azeda, dessas amargas que fermentam venenos, dessas que chamamos de maquela.</p> <p>-Ah, a mandioca... eu sei.</p> <p>O velho tinha consciência do que iria acontecer em seguida. O menino desconhecia, no entanto, tudo que lhe esperava. (p. 52-53)</p>	<p>"But what... what have I got?"</p> <p>"This illness is called mantakassa. You ate sour mandioca, of the bitter type that ferments poisons, the type we call maquela."</p> <p>"Ah! Mandioca... I know."</p> <p>The old man was aware of what could happen then. But the child had no idea of what awaited him. (p.49)</p>
--	---

⁴⁵ Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/echuabo>> Acesso em: novembro 2014.

⁴⁶ Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/>>. Acesso em: novembro 2014.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.merriam-webster.com/>. Acesso em: novembro 2014

⁴⁸ Disponível em: < <http://www.natcorp.ox.ac.uk/>> Acesso em: novembro de 2014.

O contexto explica que o primeiro caso, o da **mantakassa**, refere-se a uma doença derivada da digestão da **maquela**, a mandioca venenosa. Precisamente, aqui há uma explicação mais clara para a manutenção do termo tal como se apresenta na língua fonte, pois a **mantakassa** é uma doença conhecida internacionalmente, e seu referente em inglês é o mesmo utilizado em Moçambique. No *Corpus of Contemporary American English*⁴⁹, há duas ocorrências, além disso, encontramos artigos científicos da área de saúde que utilizam o termo⁵⁰.

Quanto à manutenção do termo **maquela**, compreendemos como um caso semelhante ao do **Excerto 49**, em que a ocorrência da língua autóctone é mantida, embora não se encontre referentes semelhantes na língua inglesa. Possivelmente, o próprio contexto exigiu do tradutor a manutenção do termo, no entanto, não há uma razão explícita para ilustrar a não utilização do recurso tipográfico nesses termos específicos.

Em *Sleepwalking Land*, há, em geral, uma alternância entre a estratégia de estrangeirização e a estratégia de domesticação. Não obstante, não é apenas a prevalência da estratégia de domesticação que evidencia a tendência da cultura anglo-americana em manipular a forma como as relações culturais são estabelecidas; percebemos que a própria estratégia de estrangeirização pode ser claramente uma consequência dessa manipulação, ao impor valores sociais e ao construir novos que, não raro, perpetuam estereótipos. Apresentamos a seguir a nossa conclusão de modo a abarcar de forma sucinta o que foi compreendido no decorrer da pesquisa, atentando-nos sempre à importância das relações culturais para a Teoria da Tradução.

⁴⁹ Disponível em: <http://corpus.byu.edu/coca/x.asp?r1=&w=1188&h=668>. Acesso em: dez 2014.

⁵⁰ Cf. National Center of Biotechnology Information. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/>. Acesso em: dez 2014

CONCLUSÃO

Teorizar a tradução, construindo as circunstâncias para compreender sua prática, significa adentrar-se em uma rede intrincada de interpretações que pode conduzir as reflexões para caminhos diversos. Coube-nos aqui instituir direções que possibilitassem desenvolver essas reflexões de forma plausível, a partir de uma abordagem que englobasse a complexidade própria do traduzir.

Ao sugerir uma tradutologia – reflexão da tradução sobre si mesma a partir da sua natureza – Berman (2012, p. 27) não a considera uma filosofia da tradução, mas propõe que ela se apoie no pensamento filosófico. O autor vai além, ao dizer que a tradutologia não quer ser teoria, porque a teoria da tradução é impossível, já que seu espaço “babélico” “recusa qualquer totalização”.

Agrupamos conceitos que não se limitaram ao universo da língua e estabelecemos relações com outras áreas das ciências humanas, fazendo os conceitos que guiaram nossa análise se inserirem numa perspectiva que considera a cultura elemento primordial para avaliar a tradução de uma obra literária.

Partindo do princípio de que existe uma tendência, no contexto anglo-americano, para perpetuar estereótipos, selecionamos para análise a tradução inglesa de uma obra literária, escrita em português moçambicano, que se constitui de elementos culturais diversos, para descrever as estratégias de tradução e observar de que maneira a cultura alvo estabelece relações com a cultura de Moçambique.

Conforme propomos no objetivo geral, procuramos observar como o tradutor recontextualiza o universo multicultural de Moçambique, a partir da descrição dos processos tradutórios de 50 passagens da obra *Terra Sonâmbula* e da análise dos termos culturalmente marcados, com base nas estratégias de domesticação e estrangeirização de Venuti (1995) e nos processos de deformação de Berman (2012).

A análise descritiva tornou possível o enquadramento dos termos selecionados em suas categorias específicas. Constatamos, por fim, que o tradutor de *Sleepwalking*

Land fez prevalecer a estratégia de domesticação, embora a estratégia de estrangeirização tenha alcançado espaço considerável. Após descrição e enquadramento dos termos em suas categorias, realizamos uma análise interpretativa para compreender como se organizou o entrelaçamento dos elementos locais e globais na tradução para o inglês.

Os excertos selecionados para a categoria de domesticação corroboraram o que tem sido frequentemente debatido nos Estudos da Tradução sobre as convenções mercadológicas e o domínio do discurso transparente, levando-nos a concluir que, de fato, a cultura anglo-americana não favorece o tradutor, pois há uma determinação tácita do domínio do autor sobre a sua obra.

Sustentando a ideia de uma versão perfeitamente traduzida, as estratégias de domesticação, predominantes em *Sleepwalking Land*, fazem que o texto pareça natural, contribuindo para a ilusão da transparência do sentido e tornando o tradutor mais invisível. A domesticação tende, portanto, a perpetuar a ideia de equivalência plena, que implica tanto a pureza da forma quanto a do conteúdo do texto.

Por conseguinte, entendemos que o mito da transparência do sentido é uma consequência das relações comerciais que enxergam a língua como um simples 'instrumento'. Além disso, percebemos que, ao impor a estrutura da própria língua, a domesticação não permite o equilíbrio nas trocas culturais, pois apaga a diversidade e se conforma com as imagens predominantes na cultura ocidental.

Conforme Venuti (1995), o caminho de resistência ao apagamento da diversidade cultural estaria na violação dos padrões estabelecidos pela língua anglo-americana, que consiste em romper com o código (standard) através da estratégia de estrangeirização.

No entanto, com base em Berman (2012), a análise atentou-se ao perigo da exotização dos termos estrangeiros, que, conforme debatido, não só se manifestam a partir da alteração tipográfica do termo estrangeirizado, mas se revela na construção

estereotipada do imaginário ocidental sobre as culturas africanas. Nesse sentido, constatamos que essa estrangeirização pode acabar por contribuir para um estranhamento negativo do Outro, que, ao invés de favorecer a desconstrução dos conceitos pré-estabelecidos, simplesmente reproduz uma visão constituída historicamente, onde predominam as imagens e os ideais ocidentais.

A estratégia de estrangeirização que resiste ao preconceito e suaviza o etnocentrismo, tal como debatida por Venuti (op.cit), é idealizada para beneficiar a interculturalidade, entretanto a análise demonstrou que a aplicação da estratégia de estrangeirização pode ser uma atitude doméstica, pelo menos quando é alternada com a estratégia de domesticação. A consequência dessa alternância é que ambas acabam por excluir substancialmente circunstâncias que não interessam à cultura receptora, ora apagando a heterogeneidade, ora estigmatizando os valores culturais alheios.

Nesse sentido, a dupla essência da tradução literária (possível e impossível) se manifesta a partir das incongruências que a constituem. Ela é possível não apenas por uma necessidade de comunicação, mas porque a existência e a disseminação da obra original dependem quase completamente da existência de sua tradução, sendo então um contrassenso assegurar sua impossibilidade por esse viés; no entanto, tal impossibilidade pode ganhar sentido quando a tradução deseja o indesejável, quando se pretende transferir sentidos estáticos e quando se entende a língua e suas relações a partir de uma visão restrita, em suma, quando se considera a tradução literária uma cópia fiel do texto original.

Diante do reconhecimento da impossibilidade de carregar o sentido fiel da obra original, discutimos o fator cultural na tradução literária e voltamos atenção especial para a formação de identidades culturais, elaborando as reflexões sob a orientação das teorias que desafiam os limites das interpretações tradicionais. Em suma, concluímos que as fronteiras imaginárias ainda permanecem e que existe um longo

caminho para que a tradução se torne o espaço ideal para a manifestação do ético, do poético e do pensante, como quis Berman (2012). Embora a tradução tenha o poder de reconstruir conceitos e valores culturais, sua consolidação está sujeita a manipulações editoriais que objetivam o sucesso de vendas e se acomodam em manter estereótipos que atraiam um público leitor considerável.

A investigação de *Sleepwalking Land* nos permitiu compreender que, embora os Estudos da Tradução tenham avançado – a partir do aprofundamento das definições e da ruptura de algumas fixações teóricas –, como atividade prática, a tradução ainda se ampara nas expectativas do senso comum, que idealiza o tradutor como a própria revelação da alma do autor. Venuti (1995) já havia afirmado que o público anglo-americano tende a ver a tradução como a ‘identificação’ do tradutor com o autor estrangeiro.

Concluimos também que a prática da tradução poderia congregiar as discussões atuais sobre a tradução literária, para isso, seria necessária uma reconfiguração das políticas que a regem; é preciso que as entidades competentes lembrem que as noções de identidade, de espaço, de fronteiras e de acesso estão inter-relacionadas e devem se construir reciprocamente.

Por fim, acreditamos que a importância da pesquisa recaiu sobre a necessidade de mudanças das concepções atuais de tradução no meio acadêmico e no processo de ensino de teoria e prática de tradução. Entendemos que as novas concepções precisam ser disseminadas a partir de uma releitura sobre a prática e da redefinição do pensamento sobre a tradução, de modo que se abra espaço para permitir o acesso a estruturas de línguas estrangeiras e suas principais ideias.

Logo, frisamos também a importância desta pesquisa para o programa de Mestrado em Linguagem e Ensino da UFCG, uma vez que, embora tenham ocorrido algumas mudanças nas universidades brasileiras quanto ao desenvolvimento dos Estudos de Tradução, existe ainda grande ausência de conhecimento – tanto por parte

dos estudantes universitários quanto por parte do público em geral – sobre as problemáticas que envolvem esses estudos, havendo necessidade, portanto, de ampliar os debates sobre a atividade tradutória no curso de Letras, principalmente, na área de línguas estrangeiras.

Entendemos que a interdisciplinaridade, própria do processo, auxiliaria a posição dos alunos de Letras para uma consciência mais ampla da realidade global. Assim, consideramos que é preciso fornecer mais rigor e coerência às teorias estudadas na área de tradução e ampliar a percepção dos estudantes de línguas estrangeiras sobre a importância do processo tradutório.

APÊNDICE A

Excertos selecionados para a categoria de Domesticação

Excerto 1

Reina um negro silvestre, cego. Muidinga olha o escuro e estremece. É um desses negros que nem os corvos comem. Parece todas as sombras desceram à terra. O medo passeia seus chifres no peito do menino que se deita enroscado como um congolote . O machimbombo se rende à quietude, tudo é silêncio taciturno. (p. 13)	A sylvan darkness rules, blind. Muidinga looks at the gloom and shivers. It's a darkness so deep that not even the ravens would eat it. It's as if all the shadows had descended to earth at once. Fear parades its horns in the child's breast as he lies down, curled up tied like a centipede . (p. 5)
--	--

Excerto 2

Às vezes, enquanto seguia pelo escura, carregando a refeição do defunto, ouvia as hienas gargalhando. No desfrizar do medo me veio a suspeita: e se fossem as quizumbas a aproveitar das panelas? Ou se ele, o falecido, usasse a forma de bicho para se empançar? (p.21)	Sometimes, while I was walking through the darkness carrying the dead man's meal, I would hear the hyenas cackling. As my fears unfolded, I was suddenly struck by a doubt: supposing it was the hyenas availing themselves of the pots? Or supposing the deceased were using an animal form to fill his belly? (p. 14)
--	--

Excerto 3

Aos poucos, eu sentia a nossa família quebrar-se como um pote lançado no chão. Ali onde eu sempre tinha encontrado meu refúgio, já não restava nada. Nós estávamos mais pobres que nunca. Junhito tinha os joelhos escapando das pernas, cansado só de respirar. Já nem podíamos machambar . (p.17)	Gradually, I sensed that our family was breaking apart like a pot hurled to the ground. There where I had always found my refuge, there was nothing left. We were poorer than we had ever been. Juney's knees were popping out of his legs and even breathing tired him. We could no longer tend our crops . (p. 9)
--	--

Excerto 4

Essa viagem, porém, teria que seguir o respeito do seu conselho: eu deveria ir pelo mar, caminhar no último lábio da terra, onde a água faz sede e a areia não guarda nenhuma pegada. Eu que levasse o amuleto dos vaijeiros e o guardasse em	But this journey would have to respect his counsel: I should go by sea, travel along the farthest lip of land, where water causes thirst and the sand leaves no footprint. I should carry with me the charm appropriate for travelers, and keep it in the shell of a
---	--

velha casca do fruto ncuácuá . (p. 31)	monkey orange fruit . (p.25)
---	-------------------------------------

Excerto 5

Saí pelo fresco da manhã, a curar-me das noturnas visões. Fui ao centro da aldeia, à grande sobre do canhoeiro . Lá sentavam os mais de manhã até de noite. (p. 29)	I went out into the cool morning air to recover from my nocturnal visions. I went to the centre of the village, to the ample shade of the marula tree . That was where the elders sat from morning to night. (p. 23)
--	---

Excerto 6

O velho ríspido, agarra a cabeça do rapaz e lhe esfrega a corda no rosto. - <i>Veja essa corda, satanhoco. Veja!</i> O pobre miúdo nem que quisesse. A mão do velho lhe alicateia o pescoço, dobrando seu fracturável corpo sobre os infernos. (p. 48-49)	The old man grabs the boy roughly by the head and rubs his face with the rope. “Look at this rope, you little rascal . Look!” The poor kid has no choice. The old man’s hand grips his neck like a vice, forcing his little body to bend over the fiery furnaces of hell. (p. 44-45)
--	---

Excerto 7

Tiveram que me carregar pelos braços, meter no concho e dar um empurrão para afastar o barquito. Ainda me recordo de molhar a cabeça para tentar mais visão e remar por um tempo. Até que adormeci cheio de sonhos. (p. 59)	They had to carry me in their arms, put me in my boat and give it a push to get the little craft going. I even remember wetting my head to try to see more clearly, and rowing for a while. Until I fell asleep, full of dreams. (p. 55)
--	---

Excerto 8

Era o xipoco , a aparição que me surgira na praia de Tandissico. (p.60)	It was the bogeyman , the apparition that had waylaid me on the beach at Tandissico (p. 58)
--	--

Excerto 9

- Satanhocos , <i>hão-de comer poeira!</i> (p.66)	-“ Misarable wretches , they’ll end up eating dust.” (p.64)
--	--

Excerto 10

<p>Mas elas prosseguiram, cobrindo a coitada com água fria. Até que se afastaram dançando e cantando, deixando a mãe no fundo da terra ensopada. Farida se aproximou, quis ajudá-la a sair. Mas ela recusou: devia ficar ali, matopar-se, pagar sua dívida com o mundo. (p. 72)</p>	<p>But they continued, covering the poor soul with cold water. Until they moved away, dancing and singing. Living her mother in depts of the soggy earth. Farida drew near and tried to help her climb out. But she refused: she should stay there, muddy herself and pay her depth to the world. (p. 71)</p>
--	--

Excerto 11

<p>Tuahir parecia alheio a estas tristezas. Estavam ambos sentados na sombra de uma massaleira. Um vento soprava e os frutos se embatiam, em múltiplos batuques. (p. 84)</p>	<p>Tuahir seemed unaffected by such sadness. They were both sitting in the shade of the snuff-box tree. A wind was blowing and the fruits knocked against each other in countless drumbeats. (p.84)</p>
---	--

Excerto 12

<p>Súbitos ruídos o interrompem, mais diante. Parecem vozear de gente, nas traseiras de um pequenito monte. Sobem, com cuidado. Era um homem que, do outro lado da encosta, abria um imenso buraco, facholando com afinco. (p.85)</p>	<p>They are interrupted by sudden noises up ahead. It sounds like voices coming from behind a little hillock. Taking great care, they climb up it. There's a man on the other side of the slope, carefully digging a huge hole. (p. 85)</p>
--	--

Excerto 13

<p>Saí do porão, aspirei fundo o ar salgado. Nesse dia estava Setembro, o mês que chama os temporais. O vento soprava, trazendo e levando uma chuva quente. De repente, a cabina de pilotagem se acendeu, um xipefo pintou luz em doces pinceladas. (p.96)</p>	<p>I climbed out of the hold and took a deep breath of salty air. We were now in September, the month they say is stormy. The wind was blowing, carrying on it a warmy rain. Suddenly, the pilot's cabin was lit up, and an oil lamp cast a delicate beam of light. (p. 96)</p>
---	--

Excerto 14

<p>Por onde seguia o moço, os capins se infindavam num moçambique de verdes. Os olhos de Muidinga se meninavam a ver as árvores. Em redor, já nada faz recordar a savana empobrecida. Agora a floresta floresce. Os caminhitos com a guerra se desabitaram de servir. E os capins ganharam confianças, cobrindo tudo. De repente as árvores se suspendem em</p>	<p>Along the path the boy followed, the elephant grass extended endlessly in a whole Mozambique of greens. Muidinga's eyes grow childlike when he sees the trees. Round about, nothing reminds of the stark savannah. Now the forest is thriving. The little paths have fallen into disuse because of the war. And the grass has gained in confidence, covering everything. Suddenly,</p>
---	---

clareira. Um campo se abre de cultivos pobres: milho, meixoeira , pouca mapira . (p. 100)	the trees stop and there is a clearing. A field opens up to reveal sparse crops: corn, green maize , a little sorghum . (p.101)
---	---

Excerto 15

Espreitei o corpo na distância. Realmente, o homem estava escurecido, dessa cor estagnada dos machongos . E a corda, parada em sua mão, o que seria? O mesmo miúdo me contou: o homem estava a fazer uma corda para se enforcar. Dia e noite enrolava o sisal sem nunca terminar a obra. (p.121)	I peered at the body in the distance. The man was indeed dark, of the clayish soil . And the rope lying still in his hand, what could that be? The same young lad told me: the man was making a rope to hang himself. Day and night, he would roll the sisal without ever completing the task. (p. 124)
---	--

Excerto 16

- <i>Não tenha medo. Esses gajos é que tem razão para terem medo.</i> Só o brigadeiro Silvério, seu distante amante, era um homem muito inteiro, sem minhufas de ninguém. Era por isso que os outros sempre se irritavam quando ela anunciava o breve regresso do militar. (p. 132)	"Don't be scared. These fellows here are the one's who should be scared. Only Brigadier Silvério, her distant love, was a whole man, fearful of no one. That was why the others got annoyed when she announced the soldier's imminent return. (p. 136)
---	--

Excerto 17

Fui pela estrada, tchovando Quintino. Eu tinha a mioleira toda numa trapalhada. Estava numa dessas situações em que nem a água é mole nem a pedra é dura. (p. 141)	I walked down the road, pushing Quintino. My thinking capacity was topsy-turvy. I was in one of those situations in wich the water is neither soft nor the stone hard. (p. 145)
---	--

Excerto 18

Um feiticeiro subiu a um morro de muchém e contemplou a planície. Ajeitou o chapéu feito de penas e enroscou melhor a sarapilheira como se aquele calor lhe esfriasse os ossos. (p. 200)	The witch doctor climbed to the top of na anthill and gazed at the plains. He straightened his hat of feathers and wrapped the sackcloth more tightly around him, as if that heat were chilling his bones. (p. 210)
---	--

Excerto 19

Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade. Por isso ele não insiste. Roda à volta do machimbombo . O veículo se despistara, ficara meio atravessado na rodovia. (p. 10)	Muidinga remains unconvinced. He looks at the plain; everything seems to have faded. In that land so devoid of life, to be right is something you no longer care about. For that reason, he does not press his point. He walks round the bus . The vehicle had swerved off the road. Coming to rest half across the highway. (p.2)
---	---

Excerto 20

<ul style="list-style-type: none">- <i>Mas na estrada não é mais perigoso, Tuahir? Não é melhor esconder no mato?</i>- <i>Nada. Aqui podemos ver os passantes. Está-me compreender?</i>- <i>Você sempre sabe, Tuahir.</i>- <i>Não vale a pena queixar. Culpa é sua: não é você que quer procurar seus pais?</i> - <i>Quero. Mas na estrada quem passa são os bandos.</i> - <i>Os bandos se vierem, nós fingimos que estamos mortos. Faz conta falecemos junto com o machimbombo.</i> (p. 10-11)	<p>"But isn't it more dangerous on the road, Tuahir? Isn't it better to hide in the rush?"</p> <p>"Not at all. Here we can watch the passers-by. Don't you see?"</p> <p>"You always know wverything, Tuahir."</p> <p>"It's no use complaining. You're to blame: isn't it you who wants to find your parents?"</p> <p>"That's right. But the bandits are the only ones to pass by along the road."</p> <p>"If the bandits come, we'll act like we're dead. Pretend we died along with the bus."</p> <p>(p. 3)</p>
--	--

Excerto 21

Daquele modo, nenhum cipaio lhe apertaria os engasgantes. Ele nunca destilava sura. Vida boa, aconselhava ele, é chupar manga sem descascar o fruto (pg. 15).	That way, no policeman would squeeze his gullet: he wasn't distilling sura. His advice for a good life was to suck the mango without having to peel the fruit. (p.7)
--	---

Excerto 22

Minha família também não queria que eu pisasse na loja. <i>Esse gajo é um monhé</i> . Diziam como se eu não tivesse reparado. E acrescentavam: - <i>Um monhé não conhece amigo preto.</i> (pg.24)	Nor did my family want me to step inside the shop. "The fellow's an Indian ," they would say as if I hadn't noticed. And then they would add: "An Indian doesn't have black friends". (pg.17)
--	--

Excerto 23

O inesperado, então, sucedeu-se: um	Then the unexpected happened: the
-------------------------------------	-----------------------------------

<p>estranhíssimo homem entrou na loja. Trajava as mínimas vestes, mas na compensação, exibia colares, penas, fitas, enfeitações. E me deu fundo arrepio: nos braços se enrodamam vermelhos panos, pulseiras de xicumbo, exactos como aqueles que vi saindo da cabana do defunto meu pai. (pg. 26)</p>	<p>strangest of men entered the shop. He was clad in only the scantiest of clothes, but no make up for this, he wore necklaces, feathers, ribbons and ju-jus. And he made me shiver to the core with fear: he had red cloth wound around his arms and magic bracelets, just like the ones I saw emerging from my dead father's hut. (pg. 19)</p>
--	---

Excerto 24

<p>Eu me dividia entre a escolha de um destino de briga e a procura de um cantinho calmo, onde residisse a paz. Afinal, eu estava como dizia um cantador da aldeia: no sossego, sou cego; na timaca não vejo.(p. 29)</p>	<p>I was pulled between choosing a fate as a fighter and seeking a quiet little corner to live in peace. When it came down to it, the words of the village singer described my predicament: "When I'm at peace, I'm blind; when I'm fight, I can't see". (p. 23)</p>
---	---

Excerto 25

<p>Não era a traição que lhe magoava. Custava-lhe estar falecido sem companhia. Perguntei-lhe por que razão não escolhia uma outra mulher. Respondeu que era assunto já tratado. O nhamussoro já anunciara o pedido a uma outra mulher, dessas que moram do lado da vida. (pg. 45)</p>	<p>It wasn't being betrayed which hurt him. Being dead was hard without anyone to keep him company. I asked him why he didn't choose another woman. He replied that the matter was in hand. The witch-doctor had already proposed on his behalf to another woman, one of those who dwell over in life. (pg. 41)</p>
---	--

Excerto 26

<p><i>Tio, tio! Comeram o cabrito!</i></p> <p>O velho sai aos desengonços, tropeçando pelas escadas do machimbombo. Primeiro fica parado, perplexo, a digerir névoas. Depois vai pilando raivas, mãos à cabeça, espicaçador. (pg. 48)</p>	<p>"Uncle, Uncle! The goat's been eaten!"</p> <p>The old man stumbles bumpily down the steps of the bus. At first he just stands there, puzzled, digesting the mist. Then he begins to stoke up his anger, hand to his head, provocative. (p.44)</p>
--	---

Excerto 27

<p>Os azedos de Tuahir não esvanecem durante o restante dia. A noite decorre de olhos abertos, vigilantes. O matador de cabrito regressaria? O miúdo se interroga: quem seriam os nocturnos saltinhadores?</p>	<p>Tuahir's bitterness doesn't disperse for the rest of the day. Night goes by, their eyes open and watchful. Would whoever killed the goat return? The boy wonders: who the night raiders might be? Armed bandits?</p>
--	--

<p>Matsangas? Naparamas? Simples esfomeados? Quem era que tinha sido não voltou naquela noite. (p. 49)</p>	<p><i>Naparamas?</i> Or just starving? Whoever it was didn't return that night. (p.45)</p>
---	--

Excerto 28

<p>Pois, de imediato, centenas de pessoas se lançaram em todo tipo de embarcações, das pequenas às mais mínimas para assaltarem o navio mal-fragado, a fim de servirem das ditas xicalamidades. (p.56-57)</p>	<p>Straight away hundreds of people had thrown themselves into every type of craft, from the smallish to the smallest, in order to assault the stricken ship and thus profit from the self-same disaster. (p. 53)</p>
--	--

Excerto 29

<p>E se desata a esfregar de encontro ao prostrado Muidinga, mas ciosa que ansiosa. As outras acompanham xiculuguelando, palmando. Uma por uma, todas restantes vão tirando as roupas, trapos e sacos com que se cobriam. (p. 101)</p>	<p>And she starts to rub herself against his fallen body, more heatful than fretful. One by one, the others take off their clothes, the wraps and sackcloth with which they cover themselves. (p. 102)</p>
---	---

Excerto 30

<p><i>Preciso esquecer muito-muito são coisas que assisti na administração. Eu apanhei porrada que me matou as pernas. Mas antes de mim muitos foram chambocados sem nenhuma razão.</i> (pg. 110)</p>	<p>"I've got so much to forget, things I was witness to in the administration. I was given a beaten that killed my legs. But before me, many were given the lash for no reason at all." (pg. 112)</p>
--	--

Excerto 31

<p>O homem aproximou-me o bafo. Pensei que, postos os modos de confidência, fosse falar em sussurro. Mas usou o mesmo tom de xipalapala entupido. (p.129)</p>	<p>The man parked his breath alongside mine. I thought such a confidential gesture meant that he would talk in a whisper. But he used the same tones of a muffled trombone. (p. 132)</p>
--	---

Excerto 32

<p>Conheço esse xicuembo, não pode ser de alguém daqui. Foste tu que encomendaste. Mas eu não fico em obscurantismos: isso é ação política, obra do inimigo, abuso dos símbolos da nação. (pg. 142)</p>	<p>"I know this kind of witchcraft, and it can't be the work of anyone from around here. It was you who ordered it. But I'm not interested in obscurantism: this is a political action, the work of the enemy, na abuse of the nation</p>
--	--

	and its symbols. (pg. 146-147)
--	--------------------------------

Excerto 33

<p>Virgínia sorri, grata dos meninos se introduzirem em sua família como se eles fossem tão antigos como ela. Depois, vai soltando lembranças que escorrem como lento óleo. Saltita do português para o makwa, já não distingue sua original versão.</p> <p>- <i>Como chamava o mucunha, quem lembra?</i></p> <p>- Mucunha Curucho, responde a miudagem numa só voz. (p. 160)</p>	<p>Little Virgínia smiles, grateful to the children for insinuating themselves into her family as if they were as ancient as she is. Then she releases her recollections in a dribble, like some thick oil. She hops between Portuguese and Makwa, without distinguishing the original version.</p> <p>“What was thewhite man’s name, who remembers?</p> <p>“Mucunha Curucho,” the kids reply all at once. (p. 166)</p>
---	---

Excerto 34

<p>Para não chocar nas vistas, até dava graça. <i>Um regime ganha validade, caro Estêvão, é quando contra argumentos não há factos. Mas uma coisa devemos acertar: o povinho discursa lá nas banjas mas decidimos nós é aqui, neste mesmo lugar, compreendes Estêvão Jonas?</i> (p.168)</p>	<p>As long as it wasn’t over the top, it could even be funny. “A regime gains legitimacy, my dear Estevão, when there are no facts to back up the arguments. But one thing we must agree on: populace can have its say in the meetings, but it’s we who decide things right here, do you understand, Estevão Jonas? ...” (p. 175)</p>
--	--

Excerto 35

<p>O rapaz se deita, constreito. Dois medos em si se juntam: o de tocar em Tuahir e o de se estar deitando com a morte. Maneirosa, a mão do outro lhe desvanece uma ruga que teima em seu rosto. Longe se escuta o assobio da xigovia. (p. 179)</p>	<p>The boy lies down, constrained. Two fears combine: that of touching Tuahir and that of lying next to death. Cunningly, the other’s hand smooths a wrinkle that obstinately lines his face. In the distance, the pipe of a flute can be heard. (pg. 187)</p>
--	---

APÊNDICE B

Excertos selecionados para a categoria de Estrangeirização

Excerto 36

<p>Sou chamado de Kindzu. É o nome que se dá as palmeritas mindinhas, essas que se curvam junto às praias. Quem não lhes conhece, arrependidas de terem crescido saudosas do rente chão? Meu pai me escolheu para esse nome, homenagem a sua única preferência: beber sura, o vinho das palmeiras. (p. 15)</p>	<p>My name is Kindzu. It's the same name givento the skinny little palms that bend and sway along the beach. Who doesn't know them, trees that seem to regret having grown and to miss the ground. My father choose me such a name as a tribute to his one and only predilection: drinking sura, palm wine. (p. 7)</p>
---	---

Excerto 37

<p>- <i>Esse quem era?</i></p> <p>-<i>Esse é um naparama.</i></p> <p>Naparama? Nunca eu tinha ouvido falar em gente dessa. Surendra me explicou vagamente. Eram guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que lutavam contra os fazedores da guerra.(pg. 26)</p>	<p>"Who was that?"</p> <p>"It was a naparama."</p> <p>Naparama? I had never heard of such people. Surendra gave me a vague explanation. They were traditional warriors, blessed by the witch-doctors who fought against the warmongers. (pg. 20)</p>
---	--

Excerto 38

<p>- <i>Só o nganga lhe pode ajudar. Talvez ele sabe um lugar sossegadinho.</i></p> <p>Sim eu deveria consultar o adivinho. Só ele podia saber do tal recantinho. Coisa de eu guardar meus sonhos. (pg. 31)</p>	<p>"Only the nganga can help you. Maybe he knows somewhere quite."</p> <p>Yes, of course, I should consult the medicine man. Only he could know of some little corner, somewhere I could nurture my dreams.</p>
--	--

Excerto 39

<p>Quando olhei à minha atrás vi que os remos deixavam um rasto no mar, duas linhas de buracos. Essas pegadas na água eram as marcas do chissila, esse mau-olhado que me castigava. (p. 40)</p>	<p>When I looked behind me, I saw that the oars were leaving a trail of holes in the sea. These footprints in the water were the sign of the chissila, the curse that was punishing me. (p. 35)</p>
--	--

Excerto 40

<p>Suas formas não figuravam um desenho de descrever semelhando um maufeitor vindo dos infernos. Sempre eu só ouvia falar deles, os psipocos, fantasmas que se contentam com os nossos sofrimentos. Ali estava um deles, inteiro de sombra e fumo. (p. 41)</p>	<p>His outlines were not those that are possible to describe, for he was like some malefactor straight from hell. I had only ever heard such figures talked about, the xipocos, ghosts that take joy from our suffering. And here was one of them, in all the fullness of his shadow and smokiness. (p. 36-37)</p>
---	---

Excerto 41

<p>O xipoco rodou a pá sobre a cabeça, se algazarrando em berraria:</p> <p>- <i>Entra na cova!</i></p> <p>Como eu não comparecesse ao chamamento, ele me segurou pelos braços e me puxou. Usava as violências? Não. Essa é a estranheira: ele me manejava com delicadeza, vice-versátil, quase me fosse cinturar para uma dança. (p. 42)</p>	<p>The xipoco wave the spade around above his dead , and bellowed noisily:</p> <p>“Get into the hole!”</p> <p>As I didn’t respond to his summons, he took me by the arms and pulled me forward. Did he resort to violence? No. That’s thestrangething: he handled me delicately, multi-resourcefully, almost put an arm round my waist as if sweeping me on to the dance floor. (p. 37)</p>
---	--

Excerto 42

<p>De repente, caiu dentro do meu concho um tchóti, um desses anões que descem dos céus. (p. 59)</p>	<p>Suddenly, a tchoti, one those dwarfs who drop from the heavens, fell into my craft. (p.56)</p>
---	--

Excerto 43

<p>Farida era filha do Céu, estava condenada a não poder nunca olhar o arco-íris. Não lhe apresentaram à lua como fazem com todos os nascidos da sua terra. Cumpria um castigo ditado pelos milénios: era filha-gêmea, tinha nascido de uma morte. Na crença da sua gente, nascimento de gémeos é sinal de grande desgraça. No dia seguinte a ela ter nascido, foi declarado chimussi: a todos estava interdito lavar o chão. (p. 70)</p>	<p>Farida was a daughter of the sky, and I was condemned never to be able to look at a rainbow. She was never shown to the moon as happens to all those born in her region. She was suffering a punishment that had been passed down the millennia: she was a twin daughter, and had been born out of a death. According to her people’s belief, the birth of twins was sign of misfortune. The day after she was born, a chimussi was declared: everyone was forbidden to work the land. (p.68)</p>
--	---

Excerto 44

Então, a mais velha se coloca de pernas abertas sobre seu corpo derrubado e, num puxão, se desfaz da capulana . Aparecem as usadas carnes, enrugadas até os ossos, os seios pendentes como sacos mortos (p.100)	Then the eldest stands over him, legs open on either side of his prostrate body, and with one tug frees herself of her capulana . Her worn flesh, wrinkled to the bones, breasts sagging like dead sacks, is all revealed. (p.102)
--	---

Excerto 45

A pequena vila se inclinava por uma barreira alta. Fui subindo a rua que se espreguiçava na colina, igual um penembe , esses lagartos compridões. (p. 105)	The little town was spread along a high ridge. I walked slowly up the road which stretched along the hill like a lizard, those long ones that go by the name of penembe . (p. 106)
---	---

Excerto 46

- <i>Mas você, meu filho, não se meta a mudar os destinos.</i> Afinal, eu contrariava suas mandanças, fossem os naparamas , fosse o filho de Farida: eu não estava a deixar o tempo quieto. Talvez, quem sabe, cumprisse o que sempre fora: sonhador de lembranças, inventor de verdades. (p. 107)	“But you, son, don’t start trying to change people’s destinies.” But I was disobeying his orders. Whether in the matter of the naparamas or of Farida’s son: I wasn’t letting time run its course quietly. Who knows? Maybe I was performing what had been my role from the beginning: a dreamer of memories, an inventor of truths. (p.108)
--	--

Excerto 47

Olhei a árvore e vi o passáro que, em sonho, meu pai premeditara. Era o mampfana , a ave matadora de viagens. Cantava em chilreinado. Eu me joelhei, clamando pelo meu mais velho. (p. 181)	I looked back at the tree and saw the bird that my father had portended in my dream. It was the mampfana , the bird that kills journeys. It was singing from its chirping realm. I fell to my knees and called out for my old man. (p.189)
--	---

Excerto 48

Não fora a única visão de Jotinha, suas miraginações se seguiam sempre contra o regime da realidade. Ela agora prometia outras enxurradas. Mal que trovejava, saía correndo, bradando aos sete céus: - É shima , está cair shima . (p. 186)	That hadn’t been Jotinha’s only vision, for her miraginations were continually directed against reality’s regime. Now she promised other abundances. Hardly did the thunder roll than she would rush outside shouting to all and sundry: “It’s shima , mealie flour’s falling – it’s raining flour. (p. 195)
--	--

Excerto 49

<p>O miúdo entorta o nariz decidido a desobedecer. Não queria que o animal escapasse. Procura nas redondezas um ramo à altura de receber um nó. Então se admira: aquela árvore, um djambalauero estava ali no dia anterior? Não, não estava. Como podia ter-lhe escapado a presença de tão distinta árvore? (p. 36)</p>	<p>The young boy wrinkles his nose, determined to disobey. He doesn't want the animal to escape. He looks around for a branch capable of receiving a knotted rope. Then, he gets a big surprise: the jambalau tree, was it there yesterday? No it wasn't. How could the presence of such a distinctive tree have escaped him? (p. 30)</p>
--	--

Excerto 50

<p><i>-Mas eu... o que tenho?</i></p> <p>- <i>Esta doença se chama mantakassa. Você comeu mandioca azeda, dessas amargas que fermentam venenos, dessas que chamamos de maquela.</i></p> <p><i>-Ah, a mandioca... eu sei.</i></p> <p>O velho tinha consciência do que iria acontecer em seguida. O menino desconhecia, no entanto, tudo que lhe esperava. (p. 52-53)</p>	<p>"But what... what have I got?"</p> <p>"This illness is called mantakassa. You ate sour mandioca, of the bitter type that ferments poisons, the type will call maquela."</p> <p>"Ah! Mandioca... I know."</p> <p>The old man was aware of what could happen then. But the child had no idea of what awaited him. (p.49)</p>
---	---

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary. Os estudos da tradução na pós-modernidade, o reconhecimento da diferença e a perda da inocência. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n.1, 1996.

_____. **Oficina de Tradução: A teoria na prática**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2000.

AZIRPE, Lourdes *et al.* Diversidade cultural, conflito e pluralismo. In: **Informe mundial sobre a cultura 2000**. Paris: Unesco, 2004.

BAKER, Mona. **In other words**. London and New York: Routledge, 2006.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Tradução de Mario Laranjeira e prefácio de Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BASSANI, Maria Mendes da Silva. **As relações entre tradução e alteridade na literatura regionalista de Jorge Amado e Rómulo Gallegos** - (Tese de doutorado) - Pós-graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

BENJAMIN, Walter. **A tarefa-renúncia do tradutor**. In: HEIDERMANN, Werner (org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC, 2001. Tradução de Susana Kampff Lages.

BENJAMIN, Walter. The task of the translator. Translated by Harry Zohn. In: VENUTI, Lawrence (Editor). **The translation studies reader**. London: Routledge, 2004.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral I**. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5. ed. São Paulo: Campinas, Pontes Editores, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães *et al.* 2ª edição. São Paulo: Campinas; Pontes Editores, 2006.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus: História e Problemática**. D.E.L.T.A. São Paulo, v. 16, n. 2, 2000.

BERMAN, Antoine. **A Prova do Estrangeiro**. Tradução de Maria Emília Pereira. Chanut, EDUSC, Bauru: São Paulo, 2002.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras/PGET, 2007.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**, Tradução de Marie-Helene Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Florianópolis: Copiart PGET/UFSC, 2012.

BHABA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 3.ed. 2005.

- BRANDÃO, Luis Alberto. Teoria literária e tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n.23, 2009.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. Edusp: São Paulo, 2000.
- COSTA E SILVA, Heber de Oliveira. **Tradução e Dialogismo**: Um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido. Recife: Editora Universitária, 2011.
- COUTO, Mia. Entrevista. In: LABAN, M. **Moçambique**: encontro com escritores. Porto, Portugal: Fundação Eng. António de Almeida, 1998.
- _____. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- _____. **Sleepwalking Land**, Traduzido para o inglês por David Brookshaw. London: Serpent Tales, 2006.
- DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.
- DICIONÁRIO da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014. Disponível em: <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>>. Acesso em: novembro 2014.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução de António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Rio de Janeiro: Passagens, 1992.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias contemporâneas da tradução**. São Paulo: Madras, 2009.
- GIRIBET, Gonzalo et al. Internal phylogeny of the Chilopoda (Myriapoda, Arthropoda) using complete 18S rDNA and partial 28S rDNA sequences. **The Royal Society**, Barcelona, n. 354, p.215-222, 1999.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Traduzido por Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- GONÇALVES, Perpétua. Panorama gérai do Português de Moçambique. **Revue belge de philologie et d'histoire**. Tome 79 fasc.3, 2001. Langues et littératures modernes - Moderne taal- en letterkunde. pp. 977-990.
- HALL, Stuart. Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite. In: _____. **Da diáspora**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7.ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HEIDMANN, Ute. Pôr as diferenças em diálogo: o exemplo da tradução do projeto de constituição europeia. In: RODRIGUES, Maria das Graças Soares; SILVA NETO, João

Gomes da; PASSEGGI, Luis. (Orgs.). **Análises Textuais e discursivas: metodologia e aplicações.** São Paulo: Cortez, 2010.

JAUSS, Hans Robert et al. *A literatura e leitor: os textos da estética da recepção.* Coord. E Tradução de Luís Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KATAN, David. **Translating Cultures: An introduction for translators, interpreters and mediators.** Manchester: St. Jerome Publishing, 1999.

KRÖGER, Oliver. **Report on a survey of coastal Makua dialects.** SIL Electronic Survey Reports, 2005. Disponível em: <<http://www.sil.org/silesr/abstract.asp?ref=2005-020>>, Acesso em: dez 2014.

LAGES, Susana Kampff. **Walter Benjamin: Tradução e melancolia.** São Paulo: EDUSP, 2007.

LEFEVERE, André. **Translation/history/culture: A sourcebook.** New York and London: Routledge, 2003.

_____. **Translation, rewriting and the manipulation of the literary frame.** London: Routledge, 1992b.

LEMIA, Jaime Rosário. **Pós-independência, guerra e reassentamento da população no distrito de Namacurra 1985-1998/9.** (Dissertação de Licenciatura) Universidade Eduardo Mondlane. Faculdade de Letras – Departamento de História. Maputo, 2001.

LOPES, Armando Jorge; SITO, S. Júlio; NHAMUENDE, P. José. **Moçambicanismos: Para um Léxico de Usos de Português Moçambicano.** Maputo: Livraria Universitária, 2002.

MENDONÇA, Fátima. Mia Couto, o mal amado. IN: CAVACAS *et al* (Orgs). **Mia Couto: Um convite à diferença.** São Paulo: Humanitas, 2013.

NASCIMENTO, M. F. B et al. *Corpus África: As cinco variedades africanas do português.* **XXIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística,** Lisboa. APL, 2008, p. 373-384.

NIDA, Eugene. **Towards a science of translation.** Leiden: Brill, 1964.

NIRANJANA, Tejaswini. **Siting translation: history, post-structuralism, and the colonial context.** Oxford: University of California Press, 1992.

NOGUEIRA, Maria das Graças de Castro. A tradução nas literaturas africanas de língua portuguesa: a posição de Mia Couto. **Cadernos Cespuc,** Minas Gerais, n. 19, p. 78-85, 2010.

OLOHAN, Maeve. **Introducing corpora in Translation Studies.** London and New York: Routledge, 2004.

OUSTINOFF, Michaël. **Tradução: Histórias, teorias e métodos.** Tradução de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editoria, 2011.

PAUL, Gill. **Translation in practice**: a symposium. London: Dalkey Archive Press, 2009.

PESSOA, Davi. **Experiência e reflexão**: o discurso ambíguo em *Grande Sertão: Veredas* e sua tradução italiana – (Dissertação de mestrado) - Pós-graduação em estudos da tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-Colonialismo, Identidade e Mestiçagem Cultural**: A literatura de Wole Soyinka. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

RIOS, Péron. **A viagem infinita**: estudos sobre Terra Sonâmbula de Mia Couto. Recife: Ed. Universitária. 2007.

RODRIGUES, Maria Eugênia. Cipaio da Índia ou soldados da terra? Dilemas da naturalização do exército português em Moçambique no século XVIII. **História Questões & Debates**, Curitiba, v. 45, n.10, 2006.

ROSA, Gisele Marian. **Tradução cultural**: a imagem brasileira em *Do outro mundo* de Ana Maria Machado – (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

SANTOS, Cristina Mielczarski dos. Terra Sonâmbula: Entre o dito e o ditado. **Boitatá**-Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. N. 13. Jan 2012.

SILVA, Márcia Moura da. **Análise de termos indígenas nas traduções hispano-americana, inglesa e italiana de *Macunaíma*** - (Tese de doutorado) - Pós-graduação em estudos da tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

SOUSA, Celeste H.M. Ribeiro. **Do cá e do lá**: Introdução à imagologia. São Paulo: Humanitas, 2004.

TIMBANE, Alexandre Antonio. Os estrangeirismos e os empréstimos no português falado em Moçambique. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 54, n. 2, jul-dez. 2012.

TOROP, Peeter. Translation as translating as culture. **Sign Systems Studies**, 30.2, p. 593-603, 2002.

TOURY, Gideon. **Descriptive translation studies and beyond**. Amsterdam: John Benjamins, 1997.

TYMOCZKO, Maria. The Metonymics of Translating Marginalized Texts. **Comparative Literature**, v. 47, n. 1, On Translation, p. 11-24, 1995.

TYTLER, Alexander Fraser. **Essay on the principles of translation**. California Digital Library, 2007.

UZAR, Rafael S. A corpus methodology for analysing translation. **Cadernos de Tradução**. Santa Catarina, v. 1, n. 9, 2002.

VENUTI, Lawrence. **The Scandals of translation**. London: Routledge, 1998.

_____. **The translator's invisibility**: A history of translation. London and New York: Routledge, 1995.

VIANA, Vander. **Lingüística de Corpus**: conceitos, técnicas & análises. In: VIANA, Vander; TAGNÍN, Stella E.O. (Org.). *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Hub Editorial, 2010.

WILLIAM, Jenny; CHESTERMAN, Andrew. **The Map**: a beginner's guide to doing research in translation studies. Cornwall, T.J. International LTD, 2002.

ZAMPARONI, Valdemir Donizette. **Entre "Narros" e "Mulungos"** - Colonialismo e Paisagem Social em Lourenço Marques c.1890 - c.1940. (Tese de doutorado). Pós-Graduação em História Social – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas-USP, 1998.